ABRAÇAR A VULNERABILIDADE NO CAMINHO SINODAL

UNIÃO INTERNACIONAL
DAS SUPERIORAS GERAIS

Número 178 - Julio/Agosto 2022

ABRAÇAR A VULNERABILIDADE NO CAMINHO SINODAL

XXII ASSEMBLEIA PLENARIA DA UISG 2-6 DE MAYO 2022

Boletim UISG **Número 178, 2022**

Apresentação 3

Abraçar nossa Vulnerabilidade e seu Potencial Transformador 5
Dr. Ted Dunn

Espiritualidade da sinodalidade 20
Ir. Nurya Martínez-Gayol, ACI

Sabiduría para el camino sinodal 43
Dra. Jessie Rogers

Vulnerabilidade como líder durante o tempo da pandemia 51
Ir. Mª Carmen Mora Sena, HCSA

Vulnerabilidade como missionária 56
Ir. Anne Falola, OLA

Testemunho 64
Ir. Siham Zgheib, FMM

Relatório sobre a Iniciativa da UISG:
Semear Esperança para o Planeta 68
Ir. Sheila Kinsey, FCJM

Relatório para a Assembleia Plenaria de 2022 73
Ir. Yolanta Kafka, RMI - Ir. Pat Murray, IBVM

Com o coração no ouvido 86
Ir. Maria Cimperman, RSCJ, Ir. Lia Latela, RMI, Ir. Gemma Simmonds, CJ

Conselho Directivo da UISG (2022-2025) 88

Staff da UISG 89

APRESENTAÇÃO

Neste número do Boletim apresentamos os textos das palestras apresentadas na Assembleia Plenária da UISG, realizada em Roma de 2-6 de Maio de 2022, sobre o tema "***Abraçar a vulnerabilidade no caminho sinodal***".

Dr. Ted Dunn
Abraçar nossa Vulnerabilidade e seu Potencial Transformador
Abraçar nossa vulnerabilidade, viver na plenitude de nossa humanidade com o coração aberto, é o que nos transforma. As únicas pessoas que não experimentam a vulnerabilidade são aquelas sem empatia ou compaixão. As pessoas que abraçam a vulnerabilidade conhecem sua beleza, seu potencial criativo; elas sabem que ser vulnerável é o que nos torna humanos e tem o poder de curar e transformar corações.

Ir. Nurya Martínez-Gayol, ACI
Espiritualidade da sinodalidade
O caminho sinodal é um caminho de conversão, de mudança, de abandono de caminhos e estruturas que nos deram segurança, mas que se tornaram, em algumas ocasiões, infrutíferos, em outras, obstáculos se pretendemos avançar na sinodalidade, juntos em busca de formas mais participativas e inclusivas, que nos permitam caminhar "com todos", e "com todos" para levar em consideração a realidade.

Dra. Jessie Rogers
Sabiduría para el camino sinodal
Como podemos abraçar a sabedoria da vulnerabilidade? Significa semear com esperança, mesmo quando estamos chorando, e confiar seu crescimento a Deus (Salmo 126). Significa arriscar a nós mesmas e o nosso futuro pelo bem do mundo e seu futuro. Significa aceitar que a mudança acontece não pela força, mas abraçando o outro, através da oferta da reconciliação. Precisamos absorver o modo contracultural de Jesus estar no mundo.

Ir. Mª Carmen Mora Sena, HCSA
Vulnerabilidade como líder durante o tempo da pandemia
O que vivi me leva a descobrir que **a** vulnerabilidade torna a sinodalidade possível pois torna palpável que precisamos caminhar juntos, contando com a riqueza, o apoio, a iluminação e a contribuição dos outros; e reforça minha convicção de que este é o caminho de liderança que a Vida Religiosa precisa hoje, é o da liderança que nos aproxima e nos abre aos outros e deixa Deus tomar as rédeas de nossas Congregações e do Serviço que oferecemos ao mundo.

Ir. Anne Falola, OLA
Vulnerabilidade como missionária

Somos todos vulneráveis diante de uma história humana que nos classifica como vítimas e vilões, oprimidos e opressores, ricos e pobres, civilizados e incivilizados, etc. Como missionários, somos chamados a construir a comunhão nesta diversidade abraçando sua beleza e fragilidade.

Ir. Siham Zgheib, FMM
Testemunho

Em duas ocasiões, as Superioras Maiores nos pediram para deixar Aleppo se nos sentíssemos em perigo ou se estivéssemos com medo. Cada vez e depois de um tempo de discernimento e oração, optamos por ficar e nossa resposta tem sido: «No tempo das trevas, nós não mudaremos uma decisão que temos tomado na luz ». Nós oferecemos nossa vida a Cristo. Nós não a tomaremos de volta.

Ir. Sheila Kinsey, FCJM
Relatório sobre a Iniciativa da UISG: Semear Esperança para o Planeta

Semear Esperança para o Planeta é um projeto no qual todas as Irmãs, cujas congregações são membros da UISG e suas conexões, têm a oportunidade de atualizar a Laudato Sì e de fazer a diferença nos cuidados com o planeta. Nosso objetivo é *"tornar-nos dolorosamente consciente, ousar transformar o que está acontecendo com o mundo em nosso próprio sofrimento e assim descobrir qual a contribuição que cada uma de nós pode oferecer a respeito disso"*. (LS 19)

Ir. Yolanta Kafka, RMI, Presidenta de la UISG
Ir. Pat Murray, IBVM, Secretaria Ejecutiva de la UISG
Relatório para a Assembleia Plenaria de 2022

Percebemos, cada vez mais, que através de nossos contatos com a realidade na base, através de nossa interdependência como congregações, podemos levar nossas preocupações sobre as necessidades das pessoas e do planeta a muitos encontros e contextos diferentes. A natureza profética da vida religiosa, nos chama como Superioras Gerais/Líderes Congregacionais a nos mobilizarmos como uma sororidade global. Nossa interdependência e crescente compreensão da importância de nosso testemunho profético intercultural nos convidam a desenvolver formas de construir comunhão na diversidade, no mundo de hoje.

Ir. Maria Cimperman, RSCJ, Ir. Lia Latela, RMI, Ir. Gemma Simmonds, CJ
Com o coração no ouvido

Sentimo-nos honradas e emocionadas por termos sido convidadas a participar nestes dias da assembleia da UISG que, em continuidade com o passado, está a marcar criativamente o presente e a motivar apaixonadamente a visão para o futuro da vida religiosa, partindo da sua vulnerabilidade em sinodalidade com a Igreja universal.

ABRAÇAR NOSSA VULNERABILIDADE E SEU POTENCIAL TRANSFORMADOR

Dr. Ted Dunn

Dr. Ted Dunn é psicólogo clínico licenciado e cofundador da Comprehensive Consulting Services (Serviços de Consultoria Compreensiva), em Trinity, Flórida. Ele tem mais de trinta anos de experiência no fornecimento de serviços de consultoria, capacitação e assessorias para comunidades religiosas e outras organizações religiosas nos Estados Unidos e em nível internacional. Escreve regularmente, apresenta, e trabalha com equipas de liderança e congregações a todos os níveis. O seu foco actual é orientar comunidades que discernem o apelo de Deus para uma nova vida através de processos de mudança e transformação profundas.



O SENHOR Deus disse ao seu povo:
"Fiquem nas encruzilhadas e vejam
quais são as melhores estradas, procurem saber qual é o melhor caminho.
Andem nesse caminho e vocês terão paz.
Mas eles responderam: ' Nós não vamos andar nesse caminho!' (Jeremias 6,16)

Este é um momento de acerto de contas. É nesses tempos de provação que somos testados, testados em nossa própria alma. A vida como a conhecemos, incluindo a vida religiosa, acabou e não há como voltar a ser como era antes. Estamos em uma encruzilhada agora, e temos uma escolha a fazer. Podemos escolher fortalecer nossas defesas, cuidar de nós mesmos e permanecer o mais confortável possível pelo maior tempo possível, ou podemos escolher abraçar nossa vulnerabilidade, procurar o caminho antigo e, juntos, dar luz a uma nova maneira de ser. A pergunta permanece: *Que caminho você vai escolher?*

Externamente há caos; interiormente há um novo mundo se agitando. Ouça a batida do coração para o Novo. A mudança e o tumulto em nosso mundo são sem precedentes. Acrescente a isso as mudanças complexas e rápidas que vocês enfrentam como líderes, e isso facilmente se torna estafante. Tentar entender tudo isso é como tentar beber de uma mangueira de incêndio. É difícil assimilar o que realmente pensar e sentir sobre tudo isso. É difícil ver a floresta para as árvores, ficar com os pés no chão e fazer escolhas sábias. Podemos facilmente perder a noção do que é mais importante para nós, bem como das pessoas que mais importam para nós. A pressão das demandas diárias muitas vezes tem precedência sobre o cuidado de uns pelos outros, de nossa casa comum e de nosso propósito de vida dado por Deus.

Felizmente, reservamos algum tempo para desacelerar e respirar, para ouvir o que está acontecendo. Vamos aproveitar esta oportunidade, o tempo que temos juntos, para deixar as coisas afundarem e entrar em contato com o que a vida está tentando nos dizer. Nessa encruzilhada agraciada, em meio ao turbilhão de mudanças, qual poderia ser o *convite mais profundo*? Qual é o trabalho de alma que precisamos fazer para ouvir as batidas do coração para o Novo? O que significa abraçar nossa vulnerabilidade e seu potencial transformador? Esses são os tipos de perguntas que convido vocês a refletir e compartilhar umas com as outras.

Ao iniciarmos este dia, primeiramente, gostaria de lhes dizer: Parabéns! Vocês escolheram um tema que é completamente contrário ao paradigma predominante do nosso mundo. Abraçar nossa vulnerabilidade me fala da essência da humanidade e do próprio coração da transformação. Abraçar nossa vulnerabilidade requer que abracemos a plenitude de nosso ser: a beleza e a austeridade da vida, o ciclo completo de entrega, gestação e nascimento, e todo tipo de angústia e amor. A cada novo ciclo de vida, para crescermos, devemos não apenas reconhecer humildemente nossa vulnerabilidade, mas também abraçá-la. Em outras palavras, abraçar nossa vulnerabilidade é parte integrante do trabalho interno e interpessoal de transformação. Não é uma questão de gostar ou não de ser vulnerável. A questão é: Você consegue ver o valor nisso e, por isso, escolhe abraçar esse tipo de trabalho do coração pelo potencial transformador que ele abarca?

Antes de avançar, gostaria de fazer uma pausa e fazer uma pergunta simples:

O que você está realmente procurando? Qual é o seu desejo mais profundo ou anseio mais urgente ao planejar o futuro de sua comunidade e seu futuro pessoal?

Escrevam algumas palavras ou frases em resposta a esta minha pergunta. Darei a vocês um tempo de silêncio para isso.

Uma Grande Virada

Nós não podemos viajar para o futuro sem honrar nosso passado, nossos ancestrais e nossas tradições, mas isso não pode nos levar de volta. Precisamos incluir e transcender o passado, afrouxar nosso controle sobre tradições consagradas pelo tempo e estruturas fantasmagóricas do passado, a fim de abrir espaço para o Novo. O que nos leva para o futuro é nossa coragem, criatividade e tenacidade para dar vida aos nossos anseios mais profundos evocados pela atração e pelo amor de Deus. Honrar o passado não pode significar viver no passado. Honrar nossos ancestrais não pode significar viver como eles viveram. Se realmente honrarmos aqueles que nos precederam, devemos fazer pela próxima geração o que nossos ancestrais fizeram por nós: devemos abrir espaço para o Novo. "Para que nossas vidas tenham sentido", disse Pierre Teilhard de Chardin, "devemos ter sucesso em continuar o trabalho criativo da evolução".

Todo o globo terrestre está à beira de uma transição massiva que nós, como espécie, somos parcialmente responsáveis por criar. O destino do planeta, da humanidade e das quase 10 milhões de outras espécies que habitam nossa casa comum estão interligadas. Vamos evoluir para uma nova maneira de ser ou evoluir para a extinção. Acredito que temos a responsabilidade moral de reconhecer os danos que causamos e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para transformar nossas vidas. Embora não haja garantias, acredito que temos a capacidade de transformar esta crise e ajudar a trazer o próximo salto evolutivo na história da criação.

No entanto, não serão nossos cérebros inteligentes, sozinhos, que determinarão nosso destino. Parece que somos muito melhores em fazer ferramentas do que em usá-las com sabedoria. Nosso futuro depende de nossa capacidade de fazer escolhas sábias. Precisamos reconhecer a vulnerabilidade coletiva que todos estamos enfrentando e sermos parceiros nesse trabalho de transformação. Nosso futuro depende de nossa vontade de nos unirmos por meio da colaboração intergeracional, interdisciplinar, inter-religiosa e intercultural.

A arrogância do "somente eu posso consertar" e a mentalidade "o poder faz o certo" de nossos líderes será a nossa morte. Nossos sistemas de castas patriarcais que subjugam as mulheres e marginalizam as minorias serão a nossa morte. O racismo, o sexismo e o preconceito de idade, e todas as maneiras pelas quais destruímos a dignidade da diferença e a riqueza da diversidade, serão a nossa morte. Em outras palavras, ou todos nos enforcamos, ou nos enforcamos separadamente.

Durante este período de transição, espero que vocês gastem muito tempo pensando em como cuidar melhor de seus membros, administrar suas finanças e obter o mais adequado e melhor uso de suas propriedades e construções. Mas que tal pensar no maior e melhor uso dos talentos, tempo e energia de seus membros? Que tal a sustentabilidade do carisma e da missão? Como vocês cuidarão da alma de sua comunidade? Gostem disso ou não, as comunidades são compelidas a mudar durante esse período de transição, mas também pode haver um convite mais profundo, a possibilidade de transformação e o emergir de uma vida nova?

Antes de explorarmos esse convite mais profundo, descreverei as crises que estamos enfrentando em nosso mundo de forma mais plena e convidá-las a refletir a respeito delas.

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária. Vocês não percebem isso? Uma mistura de circunstâncias naturais e provocadas pelo ser humano levou nosso planeta a um ponto de inflexão: aquecimento global, elevação do nível do mar, extinção de espécies e rios de migração. Podemos adicionar a pandemia perniciosa à crise climática, as feridas purulentas do racismo e classismo, do desprezo pelo gênero feminino e supremacia, o tráfico humano e escravidão, a injustiça econômica, desigualdade LBGTQIA, a violência, a guerra e a política tóxica e polarizadora que está trazendo a todos nós aos nossos joelhos coletivos. Eckart Tolle se refere a eles como os "Sinos da Atenção Plena", os quais estão tocando ameaçadoramente, sinalizando a ameaça existencial à nossa casa planetária e ao futuro da humanidade.

Inúmeros gênios e cientistas acreditam que estamos à beira de uma sexta grande extinção do nosso planeta. Greta Thunberg não mediu palavras quando disse: "Nós estupramos e saqueamos o planeta e colocamos em risco o futuro de nossos filhos". É uma crise existencial e evolutiva na qual nossa espécie evoluirá para uma nova consciência e uma nova maneira de ser ou se transformará em um abismo de morte e destruição. A esperança está em nossa disposição e determinação de colaborar para dar o próximo salto evolutivo para um novo nível de consciência. A questão permanece: *Quão relevante é isso na vida de vocês e qual é sua resposta a esta Grande Virada?*

Que impacto essas ameaças planetárias estão tendo em seu próprio país? Estes são apenas o pano de fundo para sua vida? Ilea Delio disse uma vez: "A criação não é um pano de fundo para o drama humano, mas a revelação da identidade de Deus". Eu não poderia deixar de concordar com isso. O mundo em que vivemos não é apenas o contexto da sua vida, ou da Vida Religiosa, é a base de onde brota a vida e o objeto de todos os seus esforços. Acredito que vocês têm um papel fundamental a desempenhar tanto na transformação do mundo, como na transformação da Vida Religiosa.

Dentro desta Grande Virada estão as mudanças tectônicas, estruturais, que ocorrem em toda a paisagem religiosa. Vocês conhecem essas também. Nos Estados Unidos, por exemplo, há um aumento na fome de espiritualidade em meio a um declínio no número de membros de todas as religiões tradicionais, especialmente entre os católicos. Aqueles sem afiliação religiosa, os Nones, são agora o maior subgrupo, superando os católicos e tendendo a aumentar.

Não apresentarei todas as mudanças demográficas para os católicos em todo o mundo. Vocês já viram todas elas antes e as estão experimentando em primeira mão. Basta dizer que as mudanças demográficas representam apenas a ponta do iceberg, uma pequena parte dos desafios enfrentados pelas comunidades religiosas. No entanto, o impacto prático dessas mudanças demográficas está exigindo enorme tempo, energia e recursos apenas para manter a vida como ela é hoje. Consequentemente, resta pouco para moldar uma visão para o amanhã.



Além desses desafios, há uma série de questões mais profundas que atingem a própria alma das comunidades. Por exemplo, o individualismo, a co-dependência, o ativismo e os direitos próprios estão minando os fundamentos da comunidade, ou seja, interdependência, co-responsabilidade, poder compartilhado e responsabilidade mútua. Consumismo, escândalos de abuso, questões de relevância, confusão de identidade, desvio de missão e outros desafios provocativos atingem a própria alma, a própria essência das comunidades.

A boa notícia é que a Vida Religiosa não está morrendo. Está se transformando, assim como tem sido através de muitas mudanças no ciclo de vida desde o tempo de Jesus. Está na vanguarda de uma consciência emergente em apoio à nossa evolução planetária. A boa notícia é que vocês fazem parte desta Grande Virada! Vocês estão, sem dúvida, trabalhando arduamente para dar sentido ao futuro e para planejá-lo. A negação que persistiu nas últimas décadas está finalmente dando lugar a esforços mais proativos de adaptação e mudança.

A boa notícia é que a morte, embora faça parte dessa transição, não será a última palavra. Essa transformação cíclica é natural a todos os sistemas vivos. A morte nunca é a última palavra; é sempre um novo começo. Esta é a promessa de Deus: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, ainda que morra; e quem vive e crê em mim nunca morrerá. Vocês acreditam nisso?" (João 11,25-26).

A Vida Religiosa ressurgirá. Mas há escolhas difíceis pela frente e não há soluções rápidas ou soluções prontas. Todas as opções que vocês têm exigirão muito trabalho. Não há escapatória. Mesmo que uma comunidade chegasse à "conclusão", haveria decisões difíceis e planos complexos a serem implementados apenas para cuidar dos negócios, sem falar no luto pelas perdas e na negociação das inevitáveis diferenças de opinião sobre todas as decisões que devem ser tomadas. Vocês conhecem essas complexidades muito bem. O único consolo, talvez, é que Deus está com vocês e não as abandonará. Esta é a *aliança* de Deus.

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária, bem como na Vida Religiosa. O que, nesta Grande Virada, tem relevância para você e como você está respondendo?

Thomas Merton disse certa vez: "Os humanos têm a responsabilidade de se encontrar onde estão, em seu próprio tempo e lugar na história a que pertencem e para a qual devem inevitavelmente contribuir com sua resposta ou suas evasões, seja verdade e ato, ou mero slogan e gesto." Reservem um momento para refletir sobre essas palavras e anotem alguns pensamentos em resposta a esta segunda pergunta em seu folheto.

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária, bem como na Vida Religiosa. O que, nesta Grande Virada, tem relevância para você e como você está respondendo?

Quando são apresentadas às comunidades a noção de transformação, sem pensar muito, a maioria vai ressoar com a ideia de transformação. Claro, por que não? Afinal,

quem seria contra a transformação? É como dizer que vocês são contra a maternidade ou a paz mundial.

Infelizmente, apesar de seu entusiasmo pela ideia de transformação, a maioria das comunidades não disponibiliza os recursos concretos, nem exerce a coragem emocional e a disciplina espiritual necessárias para fazer as escolhas difíceis para transformar suas vidas. Elas não agendarão o tempo, comprometerão suas finanças ou envolverão seus membros no trabalho árduo que isso exige. Elas vão escolher, em vez disso, o caminho bem conhecido de menor resistência. As necessidades urgentes de cuidar de seus membros, planejar o que fazer com suas propriedades e construções, e simplesmente manter a vida como ela é, preenche suas agendas e ofusca o trabalho mais profundo. Inconscientemente, pouco a pouco, as comunidades fazem escolhas mais motivadas pelo medo do que pela coragem, escolhas que quase garantem sua morte.

Algumas comunidades, uma porcentagem menor, descobrirão e se disporão à plenitude da graça nesta encruzilhada. Elas ouvirão um convite mais profundo. Elas procurarão transformar suas vidas e discernir o chamado de Deus para uma vida nova. Elas planejarão, não apenas as mudanças externas que devem ser feitas (por exemplo, finanças, saúde e os tijolos e argamassa de suas vidas), elas também abrirão suas vidas para uma caminhada interior, na floresta, através da noite escura da alma.

Há muitas opções de mudança disponíveis para as comunidades. Não importa qual opção vocês escolherem, vocês simplesmente não podem continuar a viver e funcionar como era no passado. Sem o "trabalho interno de transformação", essas opções serão pouco mais do que mudanças superficiais destinadas a aliviar os encargos administrativos e facilitar o caminho para a "conclusão".

O que te trouxe até aqui hoje não vai te levar amanhã. Helen Keller disse assim: "Uma curva na estrada não é o fim da estrada, a menos que você não consiga fazer a curva". A grande maioria das comunidades não conseguirá fazer a virada. Algumas vão esperar até que seja tarde demais e, quando despertarem, terão esgotado seus recursos e sua vontade de mudar. Outras farão apenas mudanças incrementais, acreditando que estão fazendo o que é necessário, apenas para descobrir que suas pequenas mudanças seguras não são suficientes. E algumas das comunidades mais resilientes farão essa curva com sucesso e trarão uma vida nova. Elas ajudarão a facilitar o surgimento de uma Vida Religiosa nova.

A adaptação é absolutamente necessária, mas o como vocês se adaptam é fundamental. De acordo com Thomas Friedman, a quantidade de mudança que experimentaremos nos próximos 100 anos excederá a mudança experimentada em toda a nossa história humana.[1] A nossa capacidade de adaptação a este ritmo acelerado de mudança será grandemente desafiada. A grande maioria das comunidades será extinta durante este ciclo da Vida Religiosa porque seus esforços de adaptação não terão sucesso. Felizmente, sabemos o porquê.

Aqui estão sete dos esforços comuns mais equivocados. São eles:

1. **Faça novas versões do passado melhoradas.** Assim como as novas versões aprimoradas de pasta de dente ou sabonete, as comunidades farão versões novas e aprimoradas de si mesmas. Elas tentarão fazer o que sempre fizeram, apenas um pouco melhor.
2. **Tente mais arduamente, não de forma diferente.** Elas vão se esforçar mais para apertar o cinto, reduzir despesas, adiar a aposentadoria, reduzir, redimensionar e reaproveitar construções, esperando um resultado diferente, em vez de tentar de maneira diferente.
3. **Aposte no seguro, em vez de inovar.** Elas vão investir no que é seguro, em

vez de inovar, por medo de fazer maus investimentos, perder sua reputação ou fracassar. Como se vê, investir no seguro é a escolha mais arriscada de todas.

4. **Envolva-se em mudanças incrementais, em vez de profundas.** Elas favorecerão pequenas mudanças onde os resultados são previsíveis, as conversas são gerenciáveis e as coisas são mais controláveis, em vez do caos de mudanças profundas.
5. **Evite algo ruim, em vez de criar algo bom.** Elas se preocuparão mais em cometer erros, em vez de concentrar sua atenção e recursos em novas possibilidades.
6. **Baixe as mesmas informações, em vez de criar um novo sistema operacional**. Elas baixarão as mesmas informações usando o mesmo sistema operacional, em vez de criar um novo sistema operacional, uma mudança de consciência, que permita o surgimento de novas possibilidades.
7. **Concentre-se na mudança externa, em vez do trabalho interno**. Elas se concentrarão em mudar o que está na superfície de suas vidas (terra, construções, finanças, ministérios e o número de pessoas na liderança) e ignorarão amplamente o que está por baixo, o trabalho pessoal e interpessoal de transformação.

O denominador comum aqui, se vocês ainda não perceberam, é o medo. Se as comunidades não quiserem permanecer uma cultura analógica em um mundo digital, elas precisarão de muita coragem para se adaptar e mudar. Tomem um momento e anotem alguns pensamentos em resposta a esta terceira pergunta.

Sua comunidade está passando por algum desses esforços equivocados? Quais e como você entende isso?

A adaptação e as mudanças, embora sejam necessárias, por si só não são esforços suficientes, se o desejo é transformar. Há, ainda, um convite mais profundo. Para chegar a esse convite mais profundo, farei a distinção entre mudança e transformação. A mudança é um evento externo, um novo arranjo das coisas e, às vezes, um convite à transformação. No entanto, como dizem em Alcoólicos Anônimos: "Você pode mudar onde mora, mas leva seus padrões com você".

Em outras palavras, se mudarmos apenas as coisas superficiais e ignorarmos o trabalho mais profundo, a velha história migrará para um novo local. Nós a levamos conosco para nossos novos relacionamentos, novos lugares de trabalho ou novos lugares de vida. Ao longo dos anos, ficamos presos por essas velhas histórias, velhas estruturas, velhas formas de pensar e formas padronizadas de viver. Isso é o que Freud chamou de "compulsão à repetição" ou o que Einstein chamou de "traição da alma". Em outras palavras, você pode fazer mudanças externas, mas isso não é o mesmo que uma transformação.

A transformação, ao contrário, é um processo interno, uma caminhada que muda o significado e o propósito de nossas vidas. Ela muda os padrões e práticas de nossas vidas e as estruturas que as sustentam. Muda nossa identidade e realinha nossa alma com sua expressão externa. É o que Carl Jung quis expresser quando disse: "Os maiores problemas da vida nunca podem ser resolvidos, apenas superados". Transformação não é solução de problemas. É um salto no processo de amadurecimento, um realinhamento da alma para a superfície da vida.

O exemplo mais óbvio aqui seria sua decisão de entrar na Vida Religiosa. Isso foi mais do que uma mudança. Foi uma transformação. Você não mudou apenas o que vestia, onde morava ou seu título. Você transformou seus relacionamentos e compromissos primários, seu ritmo, práticas e rotinas diárias, seus valores e visão de mundo, sua identidade e significado e propósito de vida, e você transformou seu relacionamento com Deus. Foi

uma experiência de mudança de alma que abriu uma narrativa inteiramente nova para sua vida. É o Mistério Pascal, não como um saber intelectual, mas como uma fé viva e um saber experiencial.

No entanto, todo novo começo vem do fim de algum outro começo. A crise sempre precede a transformação, mas não insiste nela. Uma crise, por definição, é uma situação em que nossa capacidade de lidar é superada pelos fatores estressantes que enfrentamos. Quando em crise, temos a opção de mudar na tentativa de aliviar a dor ou transformar a dor em um novo começo. Na maioria das vezes, tentamos mudar reduzindo os fatores estressantes ou aumentando nossa capacidade de lidar com as situações. Às vezes, porém, escolhemos o caminho menos percorrido, um caminho de *transformação* que traz uma vida nova.

O que acontece numa encruzilhada agraciada? No verso da folha, você verá uma tabela com as palavras “Encruzilhada agraciada” e “Convite mais Profundo”. Deixe que o lado



esquerdo represente sua experiência pessoal e o lado direito represente sua experiência comunitária.

Agora peço que vocês reflitam por um momento sobre dois tipos de transições. A primeira será uma de suas próprias transições pessoais, de mudança de vida, passadas ou presentes. A segunda será a transição que sua comunidade está enfrentando agora. O objetivo desta reflexão é aproveitar sua experiência pessoal como um meio para ajudá-las a apreciar o que sua comunidade está enfrentando agora.

Todos nós já estivemos aqui, onde o chão abaixo de nossos pés muda e somos postos de joelhos, somente para sermos transformados, não apenas mudados. Lembrem-se por um momento de uma encruzilhada em sua própria vida, uma do passado ou uma atual. Pode ser uma doença grave, uma perda de emprego, a morte de um membro da família ou amigo próximo, ou um relacionamento ou compromisso rompido que vocês prometeram preservar. No lado esquerdo do papel, anotem uma palavra, frase

ou imagem que capture sua experiência pessoal de encruzilhada. Lembrem-se, também, de seu convite mais profundo e anote-o. Darei a vocês um momento para recordar tal experiência e seu convite mais profundo.

Agora reflitam sobre a transição que sua comunidade está enfrentando neste momento. Como vocês descreveriam essa encruzilhada? No lado direito do papel, procure dar um título, um nome. Anotem uma palavra, frase ou imagem que capture a encruzilhada que sua comunidade está enfrentando agora e qual poderia ser o convite mais profundo? Darei a vocês um tempo para isso. Agora, guardem suas experiências pessoais e comunitárias em suas mentes e corações enquanto eu descrevo algumas das coisas que acontecem nessas encruzilhadas e os convites mais profundos que elas podem oferecer.

Os Alcoólicos Anônimos chamam essas experiências de "atingir o fundo", o ponto em que somos forçados a admitir que há um problema grave e precisamos buscar ajuda. Não é hora de jogar a toalha, mas de reconhecer que, sozinhos, não somos suficientes

Uma encruzilhada agraciada, embora seja um lugar doloroso, pode ser ao mesmo tempo um lugar profundamente libertador para se estar, se permitirmos.

para realizar nossa própria cura ou abrir uma nova porta para o futuro. Pessoas de fé cristã podem chamar isso de "noite escura da alma". Para as comunidades, como em nossas vidas pessoais, isso pode ser uma "encruzilhada agraciada".

Uma encruzilhada agraciada, embora seja um lugar doloroso, pode ser ao mesmo tempo um lugar profundamente libertador para se estar, se permitirmos. Pode ser um lugar de refúgio onde alegremente "tomamos o jugo" (Mateus 11,29). Por mais doloroso que seja, numa encruzilhada agraciada há um sentimento de libertação e alívio quando deixamos de negar nosso próprio sofrimento ou lutar contra ele. É libertador para nós, para uma comunidade, uma vez que deixamos de lado todo o sofrimento desnecessário que vem de nossas tentativas exaustivas e fúteis de nos agarrar ao que não está mais funcionando, de controlar o que está fora de nosso controle e de negar, de culpar e de envergonhar a nós mesmos ou aos outros por nosso sofrimento.

Quando chegamos ao fundo do poço, começamos a saber o que é realmente real, quem está lá para nós e quem não está, quem acredita em nós e quem não acredita. Quando chegamos ao fundo do poço e finalmente aceitamos a mão que recebemos, começamos a fazer perguntas para as quais não há respostas imediatas, mas para as quais as respostas devem ser encontradas. Com a nossa negação eliminada, podemos começar a ouvir e buscar essas respostas. Podemos começar a ouvir aquela voz mansa e delicada sussurrando um convite mais profundo (1 Reis 19,11-13). Os celtas chamam isso de tempo "fino", ou um lugar onde o véu entre os dois mundos do céu e da terra é fino. Christine Paintner, em *O amadurecimento lento da alma,* chama isso de "tempo limite", quando estamos passando de um tempo e uma tomada de consciência para outra. É um lugar onde podemos fazer "conexões mais profundas com o divino".[2]

A graça floresce em todos os cantos da criação, mas nunca estamos mais conscientes de sua presença e receptivos a seus caminhos do que quando estamos em tal encruzilhada. A graça, solicitada ou não, vem a nós, quer estejamos cientes disso ou não. Quando chegamos a uma encruzilhada, individualmente ou em comunidade, a dor que devemos suportar nos esvazia. Estamos esvaziados de toda arrogância e despojados de nossas defesas. É aqui no profundo silêncio da busca da própria alma que nos deparamos com aquelas partes de nós mesmos que rejeitamos, partes escondidas de nós mesmos e daqueles que amamos. É aqui, nesta encruzilhada, que a graça abre caminho em todos os cantos e recantos do nosso ser.

Uma encruzilhada agraciada, para indivíduos e comunidades, é um lugar onde Deus continuamente coloca diante de nós escolhas entre a vida e a morte. Deus acena, nos implora para escolher a vida, mas essas escolhas são sempre nossas. As comunidades religiosas estão agora em uma encruzilhada agraciada, um limiar entre o que foi e o que ainda está por vir. Aqui, nesta encruzilhada agraciada, está um *convite mais profundo*: *Escolham a vida* para que seus descendentes possam viver. *Escolham a vida* para que vocês possam viver mais plenamente no tempo que lhes resta. *Escolham a vida* para que possam participar da transformação da Vida Religiosa e de nossa casa planetária, trazendo Cristo ao mundo.

Em cada crise, em cada encruzilhada agraciada, há um convite mais profundo. Olhem novamente para o que vocês perceberam como encruzilhada agraciada e seu convite/apelo mais profundo. Vou lhes dar um momento para anotar quaisquer outras reflexões que possam estar surgindo dentro de vocês.

Qual é a sua experiência de encruzilhada agraciada e seu convite mais profundo?

O Divino Mistério Pascal da transformação está além de nossa compreensão, mas certamente não acontece sem nossa participação ativa. O jovem, Martin Luther King Jr., sentado numa cela de prisão, escreveu: "O progresso humano nunca rola nas rodas da inevitabilidade; vem através dos esforços incansáveis de homens (e mulheres) dispostos a ser cooperadores com Deus". Vocês podem tentar planejar seu futuro ou criar as condições para que a graça interceda. Para dar o primeiro, vocês devem presumir saber qual é o futuro. Para darem o ultimo passo, vocês precisam aprender a cooperar com a graça e fazer o trabalho interior de transformação.

Não muito longe de onde minha filha, Kelly morou, há um lugar chamado Death Valley, Vale da Morte. Vale da Morte é o lugar mais quente e seco dos Estados Unidos. Nada cresce lá porque não chove. Daí o seu nome. No entanto, em raras ocasiões, contra todas as probabilidades, chove no Vale da Morte. E quando isso acontece, todo o chão do Vale

da Morte fica coberto de flores, um fenômeno chamado de "superfloração". O que isso nos diz é que o Vale da Morte não está realmente morto. Está adormecido. Logo abaixo da superfície estéril estão sementes de possibilidades esperando que as condições certas surjam. Em outras palavras, em sistemas orgânicos, *se as condições forem adequadas, a vida é inevitável. Isso acontece o tempo todo.*

Quando vocês pensam em moldar seu futuro, poderia ajudá-las pensar nisso como uma abordagem mais baseada nos princípios da agricultura. Eu não sou agricultor, mas sei o suficiente para reconhecer que a agricultura, como o crescimento e a transformação humana, não é um processo linear ou mecânico. É um processo orgânico e emergente. E vocês não podem prever ou projetar o resultado de processos orgânicos. Tudo o que vocês podem fazer, como a agricultura, é criar as condições sob as quais a vida possa florescer; plantar as sementes e deixar Deus cuidar do resto.

Qual é o trabalho interior de transformação que ajuda a criar as condições para que a graça interceda e para que a vida floresça? Em meu trabalho com mulheres e homens religiosos em diferentes culturas, ofereci a eles uma abordagem que se baseia nos princípios e processos de transformação. É um meio de cooperar com a graça que descrevi em meu livro, Encruzilhada Agraciada, *Graced Crossroads*.[3] Não posso descrever os princípios em detalhe, mas darei a vocês uma versão abreviada. Vocês têm uma folha sobre isso, também.

Estes são os 5 elementos dinâmicos que, quando entrelaçados, constituem o processo chave para uma transformação pessoal e comunitária:

1. Mudanças na consciência: criar uma nova narrativa
2. Recuperar nossa voz interior: a sede e a alma de tudo o que vive
3. Reconciliação e conversão: o ventre do nosso vir a ser
4. Experimentação e aprendizado: abrir caminho para um novo jeito de ser
5. Visão transformadora: ouvir nossos anseios mais profundos

Esses cinco elementos dinâmicos compõem o trabalho interior de transformação, formas de cooperar com a graça e criar as condições para o surgimento de uma vida nova. O que esses processos compreendem e esse trabalho interior exige é exatamente o tema desta reunião: nossa disposição de baixar nossas defesas e abraçar nossa própria vulnerabilidade com dependência radical da graça de Deus. Exige que tiremos nossas máscaras e adotemos toda a medida do que significa ser humano, não apenas nossas alegrias e talentos, mas nossas fraquezas, fragilidades e emoções cruas e nuas.

Este caminho para mudanças e transformações profundas, como eu disse, não é para os fracos de coração. É preciso coragem para arriscar a rejeição quando abrimos nossos corações e compartilhamos nosso verdadeiro eu com os outros. É preciso coragem para se render e deixar de lado as pessoas e lugares que uma vez amamos, um modo de vida que uma vez apreciamos, para dar lugar à vida nova. É preciso ter coragem para reconciliar, oferecer e buscar o perdão e perseguir nossos anseios mais profundos diante da resistência de nossa família e comunidade. E para as comunidades que escolhem seguir este caminho, para fazer esta caminhada do Êxodo, precisarão de líderes que, corajosamente, aceitem suas próprias vulnerabilidades e ajudem seus membros a fazer o mesmo.

Coragem, é claro, não é a ausência de medo, mas a vontade de agir diante dele. A palavra raiz para "coragem" é coração; significa ter coração. Precisamos dissipar o mito e as normas masculinas de que ser vulnerável é algum tipo de falha de caráter. De alguma forma, temos esse mito de que os líderes devem mostrar uma força inabalável, agir profissionalmente, esconder-se atrás de certezas e mascarar quaisquer emoções que possam desmentir essa imagem. Eles devem se proteger contra mágoa ou rejeição

e fingir que são legais e calmos quando não são. Eles devem falar de seu intelecto e esconder seu coração. É loucura e morte!

Estudos transculturais sobre liderança deixam bem claro que as qualidades mais importantes de um líder devem ser fundamentadas, honestas, reais e relacionáveis. Um líder confiável é alguém corajoso o suficiente para arriscar a possibilidade de fracasso ou de parecer um tolo em busca de algo mais nobre. Não foi isso que seus fundadores e fundadoras fizeram? Como você pode ser um líder confiável se você não é fundamentado, honesto, real e relacionável, compartilhando generosamente seus dons e talentos, bem como suas fraquezas, fragilidades e sentimentos?

As pessoas precisam de líderes compassivos, não apenas inteligentes; empáticos, não apenas intelectuais; reais e relacionáveis, não superiores ou distantes. Precisamos de líderes que nos inspirem por causa de sua humanidade, não apesar dela. Não foi isso que Jesus fez por nós? Ele não blindou seu coração e desenvolveu uma "pele mais

Abraçar nossa vulnerabilidade, viver na plenitude de nossa humanidade com o coração aberto, é o que nos transforma.

espessa", como muitos líderes são aconselhados a fazer. Ele não se escondia dos outros nem pregava do púlpito. Ele estava bem ali conosco, inteiramente vulnerável, arriscando tudo, absolutamente divino em sua humanidade. Não é por isso que nós nos inspiramos nas vidas de Nelson Mandela, Madre Teresa, Mahatma Gandhi, Teresa de Ávila, Martin Luther King, Dorothy Day e Oscar Romero? Não é isso que nos comove quando ouvimos Dalia Lama, Greta Thunberg, Desmond Tutu, Amanda Gorman, Thich Nhat Hanh, Malala Yousafzai e qualquer um que nos presenteia com sua paixão e presença absolutas, sua humildade e humanidade?

Abraçar nossa vulnerabilidade é um paradoxo, como tantos ensinamentos bíblicos. A interpretação literal parece tola. Sua sabedoria, para aqueles que ouvem, está abaixo da superfície. "Pois quando sou fraco, então sou forte" (2 Coríntios 12,11). "Os últimos serão primeiros, e os primeiros serão os últimos" (Mateus 20,16). "Pois quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la, mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará" (Mateus 16,25).

Abraçar nossa vulnerabilidade, viver na plenitude de nossa humanidade com o coração aberto, é o que nos transforma. As únicas pessoas que não experimentam a vulnerabilidade são aquelas sem empatia ou compaixão. As pessoas que abraçam a vulnerabilidade conhecem sua beleza, seu potencial criativo; elas sabem que ser vulnerável é o que nos torna humanos e tem o poder de curar e transformar corações. Elas sabem que não podemos anestesiar seletivamente nosso medo, vergonha ou culpa sem também extinguir nossa alegria, amor e compaixão. As pessoas que a abraçam em si mesmas podem abraçá-la também nos outros. Vou dar-lhe um momento para anotar suas reflexões sobre esta questão.

Abraçar sua vulnerabilidade é a chave para o trabalho interno de transformação. De que maneiras você e sua comunidade estão abraçando sua vulnerabilidade e se engajando num trabalho de transformação interior?



Resumo

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária. As velhas histórias estão desmoronando à medida que novas estão surgindo. Não há como voltar a ser como as coisas eram. Estamos numa encruzilhada agora e temos uma escolha a fazer. Podemos reagir por medo e seguir o caminho bem trilhado de menor resistência ou podemos acordar e responder com coragem em busca do antigo caminho.

É fácil perder a esperança em tempos como esses, quando os desafios são tão grandes, complexos e mudam rapidamente. Durante um dos momentos mais sombrios da minha encruzilhada pessoal, confessei à minha esposa, Beth, que não podia mais me permitir ter esperanças porque não suportava a dor da decepção. Beth colocou os braços em volta de mim e disse: "Vou levar a esperança para você". Nunca me senti tão amado. A esperança de uma vida nova não depende de sua capacidade de recrutar novos membros

ou prolongar sua longevidade. Ela repousa nos corações dos membros existentes ou não há esperança alguma.

Levar a esperança uns para os outros, para os membros que não têm mais esperança e para o nosso mundo onde a esperança é escassa.

O mundo precisa não apenas de sua esperança, mas de sua participação ativa como agentes de transformação. O que poderia ser mais necessário agora do que *encarnar a sabedoria* em um mundo cada vez mais desvinculado da verdade, hipnotizado pela mídia e manipulado por políticos egoístas. Precisamos de sua *presença compassiva* em nosso mundo ferido, tão propenso a envergonhar, culpar e usar bodes expiatórios. Precisamos de modelos de *comunidade viva* em nosso mundo em que parecemos mais interessados em construir muros do que em pontes. O que poderia ser mais necessário agora do que *encarnar os valores Evangélicos* de amor, bondade, inclusão, reciprocidade, perdão, justiça restaurativa e misericórdia num mundo tão polarizado e propenso à violência?

Thomas Merton nos diz que a graça nos é concedida na medida em que "nos dispomos a recebê-la".[4] Basta criarmos as condições para que a graça interceda e nos disponhamos a recebê-la". Para que uma comunidade faça isso, ela precisará se engajar não apenas na mudança organizacional, mas escolher abraçar *o trabalho de transformação pessoal e interpessoal*. É certo que o trabalho pessoal e interpessoal é muito mais confuso, íntimo e doloroso do que a mudança organizacional, e é exatamente por isso que a maioria dos grupos o evita. No entanto, os membros e as comunidades que eles criam são o coração e a alma, a cola que mantém tudo junto. Se não houver um foco concentrado na transformação pessoal e comunitária, *o que você terá e quem você será ao final de toda a sua mudança organizacional?*

A transformação não é um jogo de tabuleiro e não vem em uma caixa com um conjunto de instruções. Não acontece como resultado de um grande discurso ou assembleias bem preparadas. Ela não se encaixa perfeitamente em cronogramas artificiais, como termos de liderança ou ciclos de Capítulos. Não é um plano estratégico. Nesse sentido, é mais uma peregrinação do que um plano, mais sobre o tipo de pessoa que você está se tornando, do que um esforço para criar algum tipo de grande visão. Se você quer um plano estratégico, descubra o que fará Deus sorrir e então implemente-o. Aí está o seu plano estratégico.

A transformação é um processo contínuo de conversão que ocorre ao longo do tempo como resultado de nossa coragem, criatividade e tenacidade. Fazer esse tipo de trabalho de alma exige que aceitemos nossa vulnerabilidade, admitamos que somos humanos, abençoados e quebrados e paremos com a loucura de falar apenas em nossas cabeças, nosso intelecto. Temos que nos unir e rejeitar essa loucura do individualismo. Ninguém é solista. A antiga linguagem africana do *Ubuntu* nos diz: uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas, que minha humanidade está presa, ligada, inextricavelmente, com a sua. Precisamos lembrar que pertencemos um ao outro, que fomos feitos um para o outro. Madre Teresa disse uma vez: "Se não temos paz, é porque nos esquecemos uns dos outros".

Agora é um tempo de ajuste de contas, e é nestes tempos de provação que somos testados, testados em nossa própria essência, nossa alma. Agora vamos aprender quão grande ou pequeno é nosso coração, quão misericordioso, quão cuidadoso, quão fiel, quão responsável ainda temos que ser. Rezo para que todos nós tenhamos a força de lembrar que a vida é frágil. Todos somos vulneráveis. Todos nós vamos, em algum momento de nossas vidas, tropeçar e cair. Devemos levar isso em nossos corações: o que nos foi dado é muito especial; ele pode ser tirado de nós e, quando nos for tirado, seremos testados em nossas próprias almas. É nestes tempos, e neste tipo de dor, que

somos convidados a olhar para dentro de nós mesmos, seguir o caminho ancestral e contar com o nosso Amor para nos guiar.

Durante os tempos de transição, quando toda esperança parece desaparecer, o véu entre a vida comum e a Presença Divina torna-se tênue, e a graça se torna mais abundante. Aqui, numa encruzilhada agraciada, há um *convite mais profundo:* ouça a atração e o amor de Deus chamando você a escolher a vida, não apenas para nós mesmos, mas para todas aquelas pessoas a quem professamos nosso amor, nossos descendentes e gerações futuras. O mundo precisa de vocês agora como fermento, como sal, como o remanescente que Deus pode usar para transformar o mundo. Não importa sua idade, seu trabalho ou circunstâncias, você pode ser uma presença que transforma.

Pergunto novamente: O que vocês estão procurando? Uma caminhada de transformação é para as pessoas que são corajosas o suficiente para ouvir e responder a um convite mais profundo. É para aquelas que, abraçando sua vulnerabilidade e fazendo seu trabalho interior, podem aprender a cooperar com a graça e participar deste Divino Mistério de transformação. Aquelas que participarem dessas formas terão a oportunidade não apenas de se transformar, mas ajudarão a facilitar o surgimento de uma Vida Religiosa nova, de um novo mundo em movimento. Elas colocarão sua marca nesta Grande Virada e adicionarão uma página à história contínua da criação.

Obrigado pelo privilégio de sua presença.

"Fique na encruzilhada e olhe."

O que você está procurando e qual é o caminho que você está trilhando?

1 Thomas L. Friedman, The World Is Flat : A Brief History of the Twenty-First Century, 1st further updated and expanded hardcover ed. (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007).

2 Christine Valters Paintner, The Soul's Slow Ripening : 12 Celtic Practices for Seeking the Sacred, (Notre Dame: Sorin Books,, 2018). p.1.

3 Ted Dunn, Graced Crossroads: Pathways to Deep Change and Transformation (St. Charles, MO: CCS Publications, 2020).

4 Thomas Merton, The Ascent to Truth, A Harvest/Hbj Book (New York ; London: Harcourt Brace Jovanovich, 1981), p.5.

ESPIRITUALIDADE DA SINODALIDADE

Ir. Nurya Martínez-Gayol, ACI

Nurya Martinez-Gayol Fernández é Irmã da Congregação das Servas do Sagrado Coração de Jesus. Nascida em Oviedo (Astúrias-Espanha), é formada em Química-Física. Estudou Teologia na Pontifícia Universidade de Salamanca e se formou em Teologia Dogmática na Universidade de Deusto (Bilbao). Fez doutorado em Teologia Dogmática na Universidade Gregoriana de Roma sobre o tema da Glória de Deus em Inácio de Loyola (Madri, 2005).
Em 2002 começou a lecionar na Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia Comillas, no Departamento de Teologia Dogmática e Fundamental, onde desenvolve sua tarefa docente e na área da pesquisa. Ela colabora com o GEI (Grupo de Pesquisa Inaciana) desde 2005 e leciona Espiritualidade Inaciana no curso de Mestrado em Espiritualidade Inaciana e na Escola de Diretores de Exercícios Espirituais.



1. O que dizemos quando dizemos espiritualidade?

- A Espiritualidade: uma qualidade relativa ao espírito (etimologia)

De acordo com sua origem etimológica[5], a espiritualidade é uma qualidade relativa ao espírito. A condição e a natureza do espiritual.

- A Espiritualidade como fonte de vida

Os dicionários traduzem "espírito" como "respiração vital". Como o ar que nos envolve e respiramos é fundamental para a vida de qualquer pessoa, é a fonte da vida que nos faz existir. Portanto, podemos dizer que a espiritualidade está presente como um princípio que dá vida a qualquer ser humano e como uma forma de relacionar-se desde o mais profundo de si mesmo com aquela "fonte de vida", ou com uma alteridade que nos transcende. Para nós, obviamente, essa fonte é Deus (o seu Espírito).

- A Espiritualidade como habilidade social

A espiritualidade nos torna profundamente conscientes de que viver é "com-viver", que a vida é "comunhão". Ela não só nos conecta com a nossa "fonte de vida", mas também com outras pessoas. Portanto, o aspecto relacional é vital em toda a espiritualidade.

Assim, a espiritualidade foi definida como a capacidade social de cuidar das relações em todos os níveis, a fim de promover uma vida plena e com significado.

- A Espiritualidade como motivação

A espiritualidade de uma pessoa é a parte mais profunda de seu ser; ela diz respeito às suas motivações, aos ideais, à sua paixão. *"A Espiritualidade é a motivação que permeia os projetos e compromissos de vida"* (Segundo Galilea). E, portanto, é algo que tem a ver com a raiz que move a própria vida e suas relações fundamentais, sua intencionalidade e sua atividade. Poderíamos dizer que a espiritualidade define o modo de vida de uma pessoa.

- A Espiritualidade como um estado de espírito, como inspiração da atividade de uma pessoa ou comunidade

A Espiritualidade, como é também uma realidade comunitária, pode ser definida como a consciência e a motivação[6] de um grupo, de um povo[7].

A espiritualidade de um sujeito, comunidade ou povo é uma forma de ser e de relacionar-se com a totalidade da realidade, com o que esta tem de transcendente e de história.

Perguntar sobre a "vida espiritual" é, naturalmente, perguntar sobre o cultivo do silêncio, da oração, da contemplação, mas também sobre a vida social e cívica, sobre o compromisso sociopolítico, sobre o uso do dinheiro e do tempo, sobre a seriedade e a honestidade no trabalho, sobre suas formas de buscar a felicidade, de enfrentar a dor, sobre a maneira como vivem sua vida diária, etc.

A espiritualidade deve ser enquadrada em todas estas perspectivas entrelaçadas. Cada dimensão é co-determinante e está co-determinada por outras.

- O Espírito nos faz levar em consideração a realidade. Exigência de discernimento.

A espiritualidade cristã é uma forma de viver o Evangelho pela força do Espírito, mas é também, ao mesmo tempo, uma forma de apreender a realidade e, portanto, de lidar com ela. Por isso, é a mesma ação do Espírito que nos impulsiona, de uma maneira específica, a lidar com a realidade.

Se entendemos, portanto que a "espiritualidade é o modo como lidamos com a realidade, COM A MANEIRA COMO LEVAMOS EM CONSIDERAÇÃO A REALIDADE, a história que vivemos com toda a sua complexidade, poderíamos nos perguntar *que espírito/que modo é adequado e qual não é em cada momento da é história"*[8]. Daí a importância do *discernimento* como "instrumento ou mediação", para este fim.

Em nosso caso, a espiritualidade será então o espírito com o qual nós levamos em consideração esta realidade em que vivemos e para a qual somos enviadas, ou seja, da *Missio Dei*. E o discernimento será a ferramenta que nos permite harmonizar este espírito ou estado de espírito ao "Espírito de Deus" que nos guia neste empreendimento.

Na realidade, as várias espiritualidades que surgiram na vida da Igreja e que foram se concretizando nas diversas formas de vida religiosa e famílias, foram exatamente isso, um deixar que o Espírito conduza a um ou outro modo de "levar em consideração a realidade", respondendo às suas necessidades ao longo da história.

A partir desta concepção, perguntar-nos que espiritualidade temos, significa perguntar-nos *que espírito nos move no dia a dia, com que espírito enfrentamos a realidade aqui e agora, com que espírito enfrentamos a Misio Dei*.

E esta será uma questão central para nós, a fim de podermos olhar o que significa falar de uma espiritualidade sinodal.

E também tomar consciência do que esta forma de entender a "espiritualidade" exige de nós como uma forma de viver, de "levar em consideração" - e portanto "responsabilizarmo-nos e encarregarmo-nos"[9] - da história, da realidade, dos problemas sociais, políticos,

econômicos, religiosos, etc., de nossa situação multicultural concreta, no "aqui e agora" da sinodalidade.

A espiritualidade revela-se, desta forma, como um caminho de vida, um camino de experiência, um camino de busca, um caminho humano-divino que abraça todo o humano (corpo, sentidos, cultura, sociedade...), o carregar sobre si e encarregar-se do ser humano e orientá-lo até seu destino em Deus.

2. Sinodalidade: um termo plural.

A Comissão Teológica Internacional (CTI) descreve a sinodalidade como uma dimensão constitutiva da Igreja[10] em três sentidos, indo do mais externo e concreto ao mais essencial. Em primeiro lugar, a sinodalidade designa certos aconteciemntos que denominamos *sínodos*, convocados pela autoridade competente e de caráter pontual. Em segundo lugar, a palavra indica as *estruturas e processos eclesiais* que se encontram

A espiritualidade sinodal deve ser uma espiritualidade de escuta porque a primeira coisa que precisamos para "levar em consideração a realidade do mundo" é "escutá-lo" e "escutar a nós mesmos".

ao serviço do discernimento. Por último, o significado mais esencial do termo remete a um estilo peculiar que caracteriza a vida e a missão da Igreja. Este é o sentido que vamos usar nesta apresentação[11].

Nós, imediatamente, somos capazes de perceber a conexão existente entre o modo de compreender a "espiritualidade" – uma maneira de levar em consideração a realidade - e a "sinodalidade" – um estilo peculiar que caracteriza a vida e a missão da Igreja –.

A sinodalidade indica um modo de viver e de agir que define a comunidade eclesial tanto em suas relações *ad intra* como *ad extra*. Porém, além disso o significado etimológico da palavra sínodo[12] nos permite entendê-la como um "caminhar juntos".

Portanto, o que estamos seguindo é uma forma particular de caminhar juntos como Igreja (sinodalidade), a fim de - mais e melhor - poder "levar em consideração" o mundo (espiritualidade). Nisso consiste a espiritualidade sinodal, em levar em consideração a realidade, do mundo, da Missio Dei, caminhando juntos.

Como "levamos em consideração" a situação do mundo, para que este encarregarmo-nos dele seja sinodal, ou seja, para fazê-lo com esse estilo peculiar que afete nossa vida eclesial e nossa missão e que implique um "caminar juntos"?

Tratarei de identificar alguns aspectos que me parecem especialmente importantes, neste momento que estamos vivendo como Igreja, que caracterizariam esta espiritualidade sinodal.

3. 5 características de uma espiritualidade sinodal que abraça a vulnerabilidade

a) *Espiritualidade da escuta*

A espiritualidade sinodal deve ser uma espiritualidade de escuta porque a primeira coisa que precisamos para "levar em consideração a realidade do mundo" é "escutá-lo"



e "escutar a nós mesmos". Podemos sempre escutar! Há sempre alguém que precisa ser escutado!

Escutar é algo "Decisivo", porque é uma das maiores necessidades que o ser humano experimenta: "o desejo ilimitado de ser escutado" (Francis); e é exigente, porque não basta qualquer tipo de escuta, devemos escutar bem, prestando atenção a quem escutamos, o que escutamos e como escutamos.

A Bíblia nos lembra constantemente que a escuta é algo mais que una percepção acústica, e que está ligada à relação dialógica entre Deus e a humanidade. Toda a Torá, repousa sobre uma disposição prévia: "ouve Israel" (o Shema) (Dt 6,4). A iniciativa vem sempre de Deus, que nos fala, e nós respondemos, antes de mais nada, escutando. Mas esta escuta é, por fim, possibilitada por sua Palavra, proveniente de sua graça.

Tanto é que São Paulo afirma que "a fé vem da escuta" (Rm 10,17). Em última análise, acreditar é ver o que nasce da escuta. Portanto, para a Bíblia, o ouvir – a audição - é mais

importante do que a visão, o enxergar. Por quê?

O ato de ver é mais impositivo. O olho é o órgão com o qual o mundo é *possuído e dominado.* Através dos olhos, o mundo torna-se *"nosso mundo"* e está subordinado a nós. Nós definimos, rotulamos a realidade. Quem vê tem a tentação de impor-se ao objeto que contempla, a possuí-lo a partir de sua pré-compreensão, de julgá-lo por sua aparência pura. A relação que se estabelece entre o que vê e o que é visto é uma relação de objeto.

O ouvido possibilita uma maneira totalmente diversa de relação com a realidade. Em primeiro lugar, porque não podemos ouvir objetos, podemos apenas ouvir suas comunicações, seu desenvolvimento, sua realização, seu movimento, ação... Além disso, "*não podemos determinar nem controlar"* o que vamos ouvir.

O som, a voz... "*o chamado*" vem, chega, nos assalta, nos surpreende... de alguna maneira estamos sem defesas ante a chegada dele. Os sons que chegam ao ouvido se impõem ao ouvinte, surpreende-o, inesperadamente, sem que ele possa fazer algo para evitá-lo.

Somente "*não querendo ouvir",* somente *"fazendo-se surdos"* seria possível evitar "a escuta". Mas somente quando se vê o que nasce de uma escuta, é possível ver a partir de um olhar interior e é possível acreditar.

Deus se revela comunicando-se gratuitamente, e Ele também se revela através da realidade, através dos acontecimentos, através de outros que falam. A nós é pedido apenas de simplesmente "*colocarmo-nos a escutar*" para poder harmonizar "nosso espírito/nossa disposição" com seu Espírito.

Esta escuta, como eu disse, é exigente. Requer uma disposição que começa com um "vazio", um fazer espaço, um sair do "meu próprio amor, do meu querer e meu interesse" [Ex 189] e dispor-me a receber. Para quê? Para poder acolher o que o outro diz sem ouvir a mim mesma, sem distorcer o que a pessoa me diz, sem interpretar antes que o que ela diz toque meu interior, sem fingir possuir, controlar, acreditar que já sei, impermeável a qualquer novidade ou a qualquer espanto. Esvaziando-me de meus preconceitos, de minhas polarizações, disposta para fazer um espaço livre, gratuito, que não impõe nada e que espera tudo.

Não há escuta verdadeira sem esperança, sem esperar algo do outro a quem escuto... sem "reter minhas expectativas, desejos, buscas...". Sem dar prioridade absoluta àquele de quem vem a palavra. Por esta razão, ouvir também gera esperança "no outro", que se sente escutado, que percebe que alguém espera algo dele, que acredita nele, e assim o dignifica. Escutar é o reconhecimento do outro e, por isso, implica em dignificá-lo.

Este é possivelmente um dos aspectos mais importantes na vida sinodal da Igreja, e em todas as nossas Assembleias, onde o mais importante é, e deveria ser, a escuta. Onde quase tudo se julga a partir da qualidade desta escuta. Porque sem escuta, não há discernimento. A escuta do Espírito que fala dentro de nós, a escuta do Espírito que também fala em cada uma de nossas irmãs e irmãos. Em todas as pessoas, não apenas naquelas que me parecem mais interessantes, que têm posições mais importantes, mais poder, mais influência ou pensam de uma forma mais parecida com a minha. É necessário escutar a cada pessoa e a todas as pessoas, e para escutar a cada pessoa é necessário criar aquele espaço interior que me permita acolher "a pessoa e sua palabra", e com ela sua experiência, sua realidade, sua percepção das coisas e do Espírito que a habita e que dela quer sair ao meu encontro.

Esvaziar-me para que a escuta não se torne uma mera confirmação de meus preconceitos, um eco de minha própria voz.

Como poderíamos levar em consideração o mundo sem escutá-lo, sem deixar que chegue até nós o seu grito e as suas necessidades?

A escuta – disse o Papa[13]– corresponde ao estilo humilde de Deus. Cada vez me parece mais importante esta atitude de humildade se pretendemos viver uma espiritualidade da escuta.

Deus deve ser o paradigma de nossa escuta. A Bíblia nos apresenta um Deus que escuta.

Ele escuta o clamor de seu povo, ele escuta sua queixa, sua palavra... e ao fazê-lo, ele os reconhece como seu interlocutor, como seu *parceiro*. Deus "inclina seu ouvido" para escutar o homem e se deixa afetar por esta escuta. O Deus onipotente e impassível torna-se passível, responsável ao escutar a voz de seu povo, a voz de sua criatura.

Jesus também nos revela esta humilde atitude de Deus que se deixa afetar, que se deixa mudar, que se deixa transformar pela escuta. O texto da mulher cananeia[14], é um exemplo único desta escuta "certamente vulnerável", que afeta e transforma. Uma pobre mulher, que entra em diálogo com Jesus que, a princípio, "a vê" a partir de seus preconceitos: é uma *sírio-fenícia,* uma pagã, ela não pertence àqueles a quem ele foi enviado. Mas quando ela fala, então o que Jesus vê "nasce de uma escuta", e Jesus escuta humildemente. Por isso, a palavra da mulher também se torna para ele a presença do Espírito do Pai que o guia e o faz reconsiderar sua posição e seu propósito.

Não será possível para nós "ABRAÇAR A VULNERABILIDADE NO CAMINHO SINODAL" sem introduzir em nossa maneira de considerar a realidade uma escuta "vulnerável". Porém, somente uma escuta humilde pode realmente nos tornar vulneráveis e, por isso, afetar-nos, mudar-nos.

Sem humildade, não há escuta. Sem escuta, não há caminho sinodal.

A escuta não pode ser feita de qualquer maneira. A disposição para uma "escuta autêntica" nos situa necessariamente:

1) "A partir de baixo", neste sentido. Com a humildade de quem reconhece no outro, alguém de quem pode aprender, digno de ser escutado em profundidade... Alguém que pode lhe mudar. Com a humildade de Deus que desce para escutar... o Deus que "inclina o ouvido".

2) A parir da "proximidade". A escuta exige proximidade, evitando distâncias, permitindo-me ser tocada pela realidade do outro. A escuta é *"a capacidade do coração que torna possível a proximidade".*

3) Por esta razão, a escuta também deve ser "a partir de dentro". A verdadeira sede da escuta é o coração. *"Não tenha seu coração em seus ouvidos, mas seus ouvidos em seu coração"* - Santo Agostinho costumava dizer. Isto nos fala da profundidade necessária que toda a escuta deve ter. Trata-se de acolher a verdade do outro a partir do coração, do essencial... livre de perguntas superficiais... Escutar, deixando-se "afetar e comover" para que não só as ideias cheguem até nós, mas também a experiência, a vivência, o sentir da pessoa a quem estou escutando. Sem ese "a partir de dentro" nossa escuta nunca poderá ser misericordiosa.

Por esta razão, a escuta autêntica deve ser sempre precedida pelo "silêncio". Este silêncio nos permite entrar em contato conosco mesmas, com a fonte da vida de nossa existência, colocar-nos em nossas entranhas, em nosso coração e esvaziar-nos de tudo o que nos impede, não tanto de escutar, mas de nos tornarmos "disponíveis para escutar".

A escuta faz parte de nossa missão. "O serviço da escuta nos foi confiado por Aquele que é o ouvinte por excelência", disse o Papa. O primeiro serviço que podemos prestar à comunhão é precisamente "escutar". Bonhoeffer disse *que "aquele que não souber escutar seu irmão, não será capaz de escutar a Deus*"[15]. E isso é algo que podemos fazer sempre, adultos ou jovens, pessoas ágeis ou com alguma dificuldade de movimiento, sempre é possível escutar, gastar o tempo próprio na escuta do outro, levar em considerção a realidade, "escutando-a".

Escutar como Deus nos escuta, escutar como Jesus nos convida a fazer: uma espécie de *"escuta que capacita o outro a falar"* (escutar para falar), e que na escuta mútua é transformadora[16].

Uma espiritualidade da escuta brota desta fonte: a perspectiva de um Deus que escuta, e escuta a todos, e escuta especialmente os "sem voz", os mais vulneráveis, os que ficaram sem fala, e o faz despertando neles uma fala com poder, pois Sua escuta é sempre libertadora[17].

Por esta razão "ser escutado", ser BEM escutado, é sempre uma experiência de cura. A simples escuta cicatriza muitas feridas. Ela permite que aquele que é escutado, o ouvinte, reverta e recrie suas próprias narrativas como uma pessoa ferida e, a partir daí, encontrar caminhos de cura[18], de sair do processo de vitimização, de encontrar novamente sua própria identidade e dignidade. Não por nossos conselhos, mas pela qualidade de nossa escuta, oferecendo aquele espaço humilde, mas próximo, onde é possível experimentar a si mesmo como refeito, curado, reparado.

Somente comprometidos com uma espiritualidade da escuta podemos dar passos em direção à mudança sinodal pela qual a Igreja anseia, e levar em consideração a realidade abrindo-nos ao diálogo e ao discernimento, pois a escuta é a condição para a possibilidade de ambas.

b) *Espiritualidade do diálogo*

Uma espiritualidade sinodal precisa ser uma espiritualidade do diálogo. Porque se a sinodalidade nos fala de um "caminhar juntos", a palavra "diálogo" (do grego diáalogos: diáa/logos) em sua etimología própria[19] – traduz a ideia de "pensar/falar juntos" ou mais concretamente: "falar/pensar entre dois".

Se se trata de "levar em consideração" a realidade caminhando juntos (sinodal), isto só poderá acontecer "em um falar/pensar entre aqueles que caminham juntos" (dialogal).

Apesar da importância da escuta, isto não é suficiente para que possamos falar de diálogo. Precisamos de um sujeito capaz de falar. Foi assim que fomos criados: ouvintes da palavra e capazes de responder ao que ouvimos.

O diálogo se baseia no poder e no mistério da palavra. Poder para dizer da realidade, para dizer de nós mesmas. A palavra é um dos instrumentos mais poderosos que temos para nos expressar, para abrir um caminho para exteriorizar nossa interioridade e, obviamente, para comunicar e dialogar.

Mas para que isso aconteça, a palavra tem que vir de dentro e ser a portadora da verdade

que habita em nós. Por esta razão, a palavra é sempre acompanhada de gestos, o olhar, o tom da voz, que delineia as emoções que ela transmite, as experiências que pulsam sob os sons e os significados objetivos que são transmitidos, que são assim matizados e enriquecidos.

A palavra, para que seja uma verdadeira mediadora do diálogo, ela deve também "nascer da escuta", e não principalmente da própria visão. A palavra é sempre um segundo momento.

E mais uma vez, devemos nos voltar para a humildade. Somente uma palavra humilde é capaz de entrar na construção de um diálogo. Uma palavra que, ao escutar, inicia um caminho de busca que, a partir de sua própria verdade, tenta co-construir com a palavra escutada uma nova palavra, uma palavra maior.

A palavra que dialoga não sai como uma flecha certa de atingir seu objetivo, mas se deixa moldar pelo que é escutado, se detém, espera pelo momento certo, sabe que está incompleta e, tateando e tremendo, tenta balbuciar o que, na conjunção da palavra escutada, da experiência vivida, e da comoção experimentada, emerge como resposta e que, de alguma forma, já não me pertence mais porque brota como resultado de um encontro e criação comum.

O diálogo é sempre a co-criação de uma narrativa que é diferente das narrativas dos sujeitos que se encontram. Uma palavra atenta à vida, à outra, e a tudo o que acontece através dela é a que pode estar envolvida nesta construção e criar um verdadeiro diálogo que tenta gerar "algo novo", numa narrativa comum e aberta, que passa pelas possíveis polaridades - nas quais tendemos sempre a nos acomodar -, sem nos determos nelas, tentando alcançar significados comuns que transformem as palavras em referências nas quais possamos confiar, pois elas adquiriram, após este encontro, uma resignificação na qual nos encontramos mais profundamente. Eles nos permitem assim olhar juntos a realidade, dizê-la, dizer a mesma coisa, e assim também "levarmos a realidade em consideração". Neste sentido, a espiritualidade do diálogo é essencial para nós nesta caminhada sinodal.

Porém, para aprofundarmos esta espiritualidade, é preciso que assumamos o *risco do diálogo: "o risco de estar juntos"*.

Trata-se do risco de "*deixar-se afetar*", que já começou com a escuta, porém não termina com ela, visto que não basta deixar-se comover, o acolher a diversidade do outro em ideias, motivações, argumentos, sentimentos e vivências... Esse "*deixar-nos afetar*" precisa nos transformar, "mover o chão em que pisamos", nossas seguranças, nossas convicções. Não porque precisem ser convertidas ou mudadas, mas porque é preciso abrir-se à possibilidade que naquilo que eu compartilho, não vejo ou não entendo que possa existir algo de verdade. Trata-se de permitir que se adentren em mim as perspectivas e vivencias do outro que abram meu horizonte de compreensão, que me ajudem a entender outros modos de ler a realidade – essa realidade da qual queremos levar em consideração –. Esses *"outros modos"* não necesariamente podem ser melhores, porém nem piores. Em todo o caso, se sou capaz de deixar que entrem, enriquecerão meu horizonte e minhas perspectivas, e me farão capaz de dialogar.

Deixar-me afetar, supõe que eu seja capaz de co-sentir e co-padecer com o outro, de levar em consideração sua situação, sua visão e seus sentimentos.

Deixar-me afetar, adoça minhas posições e meus argumentos porque a perspectiva do outro, sinto que me interessa, diz respeito a mim e desejo compreendê-la, mesmo que não a compartilhe ou possa até vir a compartilhá-la, no todo ou em parte.

Deixar-se afetar, supõe admitir que, ao permitir ao outro e ao seu mundo de encontrar-se com o meu e entrar em diálogo comigo, exige abrir-se a uma possibilidade de *transformação.*

Sem asumir este *"risco de nos deixar afetar"* não podemos dialogar e sem abraçar este espírito de diálogo, jamais poderemos abraçar um modelo de vida sinodal.

UMA ÍCONE: Emaús. Um diálogo em caminho

«*Enquanto falavam e faziam perguntas, Jesus se aproximou e se pôs a caminhar com eles*». (Lc 24, 13)

O diálogo aparece aqui como um "lugar teológico". O Ressuscitado torna-se presente "no espaço da palavra compartilhada", na busca de respostas não encontradas e que permanecem como perguntas, na comunicação profunda que liga duas feridas, no "desespero" que provoca a fuga que, através do diálogo, se torna "saída" que, por sua vez, no "encontro reparador" se torna "retorno" à comunidade, à comunhão, e as transforma em "testemunhas da esperança".

O diálogo é mostrado aqui como um espaço adequado para "a aparição do Ressuscitado". Mas isto é possível porque o diálogo foi suficientemente aberto para acolher e incluir o estranho, o diferente, o desconhecido, e humilde, o suficiente, para escutar, não apenas o estranho que vem ao seu encontro e parece "não saber nada do que está acontecendo", ou seja, alguém "sem conhecimento e sem experiência a respeito de sua vivência, referente ao "objeto", do assunto de sua conversa".

Eles foram "escutados" com empatia e atenção, por aquele que interrompeu sua conversa. E eles se abrem à escuta: sem preconceitos, sem críticas, sem arrogância. - o que este vai nos dizer? Ele, que nada sabe do que todos sabem, que nada sabe do que vivemos e presenciamos e que arruinou nossas vidas, nossos planos para o futuro, nosso amor e nossa esperança? -.

Eles, por sua vez, escutam com tanta humildade que tornam possível que a verdade emerja e abra espaço como uma novidade que se torna possível, quando se oferecem e se entregam as perspectivas pessoais e suas próprias leituras da realidade.

Escuta profunda. A do estranho que fala a partir de seu lado aberto - de sua ferida -. E a escuta dos discípulos de Emaús, que falam a partir da outra ferida que os expulsou de Jerusalém, da comunidade, do projeto sonhado e acarinhado com Jesus - desolados e sem esperança -.

Este diálogo, "a partir das feridas", é restaurativo porque permite que a verdade surja, porque lança luz sobre o passado e esperança para o futuro, porque cria comunhão no presente.

Este diálogo é uma profunda acolhida do outro, a ponto de pedir-lhe que "fique", que *"permaneça".* É um diálogo empático e afetivo – *"faz o coração arder"* - e também cria vínculos que, por sua vez, buscam recuperar outros vínculos.

Na cena Emaús, testemunhamos como uma conversa se torna um diálogo, e ao fazê-lo:

1. Torna-se um lugar teológico
2. Lembra-nos que todo diálogo exige um movimento para fora e ao mesmo tempo uma abertura para incluir o "estranho", o "diferente", e para se situar com "humildade", a partir do chão da vida e da proximidade, para poder finalmente fazê-lo "a partir de dentro".
3. O diálogo exige o reconhecimento do outro, como "outro", como pessoa: sua dignidade e sua capacidade de contribuir com algo para mim.
4. Um verdadeiro diálogo exige um relacionamento profundo, que, a partir do próprio conhecimento e da profundidade de si mesmo, dirija-se ao interior do outro. Um diálogo é sempre uma relação de coração para coração. Será ainda mais autêntico quando a comunicação se estabelece a partir da vulnerabilidade comum. O peregrino conecta sua ferida (já ressuscitada, mas ferida) com o coração ferido dos peregrinos de Emaús. O encontro a partir de nossas vulnerabilidades

torna possível um diálogo mais profundo, mais autêntico e mais capaz de gerar "novidade".

5. O diálogo cria um novo espaço onde é possível recriar os significantes, não só das palavras, mas também das experiências, emoções, situações, pontos de vista... Este espaço é um "entre" que é chamado a caminhar em direção a um "nós" e a tornar este "nós" cada vez maior. Neste "entre" é possível "pensar juntos", gerando um olhar, uma visão comum para o mundo e para um projeto comum.
6. Finalmente, um diálogo assim é essencialmente restaurativo: restaura a identidade perdida, transforma a tristeza do fracasso em alegria, o percurso sem esperança em retorno e anúncio; transforma a vergonha e o medo em testemunho. O diálogo muda seu olhar, sua visão dos fatos e a realidade ilumina-se com uma nova luz e tudo se torna novo.

c) *Espiritualidade do discernimento*

A espiritualidade sinodal nos convida a levar em consideração o mundo através da escuta e do diálogo, e é por isso que falamos de uma espiritualidade de escuta e diálogo que exige, por sua vez, a atenção e o olhar do coração que todo discernimento requer, para que juntos, possamos realmente levar em consideração a realidade.

Por que a espiritualidade sinodal deve ser uma espiritualidade do discernimento?

A razão é muito simples. Não podemos levar em consideração o mundo, juntos, no caminho de comunhão universal - que é o objetivo deste processo de mudança sinodal - simplesmente através de acordos, sondagens sobre o que a maioria pensa, tateando sobre os pontos de coincidências.... Se estamos dispostas a viver uma espiritualidade de escuta e diálogo, considerando os pontos exigentes de que falei, esta escuta e diálogo são chamados a estar abertos ao Espírito e a permitir que a novidade nascida do "entre" dialógico seja permeada pelo Espírito, que o diálogo se torne consciente e explicitamente um lugar teológico que inclui o Outro, com letras maiúsculas, que acolhe e hospeda o Espírito que desce sobre este "entre", ao mesmo tempo em que emerge a partir deste "entre", tornando possível um verdadeiro discernimento espiritual na busca de formas concretas de "levarmos em consideração" o mundo.

O Espírito que guia o caminho sinodal é o Espírito do Pai que, como a Jesus, o guia estando "acima dele". Mas é também o Espírito de Jesus, que habita nele e o move "a partir de dentro!". Este Espírito que nos foi dado como corpo, como igreja, e também como batizados.

Portanto, nesta caminhada, nós que cremos temos que tomar consciência dessa presença que nos guia e ilumina a partir de cima (daquele que inclina seu ouvido e desce) e daquela presença que habita em nós como um Corpo, e habita em cada um de nós e que através do discernimento - como ponto de chegada de um processo que começou na escuta e no diálogo -, permite-se agora, definitivamente, encontrar nesse "entre" co-criado entre todos.... abrindo-nos para uma luz e uma novidade que se confirma e se expande, sustenta e fortalece, ilumina e consola, e torna viável o Próximo Passo Possível neste caminho sinodal.

A espiritualidade sinodal é uma espiritualidade de discernimento comunitário, na qual cada um de nós somos convidados a entrar, precisamente através da escuta e do diálogo com os outros e com o Outro que habita e nos visita através do Espírito, que é sempre o Espírito de Comunhão no Amor, porque essa é a tarefa do Espírito na vida divina.

Viver uma espiritualidade de discernimento é saber que temos que fazer o máximo para torná-la possível e, ao mesmo tempo, estar convencidas de que não nos será negada a luz que nos permita a "claridade suficiente" para avançar, dando "o próximo passo possível", a partir da alegria de saber que estamos buscando juntos, e recebendo juntos, algo que não está em nossas mãos, mas em nossa disposição de nos deixar-nos visitar

simultaneamente pelo Espírito que clama - tantas vezes com gemidos inefáveis - a partir do interior, de dentro de cada uma de nós, a partir do interior da história e dos acontecimentos, e também a partir da criação! e que nos fala de uma maneira particular e decisiva, descendo até aquele "entre" que é fruto de nossa desapropriação e de nossa entrega.

O discernimento deve ser nosso guia nesta caminhada sinodal, para que não deixarmos de avançar em direção a este "próximo passo possível", que será pequeno, trabalhoso e difícil, mas que nos dá plenitude, identidade e consolo: o de caminhar juntos, de construir comunhão e fortalecer vínculos, laços, enquanto "buscamos os comos" deste chamado para levarmos em consideração a realidade.

Uma realidade que, sem dúvida, também está habitada por muitos e muitas que não compartilham nossa fé, ou nenhuma fé, mas que caminham conosco pela vida e também habitam esta realidade, e que deveriam, igualmente, estar neste "entre", e que podem ser para nós, mediadores do Espírito.

Quanto mais ousamos percorrer novos caminhos, mais enraizados precisamos estar em nossa própria tradição e, ao mesmo tempo, mais abertos aos outros e às suas tradições. Não para negar nossa própria tradição, mas para enriquecê-la, para alimentá-la, para confrontá-la com instâncias críticas que podem ser a causa de um maior aprofundamento, ou instâncias críticas que nos convidam a novas conversões.

E fazê-lo "todos", abraçando a diferença e fugindo da indiferença generalizada, que pretende converter em geral e universal, o que não é, ocultando e tornando inacessível a existência do diferente. Isto impede que tantos - e sobretudo tantas – não se reconheçam em sua identidade, nem em suas experiências... nestas ditas generalizações, perdendo-se o específico que poderiam aportar como se fosse algo inexistente[20].

Daí o apelo a um verdadeiro discernimento da presença de teorias limitadas e contextuais, que se desenvolvem a partir da escuta de experiências concretas, de formas de acesso à realidade "impotentes", mas que poderiam ser de grande fecundidade... e que geralmente são sufocadas, reduzidas e escondidas pela parcialidade "supostamente universalista" de um universo masculino, ocidental, teórico, rico e poderoso[21].

Tudo isso exige no proceso de discernimento uma "grande abertura" de Espírito, também ao Espírito presente na diversidade das "pequenas narrativas" das minorias, daqueles que são diferentes...

Trata-se de discernir junto com o Deus que fala, mas que também escuta e provoca uma palavra viva que transmite através das vidas "mais vulneráveis e fragilizadas" (as mais pobres, as marginalizadas, as descartadas e, é claro, as mulheres) estimulando o surgimento de uma linguagem nova, mais inclusiva, mais diferenciada, mais matizada e "mais perigosa".

Somente quando o universal é pensado incorporação da "diferença", faz-se justiça ao que é diferente e podemos dizer que estamos realmente caminhando juntos em direção àquela comunhão que só pode ser pensada à imagem da vida do Deus Trinitário, um na diferença das pessoas.

Se a espiritualidade sinodal exige que caminhemos juntos e pensemos juntos, a fim de discernirmos juntos, isso terá que ser feito incorporando as diferenças, e também abraçando os pequenos relatos das minorias, não apenas as narrativas, os relatos dos dominantes.

d) ***Espiritualidade do cuidado: ternura, cuidado e reparação***

A próxima característica da espiritualidade sinodal, à qual vou me referir, tem a ver mais diretamente com o convite para abraçar a vulnerabilidade, que é o lema da Assembleia. Trata-se, agora, de tomar consciência de que a realidade da qual devemos levar em

consideração é uma realidade vulnerável e, de fato, violada em praticamente todos os seus âmbitos. Precisamos ter consciência de que somos criaturas, frágeis, falíveis... Escrevo estas páginas num momento em que a Ucrânia está sendo bombardeada e invadida, quando milhares de homens e mulheres se tornaram recentemente deslocados, forçados a deixar suas casas (ou os escombros aos quais foram reduzidos), abandonar suas terras e suas esperanças para fugir em direção a um futuro muito incerto. Digito estas páginas enquanto as tentativas de diálogo fracassam repetidamente, e as palavras parecem ser inúteis porque se contradizem, e inflamam ainda mais o medo e a desconfiança. Numa época em que todos os nossos interesses são confrontados com o desejo de uma ajuda que nunca se concretiza. Neste contexto de guerra e violência, de ferimentos, ruptura e morte, este chamado para "levar em consideração" e "responsabilizar-se", tentando aliviar o fardo dos outros torna-se mais claro; o chamado para "encarregar-se" de tantos homens e mulheres que estão sofrendo em nosso mundo hoje. E fazê-lo, cientes de que nós também somos vulneráveis, também somos feridas, e também somos capazes de ferir.

Estamos, igualmente, em um momento eclesial, por um lado, tão cheio de esperança de que, realmente, somos capazes de nos envolver neste processo e de desafio que a sinodalidade nos coloca e, por outro lado, tão ferido pela questão dos "abusos".

Nesta situação há duas palavras que se tornam especialmente significativas para mim nesta tarefa que é a espiritualidade – "levar em consideração" - e neste propósito de incluir a "sinodalidade" em nosso modo de estar no mundo e na Igreja: proximidade[22] e cuidado[23].

A "proximidade" é um bom antídoto para a *indiferença*, e o "cuidado", a contraface do *"abuso"* em suas múltiplas formas, assim como uma das mais belas maneiras de levar em consideração os outros, a realidade, a natureza e a nós mesmos.

Um cuidado que se distancia tanto do "paternalismo" quanto do "clericalismo", pois longe de entrar em contato com o outro como sujeito passivo, é um estímulo, uma provocação de palavras e decisões, uma fonte de confiança, um possibilitador de autonomia.

O cuidado está relacionado à ideia de sustentabilidade, entendida num sentido de substantivo. Não se refere apenas a questões ecológicas, energéticas e de recursos naturais. A ideia de sustentabilidade nos lembra que falar de cuidado não é falar de um ato isolado, mas de algo que deve ser sustentado ao longo do tempo, e que requer uma mudança na relação com o sistema da natureza, o sistema de vida e o sistema Terra.

O cuidado também assume maior importância por causa de sua relação com o amor. É, na realidade, nossa capacidade de amar o que se coloca em questão quando não cuidamos, porque aquilo que amamos, nós cuidamos; e é por isso que o cuidado é fruto do amor: "nós cuidamos do que amamos"[24].

Daí a importância para uma espiritualidade sinodal de ativar uma espiritualidade do cuidado sustentável que nos ajude a reinventar uma novo modo de estar no mundo com os outros, com a natureza, com a Terra e com a Realidade Última, com Deus[25].

Mas no concreto, o que a perspectiva de "cuidado" pode aportar à sinodalidade?

A cada dia estou mais e mais convencida de que um modo sinodal de ser Igreja, de se relacionar uns com os outros, na Igreja, e de viver a *missio Dei*, a partir da Igreja, envolve um compromisso convicto de fazer do "cuidado" nosso modo específico de "levar em consideração a realidade".

Trata-se, como já disse, de uma categoria com vocação de converter-se em um novo paradigma para um mundo que mostra sinais de esgotamento e exaustão, consumido pelas consequências violentas e degradantes nas quais nos mergulhou o paradigma do "sucesso-poder".

Trata-se de um conceito multifacetado, com a capacidade de se conectar com praticamente todas as ordens da realidade.

1) *Cuidar de nós mesmas,* de nossa interioridade, de nosso "espírito", de nossas feridas e fraturas, a fim de sermos livres e disponíveis para cuidar dos outros.
2) *Cuidar de nossa relação com Deus.* Cuidar de nossa conexão com a fonte da vida, com Aquele que cuida de nós, enraizando nossa confiança e nossas esperanças nEle, descarregando, desabafando nossas preocupações com Ele, a fim de poder "levar em consideração" a missão que Ele deixa em nossas mãos.
3) *Cuidar dos vínculos com os outros*, mas também cuidar do tecido social. O cuidado não tem a ver apenas com as relações interpessoais, mas é um conceito com uma profunda dimensão política. De fato, já se fala em "cuidadania". A pandemia expôs não apenas nossa vulnerabilidade, mas também a importância das redes de cuidados que sustentam nossa vida social. O compromisso com o "cuidado", deveria afetar, também, nossas relações intra-eclesiais, e supões, em todo caso, uma desconstrução do paradigma da auto-suficiência e dos acordos autodefensivos ao cuidado, visto como uma exigência política[26].
4) *Cuidados da terra*. A casa comum que também somos chamados a levar em consideração, a cuidar.

A ternura como forma de cuidado pode se tornar um elemento essencial para viver na chave da sinodalidade, uma vez que todo o tecido relacional é sustentado com base na confiança.

Aqui vou me deter em três termos que apontam para três disposições existenciais que poderiam se tornar eixos fundamentais para introduzir a espiritualidade do cuidado[27] na espiritualidade sinodal: ternura, custódia, reparação-reconciliação.

Ternura: como uma relação de cuidado que gera confiança (uma base imprescindível que sustenta qualquer vínculo e sem a qual seria impossível realizar qualquer projeto sinodal) e ainda mais necessária por causa de nossa condição de seres vulneráveis.

A vivência da ternura é algo que todo ser humano experimenta no início de sua vida através

do que é conhecido como ternura tutelar ou diatrófica, ou seja, a relação primordial de amor que é desencadeada entre a figura tutelar (de quem cuida) e o recém-nascido nos primeiros meses de vida. É assim chamado porque a linguagem da ternura é o único meio disponível para a mãe transmitir o impulso amoroso e tutelar que a inclina em direção ao seu filho. A ternura constitui-se, assim, uma relação que se estabelece entre quem dá e quem o recebe, construída com base numa experiência de acolhida incondicional que possibilita uma resposta de absoluta confiança e "abandono total".

A. Spitz define a ternura como "uma capacidade maior de dar-se conta e perceber as necessidades anaclíticas da criança tanto consciente como inconscientemente e, ao mesmo tempo, de perceber um impulso (Drang) para ser de ajuda nessa necessidade".

Grande parte da força desta categoria fundamenta-se no processo biológico de origem. Através desta ternura, vai se forjando na pessoa o que Erikson denomina de "confiança básica", que é essencial para o desenvolvimento de um eu saudável. A confiança básica



é formada quando a criança aprende a confiar naquela figura tutelar que, através da ternura, proporciona segurança e está atenta às suas necessidades. Mas, acima de tudo, ela permite que a criança se sinta amada e, portanto, digna de amor[28], contribuindo para o desenvolvimento de um eu forte e de uma auto-estima saudável. Além disso, cresce como um padrão relacional, de modo que a segurança adquirida nesta primeira relação possibilite que a criança se aproxime positivamente de outras relações, assim como tenha uma visão aberta e confiável do mundo.

A importância da ternura continua durante toda a vida, pois nossas trocas diárias de ternura servem como uma renovação contínua da confiança básica, já que as pessoas não podem se alimentar para o resto de suas vidas sobre a confiança estabelecida na primeira infância.

A confiança básica proporciona uma segurança ontológica que permite que as pessoas possam entrelaçar suas ansiedades sobre a imprevisibilidade do ambiente social e lidar

com situações de incerteza. A ternura dada e recebida ao longo de nossas vidas manterá esse nível de confiança tão essencial em nossa existência e também será essencial para equilibrar a agressividade, para ativar nossa capacidade de integração, de incorporação na sociedade, tornando possíveis relações saudáveis e até mesmo exercendo funções curativas[29].

Além disso, nós *cuidamos como temos sido cuidados*. Daí a importância da ternura no núcleo familiar na origem da vida, mas não menos nossa experiência de termos sido amadas com ternura por Deus. Em última análise, a primeira relação que nos une a ele é uma relação de ternura, d'Aquele que nos dá a existência, para nós suas criaturas: sua maneira de cuidar de nós, a experiência de que ele nos sustenta, é nosso apoio, nossa rocha e nosso refúgio... Esta relação com um Deus de ternura que cuida de nós, nos acolhe e nos sustenta como uma mãe amorosa, nos dá esta experiência fundamental de sermos cuidadas com ternura e a possibilidade de reproduzi-la em nossas relações.

Neste sentido, a ternura como forma de cuidado pode se tornar um elemento essencial para viver na chave da sinodalidade, uma vez que todo o tecido relacional é sustentado com base na confiança. Será essencial fortalecer os laços de confiança para entrar na proposta sinodal que nos foi feita pela Igreja. Confiar uns nos outros. E para crescer nessa confiança, a ternura é um instrumento poderoso e ao mesmo tempo exigente, pois não estamos falando de uma pseudo-ternura cheia de ambigüidade ou de doçura barata. Verdadeira ternura

- exige que demos atenção ao outro, às suas necessidades e possibilidades, com um cuidado primoroso de não ir além do que ele quer e precisa... a ternura... - como o carinho, uma de suas mediações mais comuns -, se se apega ou tenta possuir, transforma-se em impulso e em agressão...
- ativa em nós, ao mesmo tempo, o impulso do cuidado, o «impulso diatrófico ou tutelar» que é a tendência para amparar os fracos, para ajudar ou para proteger, adiando nossas próprias necessidades para atender às necessidades do outro...
- dá segurança e proteção, mas o faz de forma que é capaz de promover, com a acolhida, a abertura, a liberdade e o risco.
- exige proximidade e ao mesmo tempo a distância reverente que o outro necessita para não se sentir fechado, mas para se sentir encorajado.
- confirma-nos em nossa individualidade e, ao mesmo tempo, cria laços de pertença.
- volta-se mais espontaneamente para aqueles que mais precisam, os mais frágeis, os mais pequenos, os mais solitários, os mais marginalizados, os mais isolados.

Ativar em nós a ternura, como estilo relacional no modo de "levar em consideração a realidade", de cuidarmos dos... pode ser uma das contribuições que a espiritualidade do cuidado possa trazer à sinodalidade[30].

Custódia

O termo «custodiar»[31] faz referência à responsabilidade que o Criador dá ao ser humano, convidando-o ao cuidado e à proteção da terra[32]. Somos chamados a louvar - como assinala a LS - ao Criador e, junto com Ele, a cuidar, a sustodiar Sua criação[33]. Porém, "custodiar" também significa "Proteger algo ou alguém com cuidado e vigilância" (RAE). Fala-nos de dar proteção, de dar segurança..., mas também do reconhecimento daquilo que deve ser preservado como valioso, como digno de atenção. Tem relação com a terra, com esta casa comum que deveria ser um ambiente acolhedor e hospitaleiro para todos; uma fonte de vida, mas também uma *fonte de identidade,* porque a terra em que vivemos, a terra onde nascemos, sua geografia, seu clima..., tudo isso nos molda e nos dá identidade. E todos nós temos direito a ela.

Custodiar a terra é cuidar dela para que cada lugar, cada espaço possa ser uma lugar

comum para todos. E para evitar que a depredação destrua áreas naturais e, com elas, além das possibilidades de vida para muitos homens e mulheres, das identidades peculiares.

Custodiar é também preocupar-se uns pelos outros, pois cada "outro" também é confiado à custodia do ser humano, ao cuidado da humanidade, e é uma responsabilidade que nos afeta a todos. Devemos ser os cuidaores uns dos outros e também os cuidadores de toda a criação. (cf. LS 236).

Reparação:

O cuidado debe caracterizar-se por ser eficaz, por resgatar adignidade e por resultar em reconciliação[34]. Para que a sinodalidade, entendida como o modo eclesial de ser e de agir, dignifique a todo ser humano, será preciso vivê-la a partir do cuidado, e de um modo particular do cuidado do que, na verdade, já está violado (pessoas, situações, relações). Daí que o cuidado se torne ante o ferido, o machucado, o fragmentado... num chamado a curar[35], a reparar. A espiritualidade do cuidado, de uma manera particular, nos convida a dar especial atenção amorosa aos oprimidos, aos prejudicados, aos feridos, aos desesperançados; a edificar e reconstruir as pontes de relações que foram destruídas e a fazer isso com eficácia.

O chamado que estamos vivendo neste momento histórico para uma conversão à sinodalidade, mais concretamente, está ocorrendo numa Igreja muito pluralista, onde existem sensibilidades muito diferentes - mais ou menos simpáticas a este projeto - e que tem uma história de tentativas fracassadas, de mal-entendidos, e não poucas feridas....

Se pretendemos levar em consideração a realidade, *a Missio Dei*, como Igreja com um modo de ser e de agir sinodal, não podemos deixar de «incluir a todos» e considerar as feridas. Se queremos abraçar nossa vulnerabilidade, então não podemos esquecer que se trata de uma vulnerabilidade que é vulnerável, e que as feridas tendem a ser protegidas com mente fechada, violência e agressão. Daí a necessidade de redobrar o cuidado, cuidado cheio de ternura, mas também cuidado que seja restaurativo. O cuidado que se aproxima do outro para "tomar sobre si sua situação", assumindo o risco do perdão, aproximando-se da dor que terá que aliviar, procurando construir pontes em situações de ruptura, a reunificação do que está disperso, a cura das feridas para restabelecer um tecido de confiança tantas vezes machucado, rompido, sem o qual será impossível entrar na aventura da sinodalidade.

Abraçar a partir de baixo, a partir de dentro, a partir da humildade, para que este abraço possa ser curativo e restaure as relações quebradas ou danificadas que carregamos em nossa história. Abraçar o risco do perdão, para tornar possível a reconciliação[36].

e) *Espiritualidade da resistência paciente ou paciência resistente*

A espiritualidade sinodal só pode ser uma espiritualidade cheia de *hypomoné (paciencia)*. Este é um termo bíblico que dá um nome à paciência, à resistência, ao suportar, à permanência e ao apoio como dimensões próprias da esperança, a ponto de o NT substituir o termo grego *elpis*, para referir-se à esperança a partir dos LXX, por *hipomoné*, quando se refere à esperança vivida no aqui e agora, em situações de dificuldade.

Escolhi enfatizar esta dimensão, em vez de falar de esperança em geral, porque acredito que ela reflete *uma disposição muito necessária em nosso momento eclesial*, e porque o caminho sinodal exigirá muita paciência – *hyipomoné* - daqueles que desejam percorrê-lo.

O caminho sinodal é um caminho de conversão, de mudança, de abandono de caminhos e estruturas que nos deram segurança, mas que se tornaram, em algumas ocasiões, infrutíferos, em outras, obstáculos se pretendemos avançar na sinodalidade, juntos

em busca de formas mais participativas e inclusivas, que nos permitam caminhar "com todos", e "com todos" para levar em consideração a realidade.

Caminhar juntos os "diversos", os diferentes, com diversas experiências de vida, no encontro de uma grande pluralidade de culturas, de sensibilidades, de perspectivas e visões...

Caminhar juntos, atentos às necessidades dos outros, cuidando deles ao mesmo tempo em que cuidamos da realidade, para dar o próximo passo possível sem a pressa das urgências, os freios das dúvidas, ou os obstáculos das dificuldades consegam dispersar ou quebrar aos que caminham juntos, em sinodalidade.

Daí a necessidade de que a espiritualidade sinodal seja uma espiritualidade da paciência resistente, ou da resistência paciente, cheia de persistência e tolerância, como paixão sustentada, como um fogo ardente que persiste apesar dos ventos que tentam sufocá-la.

A *hypomoné* está, portanto, situada nos opostos da resignação.... *"... é essa paciência no sofrimento... que nos dá esperança em Jesus Cristo nosso Senhor"* - como nos lembra Paulo em 1 Ts 1,3 -.

Não se trata de algo passivo, é sempre ativa, porém com uma ação que é sustentável, fortaleza, resistência ativa e perseverante, e supõe "tomar uma posição" diante da adversidade. Porque é precisamente ali, na adversidade e na provação, onde se exercita a paciência.

- Este apelo à "paciência" é um desafio à nossa "impaciência", àqueles que são tentados a pensar que têm esperado o suficiente, que isso não muda, que não estamos dando passos rápidos e decisivos o suficiente em direção à sinodalidade, que isso não será alcançado... àqueles que não têm paciência consigo mesmos, que estão voltados sobre si mesmos e não resistem aos seus próprios limites e fragilidades... a uns e outros... "*hypomone".*

- É um chamado para aqueles que não compreendem o *hypomone* de Deus, sua infinita paciência conosco, para aqueles que esperam uma intervenção divina radical, que coloca todos em seu lugar. Para aqueles que querem, muito rapidamente, separar o trigo do joio, julgando quem são ou não chamados para o processo sinodal.

- Mas é também um chamado aos "resignados", aos cansados, aos desapontados, aos desiludidos. Para aqueles que são tentados a desistir por causa da inutilidade de seus esforços, por causa da falta de sucesso, porque a caminhada sinodal não vai conseguir mudar nada... para estes também paciência,*"hypomoné".*

A sinodalidade exige especialistas em "paciência". Pede-nos para sermos mulheres cheias de *hypomoné*, capazes de permanecer, de suportar os tempos escuros, os mal-entendidos de muitos, os passos curtos de outros, a falta de luz, os retrocessos... Em muitos aspectos, dentro da Igreja, a vida religiosa já fez uma certa caminhada sinodal "*ad intra e ad extra*" - ainda incipiente, ainda com um longo caminho a percorrer - mas há progressos. Um caminho de maior participação e escuta, de passar gradualmente a responsabilidade por muitos de nossos trabalhos para os leigos, de integrá-los nos processos de decisão... e também entre nós (mais escuta, mais corresponsabilidade, mais circularidade em nossas formas de proceder, mais pesquisa conjunta...). Meu sentimento é que este caminho no nível do clero é - com honrosas exceções - mais novo, mais difícil e, portanto, mais lento. Precisamos de uma resistência paciente para nos harmonizarmos ao ritmo de seus tempos densos e lentos.

A ideia de "resistência" está sendo recuperada nestas últimas décadas na filosofia[37], traduzindo bem o conteúdo da paciência – *hypomoné* - bíblica.

A espiritualidade sinodal precisa de mulheres cheias de paciência – *hypomoné* -, mulheres resistentes com a alegria da esperança em seus lábios.

- Resistência às dificuldades e conflitos que este processo de conversão sinodal, sem dúvida, trará consigo.
- Resistência à precariedade e aos limites de nossa própria condição humana.
- Resistência aos obstáculos que nossas pretensões sinodais encontram.
- Resistência como "suporte", mas acima de tudo "resistência como força", como fortaleza diante dos processos de desesperança, desintegração e corrosão provenientes, às vezes do ambiente, às vezes de nós mesmas....
- Resistência diante da frustração, projetos quebrados, metas não alcançadas... diante



de tentativas fracassadas de avançar, de mudar... em nível pessoal, assim como em nível comunitário, institucional ou eclesial...
- Resistência diante de tentativas de permanecer imóvel, de deixar tudo como estava... que tentam nos convencer da inutilidade de nossos esforços e pretensões; mas resistência também diante da preguiça e negligência que também pode bater em nossas portas, insidiosa, tentando nos convencer de que estamos perdendo nosso tempo, que já lutamos o suficiente e que agora outros devem lutar...
- Resistência às ondas culturais que nos tentam com propostas mais individualistas, em busca de auto-realização e realização pessoal, em um substituto para a existência que supostamente dá felicidade, entendida como realização individual, conquista e sucesso.
- Resistência também como uma pausa, uma formação e profundidade que nos dá espaço para discernir e permanecer... mesmo quando parece que nada e ninguém

dá passos em direção ao que é discernido.

- Resistência como um lugar, como um espaço no qual é possível acolher e dar hospitalidade àqueles que não aguentam mais, àqueles que estão desencantados, àqueles que ficaram sem forças para lutar...
- Resistência à polarização que nos cerca, tentando chegar a posições extremas que nos distanciam, sufocando a paciência e transformando-a em radicalização violenta em direção ao contrário. Resistência ao pensamento sem nuances e sem tom, para quem as coisas são preto e branco. Resistência à tentação de elaborar sínteses apressadas que superficialmente parecem fáceis, mas que no fundo não satisfazem ninguém porque nascem de um artifício que carece de escuta, diálogo e discernimento. É preciso resistir no paradoxo, na dificuldade de unir opostos, na dissonância que procura abraçar sons em uma nova harmonização, que se sustenta na perplexidade do que parecem ser pensamentos contrários mas que são chamados a enriquecer a visão da realidade e nos pedem para viver nesse equilíbrio instável que não descansa em nenhum pólo, para não eliminar o oposto... até encontrarmos o caminho da inclusão.
- Este tipo de resistência é um convite a viver "afinando os sentidos", "atentas" à realidade, ao que está acontecendo. Resistir é "tomar consciência", viver "em vigilância" - vigiar e rezar, nos diz o "resistente por excelência" no Getsêmani, numa hora que certamente foi calamitosa para Jesus -.
- A paciência resistente é o que nos permite "permanecer" aconteça o que acontecer, sabendo que nosso sonho de uma comunhão sinodal não é absurdo, nem nossos esforços são estéreis, apesar de não saber, de não ver como e quando dará frutos, de não saber onde e quando germinará.

  Esse permanecer é o que fará com que seja sustentável este espírito de sinodalidade. O permanecer não permitirá que esta tentativa seja um belo esforço de dois anos, após o qual tudo volte ao seu lugar, mas sim aposta em pequenos passos que permanecem e esperam pacientemente o próximo passo.

É por isso que não há paciência duradoura, resistente, sem humildade e generosidade. A presunção e o egoísmo incapacitam a resistência. O resistente sabe que resiste não só para si mesmo, nem só para o grupo de resistentes; ele resiste para as gerações vindouras, para a futura Igreja, para o mundo vindouro... Ele contribui com seu grão de areia para um projeto que é muito maior e que foge do alcance de seu olhar.

Esta espiritualidade da resistência nos convida a levar em consideração o mundo do jeito do "resistente" que se mantém firme em seu propósito e confia na fecundidade de sua ação, mesmo que seus frutos não sejam imediatos porque, em última análise, ele sabe que os frutos são dados por OUTRO.

A espiritualidade sinodal se revela, assim, como uma *espiritualidade que, através da escuta, do diálogo e do discernimento*, leva em consideração a realidade, *cuidando dela e resiste* neste empenho, sem deixar de caminhar com os outros, com aqueles que são diferentes, avançando pacientemente, esforçando-se, passo a passo, com uma *resistência sustentável*, co-construindo uma comunhão que não deixa de ser vulnerável, mas que resiste porque é abraçada por todos, por todas.

. 1 Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir especialmente um testemunho de comunhão fraterna que seja atraente e resplandecente. Que todos possam admirar como cuidam uns aos outros, como se sustentam mutuamente e como caminham juntos: "Nisto reconhecerão que vocês são meus discípulos, no amor que têm uns pelos outross" (Jo 13,35). (EG 99)

. 2 Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir especialmente um testemunho de comunhão fraterna que seja atraente e resplandecente. Que todos possam admirar como cuidam uns aos outros, como se sustentam mutuamente e como caminham juntos: "Nisto reconhecerão que vocês são meus discípulos, no amor que têm uns pelos outross" (Jo 13,35). (EG 99)

. 3 Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir especialmente um testemunho de comunhão fraterna que seja atraente e resplandecente. Que todos possam admirar como cuidam uns aos outros, como se sustentam mutuamente e como caminham juntos: "Nisto reconhecerão que vocês são meus discípulos, no amor que têm uns pelos outross" (Jo 13,35). (EG 99)

. 4 Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir especialmente um testemunho de comunhão fraterna que seja atraente e resplandecente. Que todos possam admirar como cuidam uns aos outros, como se sustentam mutuamente e como caminham juntos: "Nisto reconhecerão que vocês são meus discípulos, no amor que têm uns pelos outross" (Jo 13,35). (EG 99)

. 5 O substantivo "spiritus", pode ser traduzido como "alma", mas também como álito, vida, força, impulso, espírito. La partícula "-alis", que se usa para expresar "relativo a". O sufixo "-dad", que é equivalente a "qualidade".

. 6 A espiritualidade de uma pessoa, comunidade, povo é: sua motivação de vida, sua postura, a inspiração de sua atividade, de sua utopia, de suas causas: Casaldaliga, P.-Vigil, J. Mª, Espiritualidade daLibertação, Editorial Envío, Managua, 1992, 23. Neste mesmo sentido, "A Espiritualidade é a motivação que perpassa todos os projetos e compromisos de vida, a motivação e mística que impregna e inspira o compromisso". GALILEA, S. O Caminho da Espiritualidade. Paulinas. Bogotá, 1985. ,26.

. 7 É a espiritualidade "macroecumênica" que falam Casaldaliga-Vigil, o.c. 23-25, ou "a dimensão teologal fundamental da espiritualidade" como a chama J. Sobrino. Cf. "Espiritualidade e seguimento de Jesus" em "Misterium Liberationis. Conceitos fundamentais da Teologia da Libertação. Trotta, 1990. T.II, 476.

. 8 J. Sobrino o.c.,449-476.

. 9 Ignacio Ellacuría, "Para uma fundamentação filosófica do método teológico latinoamericano", em Estudos Centroamericanos, 322-323 (1975) 411-425, aqui 419: Ellacuría comprendia a estrutura formal da inteligência como "apreender a realidade e confrontar-se com ela", o qual se desdobra em três dimensões: "levar em consideração a realidade" ou a dimensão intelectual, "responsabilizar-se pela realidade" ou a dimensão ética; e "encarregar-se darealidade" ou dimensão prática. Sem dúvida, ao ver a vida e a obra de Ellacuría, segundo Jon Sobrino, faz-se necessário agregar uma quarta: "deixar-se levar pela relaidade" ou a dimensão da graça. Cf. José Laguna, "Hacerse cargo, cargar y encargarse de la realidad", Cadernos CyJ 172 (enero 2011).

. 10 O encontra no nº 70 do documento da Comissão Teológica Internacional, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja: Texto e comentário do documento da Comissão Teológica Internacional, Estudos e ensaios 244 (Santiago Madrigal Terrazas, Autor, Redactor), BAC, Madrid 2019.

. 11 Não só é mais amplo, como é fundamento dos outros dois.

. 12 A palavra sínodo vem do latim sinodus, vocábulo procedente do grego σύνοδος (encontro, reunião, assembleia), composta pelo prefixo grego συν- (reunião, ação conjunta) e a raiz δος (via, caminho, viagem).

. 13 O papa Francisco em Mensagem para a 56° Jornada Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com os ouvidos do coração.

. 14 P. Alonso, A Mulher que mudou Jesus: cruzando fronteiras em Mc 7,24-30, Peeters, Leuven 2011.

. 15 Vida em comunidade, Segue-me, Salamanca 2003, 92.

. 16 Cf. Nelle Morton, O Caminho é a casa - The Journay is Home, Boston 1985.

. 17 De tal forma que com Stephanie Klein poderíamos dizer que falar de Deus, o próprio anúncio evangelizador pode ser entendido como uma escuta, um renovado estilo de acompanhamento. Atreve-se afirmar ainda que "o conhecimento teológico –prático, indutivo ou empírico– não surge da palavra de Deus, mas da escuta de Deus à teologia e da escuta desta, por sua vez, de outras mulheres": Virginia R. Azcuy, "O método qualitativo na teología feminista. A experiência das mulheres e um diálogo com Stephanie Klein sobre a escuta": Perspectiva Teológica 53/3 (2021) 671-700, aqui, 692. "Um anúncio entendido como uma forma de escuta e um receber ao outro/a como uma forma de animar a própria linguagem" em coerência além da sinodalidade que requer a escuta como prática fundamental da vida e missão da Igreja. Ibidem, 693.

. 18 O papa em Mensagem para a 56° Jornada Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com os ouvidos do coração, Reconhecer com precisão alguns usos da ouvido que não se tratam da uma verdadeira escuta Escutar à escondidadas e espiar. Esse inteirar-se de tudo, quando não somos convocados a escutar. Armazenar informação, guardando seu uso para seu próprio interesse. Escutar-nos a nós mesmos quando os outros falam. Distorcer o que o outro diz, interpretando a partir de meus próprios pontos de vista, não deixando espaço para que o outro fale ou dizendo o que o outro não disse, ou não quis dizer. A escuta seletiva que vai preenchendo o que me interessa e só deixa espaço para o que se ajusta ao meu modo de ver. A escuta instrumental, utilizada como trampolim para fazer brilhar a minha resposta.

. 19 diáa é uma preposição que significa por meio de,"entre ", "através de", e por semelhança a dyo, também "dos" e Logos vem de legein, 'falar', porém também "pensar".

. 20 Stephanie Klein, Teologia e Pesquisa Biográfica Empírica. Abordagens metodológicas para a história da vida e da fé e seu significado para uma teologia experiencial (Praktische Theologie 19), Kohlhammer, Stuttgart 1994, 64: "por trás das generalizações desaparece a origem de um conhecimento conformado à medida do androcentrismo".

. 21 Ibidem.

. 22 J. M. Esquirol, A resitência íntima. Ensaio de uma filosofía da proximidade, O Abismo, Barcelona 2015.

. 23 F. Torralba, Antropologia do cuidar (1998) e Ética do cuidar (2002).

. 24 "Sim, "ser espiritual é despertar a dimensão mais profunda que há em nós, que nos faz sensíveis à solidariedade, à justiça para todos, à cooperação, à fraternidade universal, à veneração e ao amor incondicional; e controlar seus opostos", então a espiritualidade que nos conecta e re-conecta com todas as coisas, a que nos abre à experiencia de pertenecer ao grande Todo e faz crescer na esperança de que o sentido é mais forte que o absurdo. Cf. L. Boff, O cuidado necessário, Trotta, 2012.

. 25 Uma nova maneira de levar em consideração a realidade que parta de um aprender a ser mais com menos e a satisfazer nossas necesidades com sentido de solidaridade com as milhares de pessoas com fome e com o futuro das gerações vindouras.

. 26 Pepe Laguna, «Cuidadania»: cuidados que sustentam a vida. Pais e Professores 386 (2021) 12-17. "A transição do paradigma da cidadania para o do cuidado requer pelo menos três mudanças essenciais: uma antropológica, da auto-suficiência para a vulnerabilidade; uma ética, da moral formal para a ética responsiva; e finalmente, uma mudança sócio-política, do cuidado como virtude benevolente para o cuidado como exigência política".

. 27 Qualquer que seja o modo de cuidado que devemos ativar a qualquer momento, ele é sempre uma arte e tem suas exigências: Respeito escrupuloso pela autonomia do outro. Conhecimento e compreensão das circunstâncias do assunto tratado. Análise de suas necessidades. A capacidade de antecipar. Respeito e promoção da identidade do sujeito atendido. O autocuidado como garantia de cuidado correto. Conexão empática com a vulnerabilidade do outro. Cf. F. F. TORRALBA, Torralba, Ética del cuidar. Fundamentos, contextos e problemas, Institut Borja de Bioètica/ Mapfre Medicina, Barcelona 2006. Ibid., Essência do cuidado. Sete teses. Sal Terrae, Santander-Bilbao 2005, 885-894.

. 28 Winnicott WINNICOTT foi pioneiro em apontar a importância deste cuidado amoroso primário com o termo "cuidado materno suficiente": D. W. WINNICOTT, A casa, nosso ponto de partida. Ensaios de um psicanalista, Paidós, Barcelona 1996, 145. A dinâmica particular da ternura dentro da família influencia as formas de confiança incutidas na criança. Uma mãe que atende ternamente às necessidades de seu bebê cria um ambiente favorável que produz "na criança um alto grau de confiança em sua mãe" Ibidem, 36. Sobre esta confiança fundacional estabelecida no lar, são construídas relações com a família estendida, vizinhos, colegas e a sociedade em geral: JOHN BOWLBY, "Psicanálise como arte e ciência", Higher Education Quarterly 35/4 (setembro de 1981) 465-482, aqui 414.

. 29 Cf. Nurya Martínez-Gayol, Um espaço para a olhar a ternura a partir da teologia (Biblioteca Teologia Comillas), Desclée de Brouwer, Bilbao 2006.

. 30 Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir especialmente um testemunho de comunhão fraterna que seja atraente e resplandecente. Que todos possam admirar como cuidam uns aos outros, como se sustentam mutuamente e como caminham juntos: "Nisto reconhecerão que vocês são meus discípulos, no amor que têm uns pelos outross" (Jo 13,35). (EG 99)

. 31 Ela deriva da palavra "custodia" do latim custodia: guarda, salvaguarda, qualidade ou ação de guardar e proteger. Esta palavra deriva de custos, custodis- (guardião, aquele que representa como proteção ou cobertura para algo).

. 32 A criação não é um patrimônio humano, é uma realidade sagrada que revela o mistério de Deus. Deus fala através de cada criatura e, em cada criatura há um traço da eternidade de Deus.

. 33 "A vocação de custodiar", diz o Papa Francisco, "não só nos diz respeito a nós cristãos, mas tem uma dimensão que a precede e que é simplesmente humana, diz respeito a todos". É custodiar toda a criação, a beleza da criação, como nos é dito no Livro do Gênesis e como nos mostra São Francisco de Assis: é ter respeito por todas as criaturas de Deus e pelo ambiente em que vivemos (19 de março de 2013): Homilia Santa Missa no início de seu Pontificado.

. 34 É assim que é apresentado em, ALBERTO CANO ARENAS - ÁLVARO LOBO ARRANZ, Mais que saúde. Cinco chaves de espiritualidade inaciana para ajudar na enfermidade, Sal Terrae, Maliaño 2019, 100-106.

. 35 Cuidado e cura são dois termos que são etimologicamente muito próximos. Na verdade, "cura" deriva do latim "curare", que significa: "cuidar, preocupar-se". O cuidado, por outro lado, tem o significado de "prestar atenção a algo ou alguém" e vem do latim cogitare.

. "Cuidar" seria o conceito mais amplo, que de certa forma abraça a "cura" que, por sua vez, engloba a ideia de cura, cura e salvação... mas que se refere mais diretamente a uma situação anterior de lesão, dano, ruptura, enfermidade que clama por ser restaurada.

.

. 36 "A cultura do cuidado, como compromisso comum, solidário e participativo para proteger e promover a dignidade e o bem de todos, como disposição para cuidar, dar atenção, ter compaixão, proporcionar reconciliação e cura, respeito mútuo e aceitação, é uma forma privilegiada de construir a paz": FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz, 01/01/2021.

.

. 37 Josep María Esquirol. A resistência íntima, Abismo, Barcelona 2015.

SABEDORIA PARA A CAMINHADA SINODAL

Dra. Jessie Rogers



A Dra. Jessie Rogers fez história recentemente, tornando-se a primeira leiga e a primeira mulher a ser reitora do St Patrick's College, em Maynooth. A Dra. Rogers, de origem sul-africana, realizou seus estudos de pós-graduação na Universidade de Stellenbosch e veio para a Irlanda em 2007 para lecionar no Mary Immaculate College antes de ingressar na Faculdade de Teologia do Saint Patrick's College, em 2014. Como estudiosa das Escrituras, especializada no Antigo Testamento, seu trabalho acadêmico se concentra na literatura de sabedoria bíblica. Nos últimos anos, ampliou-a para incluir a espiritualidade e um foco na Teologia da Infância. A Dra. Rogers é membro da Associação Bíblica Irlandesa, da Sociedade Sul-Africana para Estudos do Oriente Médio, da Sociedade Europeia de Teologia Católica e do Godly Play International College of Trainers.

1.

Sabedoria é um conceito rico. É muito mais do que um corpo de conhecimento; refere-se a modos de ser e agir no mundo. A sabedoria é uma aptidão e uma disposição. A pessoa sábia conhece a ação correta *e* deseja fazê-la. Sabedoria é a capacidade de escolher os melhores objetivos e discernir o melhor caminho para chegar lá. A sabedoria implica viver nossas vidas em alinhamento com o que é real, para que possamos alcançar o bem maior. A sabedoria leva em conta a estrutura profunda da realidade e escolhe metas e métodos em harmonia com isso.

É por isso que gostaria de começar com o que acreditamos sobre Deus, o mundo e nossa missão no mundo. Essa realidade fornece os contornos fundamentais para a verdadeira sabedoria. Os sábios de Israel ensinaram que *"o temor do Senhor é o princípio da sabedoria"* (Sl 111,10; Pv 1,7; 9,10; Sir 1,14). O temor aqui significa reverência; significa levar Deus a sério para que nossas vidas e nossos compromissos sejam conscientemente moldados pelo que sabemos da vontade e do chamado de Deus, para nós e para o mundo.

Os desenvolvimentos no conhecimento humano nos convidam a ver o cosmos como uma teia interconectada que está numa caminhada de transformação. Nossa fé nos assegura que este é o mundo de Deus e que Deus está trabalhando para reconciliar e restaurar todas as coisas em Cristo (cf Cl 1,15-20). Confessamos que o destino final é o

shalom universal: paz, plenitude e bem-aventurança. Sabendo disso, podemos discernir o Espírito de Deus em ação em cada impulso em direção à vida e ao amor, mesmo em meio as fraturas. Sabemos também que nossa missão é edificar o corpo de Cristo, entendido no sentido mais amplo, e ser um canal da bênção de Deus para o mundo.

Mas há muitas maneiras diferentes em que isso pode ser feito. O Espírito Santo concede diversos dons e existem inúmeras possibilidades para viver fielmente o chamado. Além disso, estamos caminhando com o Deus das surpresas que vem ao nosso encontro rumo a um futuro desconhecido. Não podemos prever com antecedência para onde a caminhada nos levará. Deus é fiel e criativo, sempre fiel a si mesmo e guardião das alianças, e ainda maior do que qualquer enquadramento que possamos fazer para Deus. Como caminhamos num cosmos emergente com um Deus confiável, mas radicalmente livre, que escolheu envolver as criaturas de Deus no processo criativo e que nos deu o livre

A única maneira de proceder com sabedoria é manter-se perto de Deus e do que Deus está fazendo.

arbítrio para que possamos escolher contra, assim como a favor, a vida e a integridade? Esse é o desafio da sinodalidade: caminhar juntos.

2.

A única maneira de proceder com sabedoria é manter-se perto de Deus e do que Deus está fazendo. Isso requer tanto enraizamento quanto abertura. Ouça as palavras dirigidas ao povo de Deus no exílio que descrevem esta dança do discernimento:

> *Assim diz o SENHOR,*
> *aquele que fez um caminho pelo mar,*
> *uma vereda pelas águas violentas,*
> *que fez saírem juntos os carros e cavalos,*

o exército e seus reforços,
e eles jazem ali, para nunca mais se levantarem,
exterminados, apagados como um pavio:
Não se lembram o que se foi;,
não vivam no passado.
Vejam, estou fazendo uma coisa nova!
Ela já está surgindo! Vocês não o percebem?
Até no deserto vou abrir um caminho
e riachos no ermo. (Isaías 43,16-19)



O povo de Deus é instruído a lembrar como, com algumas frases evocativas a travessia do mar e o afogamento do exército do Faraó, o poeta os lembra que o Deus que se dirige a eles é o Deus do Êxodo, o Deus de seus ancestrais e o Deus da Tradição. Este é o Deus da fidelidade em tempos passados. Mas então, depois de lembrá-los explicitamente, o poeta lhes diz*: "não se lembrem das coisas antigas nem considerem as coisas do passado."* Eles devem esquecer apenas o suficiente para criar um espaço para a novidade de Deus. Se, em sua imaginação, eles se apegarem demais a como Deus agiu no passado, eles podem ignorar a coisa nova que Deus está fazendo no presente. Eles precisam se lembrar para que possam reconhecer as pegadas de Deus, mas cuidar para não ficar lembrando muito afim de que as expectativas baseadas no passado não os ceguem para o que Deus está fazendo agora. É o mesmo Deus e a mesma história, mas em uma chave diferente. Onde a caminhada do Êxodo os conduziu através da água à liberdade, esta caminhada os conduzirá para fora do exílio, através do deserto e de volta para casa.

Você pode ouvir aqui a sabedoria para sua própria caminhada sinodal? Você é nutrida pelas tradições que a moldaram, por seus carismas fundacionais e por suas próprias histórias pessoais nas quais você conheceu Deus. Essa história lhe dá um lugar firme para se manter de pé; moldou sua compreensão de Deus e de como Deus trabalha. Tal conhecimento é a chave para ser capaz de reconhecer as pegadas de Deus. Mas, como uma árvore que lança novos galhos, você precisa estar aberta ao futuro, um futuro que você não pode prever de antemão, mas cujos novos brotos você pode reconhecer no presente se prestar atenção. O Deus que você conheceu é o Deus que levará a história adiante. Mas este Deus não pode ser limitado ao que você já conhece.

Somos convidadas pelo texto bíblico a criar um espaço em nossa memória para nos impedir de tentar prender o futuro na gaiola do passado. Somos chamadas a ser abertas e receptivas à coisa nova que Deus está fazendo. No momento presente, que paira



na brecha entre o passado que pensamos conhecer e o futuro que ainda está por vir, podemos abraçar a incerteza com curiosidade. Estamos sendo solicitadas a prestar atenção porque o que Deus está fazendo não pode ser nomeado de antemão, mas pode ser percebido se estivermos alertas e atentas. Há uma continuidade na obra de Deus que, embora fuja da previsão, pode ser intuída no presente e confirmada em retrospectiva.

Que disposições e atitudes de coração nos ajudarão nessa dança do discernimento, nesse lembrar e esquecer e perceber? Lembro-me das palavras de Jesus aos seus discípulos depois de os ter convidado a discernir o Reino de Deus através das lentes das parábolas que estendem, provocam e incitam a uma nova forma de experimentar Deus no mundo: *"Por isso, todo escriba que tem sido preparado para o reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e velhas"*. (Mateus 13,52). Quando somos sábias, não somos rígidas e presas ao passado, nem levadas por todas as modas novas. Somos,

ao mesmo tempo, enraizadas e sensíveis. Somos capazes de discernir o que valorizar no velho e o que abraçar no novo. Conhecemos nossas histórias. Mas também temos um vislumbre do futuro glorioso para o qual Deus nos chama. Suspensas entre o passado e o futuro, estamos atentas aos sinais de Deus em ação no presente.

Nem tudo no passado pode ser trazido para fora como um tesouro. A liberdade requer a coragem de enfrentar a escuridão em nosso passado, individual e coletivamente. Para o que precisamos dar e receber perdão? O que devemos renunciar? Podemos permanecer enraizadas nas dimensões vivificantes do passado sem tentar justificar as partes dele que estão machucadas e doloridas ou que não nos servem mais por não serem boas. Mas vamos celebrar aqueles elementos que continuam a dar vida. Mulheres sábias cantam e dançam suas histórias de libertação, como Míriam, do outro lado do Mar Vermelho, que pegou seu pandeiro e guiou as mulheres na dança: *"Cantemos ao Senhor, porque ele triunfou gloriosamente; cavalo e cavaleiro lançados ao mar"*. (Êxodo 15,21).

Como podemos abraçar a sabedoria da vulnerabilidade? Significa semear com esperança, mesmo quando estamos chorando, e confiar seu crescimento a Deus (Salmo 126).

O que nos ajudará a ver a coisa nova que Deus está fazendo em nosso meio e no mundo? Uma atitude de admiração contemplativa, atenção compassiva e esperança. Na Evangelii Gaudium, o Papa Francisco nos exorta:

> *"Cremos no Evangelho quando ele nos diz que o reino de Deus já está presente neste mundo e está crescendo, aqui e ali, e de várias maneiras: como a pequena semente que cresce em uma grande árvore, como a medida do fermento que faz crescer a massa, e como a boa semente que cresce no meio do mato e pode sempre surpreender-nos agradavelmente. O reino está aqui, ele retorna, luta para florescer novamente. A ressurreição de Cristo, em todos os lugares, gera sementes desse novo mundo; mesmo que sejam cortadas, elas crescem novamente, pois a ressurreição já está secretamente tecida no tecido desta história, pois Jesus não ressuscitou em vão".* (EG par. 278)

Se acreditarmos nisso, se confiarmos que Deus está trabalhando, e desejarmos fazer parte dessa marcha de esperança viva, então teremos um vislumbre da coisa nova que Deus está fazendo.

3.

O Deus do Êxodo nos é revelado como o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. O mistério pascal é um lembrete poderoso de que Deus trabalha de maneiras surpreendentes. Deve estar no centro de nossa lembrança, porque os seguidores de Jesus Cristo são chamados a abraçar a sabedoria da vulnerabilidade. São Paulo recorda-nos que a Boa Nova que anunciamos é Cristo crucificado. O que o mundo chama de fraqueza, loucura e fracasso, na verdade é o poder e a sabedoria de Deus em ação. *"Pois a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força humana."* (1 Coríntios 1,25). Diante da violenta oposição, Jesus evitou as reações instintivas ao perigo de lutar ou fugir. Ele não procurou superar a violência com a força, que é o caminho do revolucionário. Tampouco escolheu o pacifismo, fugindo ou deixando-se silenciar. Jesus abraçou a terceira via de resistência não-violenta. Ele permaneceu fiel até o fim. Absorvendo a violência sem retaliar ou recuar, sem lutar nem fugir, mas perseverando na obediência fiel ao seu Pai, Jesus desmascarou as mentiras dos poderosos e sofreu em solidariedade com os impotentes. Sua morte criou a possibilidade de reconciliação e novas possibilidades tanto para os oprimidos como para os opressores terem sua humanidade restaurada. Esse é o poder transformador da solidariedade vulnerável ao qual Deus diz um sonoro 'sim' na Ressurreição.

Como podemos abraçar a sabedoria da vulnerabilidade? Significa semear com esperança, mesmo quando estamos chorando, e confiar seu crescimento a Deus (Salmo 126). Significa arriscar a nós mesmas e o nosso futuro pelo bem do mundo e seu futuro. Significa aceitar que a mudança acontece não pela força, mas abraçando o outro, através da oferta da reconciliação. Precisamos absorver o modo contracultural de Jesus estar no mundo. A sabedoria convencional pode nos dizer que só podemos provocar mudanças a partir de uma posição de poder e influência, ou que precisamos dominar a conversa ou os fatos, ou que o fim justifica os meios. Mas não é assim que Deus traz novidades.

Quero observar, porém, que num mundo patriarcal, a tentação enfrentada pelas mulheres é muitas vezes invertida. Jesus nos diz que aquele que quiser salvar sua vida a perderá, mas aquele que perder sua vida a salvará (Mt 16,27). Mas existem motivações diferentes para perder a vida. Outros vão querer tirar isso de nós pedindo que nos sacrifiquemos por seus objetivos ou desejos. Negar a si mesmo para permitir o egoísmo ou a destrutividade dos outros não é viver de uma vulnerabilidade moldada por Cristo. Devemos estar convencidas do nosso próprio valor inestimável aos olhos de Deus, para encontrar a liberdade interior e para nos entregarmos por amor. Quando tivermos ouvido a afirmação do Pai "Tu és minha filha amada, em ti ponho o meu agrado" (cf Lc 3,22), teremos força para dizer 'não' às tentações que nos tirariam da missão, assim como Jesus fez no deserto (Lucas 4, 1-12). Às vezes, a tentação é alimentada pelo orgulho, mas para as mulheres em particular, as vozes que devem ser resistidas, geralmente, vêm de um sentimento de inadequação ou de uma expectativa cultural internalizada de que vivemos nossas vidas de acordo com a vontade dos outros. Jesus não era um capacho, e nós também não o somos. A sabedoria nos chama a agir a partir de um lugar de liberdade genuína. Quando sabemos que nossas vidas são de Deus e que são preciosas, além da medida, nós as entregaremos pelas razões justas.

4.

A sabedoria abraça os melhores objetivos e escolhe os caminhos ideais para alcançá-los. Que ações e valores são necessários para viver com sabedoria e caminhar sinodalmente, num mundo interconectado, emergente, permeado por Deus, que sofre e é belo?

Se o Deus de Jesus Cristo está operando nas e através das criaturas de Deus e se Deus está reconciliando todas as coisas em Cristo (Cl 1,16), então a sabedoria não consiste em ter poder ou em verdades abstratas a serem impostas. Em vez disso, encontra-se no acompanhamento, na aproximação. Onde há brotos verdes indo em direção à luz, a mulher sábia rega, capina e espera com esperança. Ela presta atenção de forma compassiva e responde às necessidades capacitando e encorajando o crescimento. Ela tem paciência e coragem para segurar as tensões enquanto algo novo vem à tona. Ela explora sua criatividade dada por Deus e atrai a criatividade dos outros. Ela não trabalha sozinha. Profundamente ciente dos elos que compõem a teia da vida, ela celebra a vida e o amor que fluem através deles, consertando os elos fracos, desbloqueando o obstruído, lamentando os que estão quebrados e forjando novos elos. Ela constrói a comunidade e é ela mesma alimentada e apoiada por outros. Ela continua ampliando o círculo. Tal vida se enraíza e cresce em corações abertos, criativos, confiantes e dispostos a se aventurar por novos caminhos.

Há duas práticas que são de particular importância para a sinodalidade: saber quando falar e quando calar, e a prática da hospitalidade. O pregador em Eclesiastes nos lembra que *"para tudo há um tempo, e um tempo para todo propósito debaixo do céu"*, incluindo *"tempo de calar e tempo de falar"* (Eclesiastes 3, 1, 7b). Seria muito mais fácil se algumas ações estivessem sempre certas e outras sempre erradas! Mas a sabedoria consiste em saber o momento oportuno. O caminho sinodal é um processo de conexão, de escuta e discernimento e de falar a nossa verdade com coragem. A hora de falar é depois de ouvirmos profundamente. É quando nos abrimos em verdadeira vulnerabilidade para o outro. A conversa honesta é presença autêntica. É também um tempo para falar quando a nossa voz pode trazer em foco a perspectiva dos excluídos. Devemos falar contra atos de silenciamento opressivos ou descuidados.

A hora errada de falar é antes de ouvirmos - a Deus, a nós mesmas e aos outros. O discurso tolo vem de um lugar irrefletido e complacente, onde pensamos que sabemos e não temos nada de novo para aprender. As palavras podem ser uma forma de abafar o que não queremos ouvir, porque somos arrogantes ou medrosas, talvez até as duas coisas. *"A palavra proferida no momento certo é como frutas de ouroincrustadas numa escultura de prata"* (Pv 25,11). A palavra certa na hora certa cria a possibilidade de conexão.

E o silêncio? Ficar em silêncio quando devemos falar é recusar a conexão ou privar os outros de nossas percepções singulares. Quando uma perspectiva sobre uma questão complexa não é escutada, o discernimento comunitário em direção a uma solução pode ser desequilibrado e incompleto. Ficar em silêncio na hora errada pode permitir que o mal floresça e prive o necessitado de um advogado. O bom silêncio está a serviço da escuta atenta. Cria um espaço de compreensão, de conversão e de crescimento. O silêncio atento é um ato de hospitalidade radical.

A hospitalidade é uma das marcas do Evangelho em ação, particularmente quando é estendida ao estrangeiro (Romanos 12,13; Hebreus 13,2) A prática da sinodalidade espelha a própria prática de Jesus de inclusão dos companheiros/as nas refeições; uma prática que abre espaço à mesa. A hospitalidade não apenas alimenta o estranho; abre espaço para ele em nossas vidas. A hospitalidade deve ser recebida com humildade, bem como assim ser oferecida. A sabedoria da vulnerabilidade reconhece as maneiras pelas

quais dependemos da hospitalidade radical dos outros. Estou pensando em como Jesus enviou os 72 discípulos, dizendo-lhes que não levassem nada para a viagem e instruindo-os a ficar onde fossem recebidos e a comer o que lhes fosse oferecido (Lucas 10). A hospitalidade nos lembra que não somos autossuficientes; ela tece fios para superar a divisão e o isolamento. A hospitalidade é essencial para a sinodalidade porque cria possibilidades de transformação através do encontro.

5.

Concluo com um extravagantemente generoso convite da carta de Tiago, um texto de sabedoria do Novo Testamento:

> *Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá generosamente e de boa vontade; e ela lhe será dada. Mas peça-a com fé,*
>
> *Sem duvidar, pois quem duvida é semelhante a uma onda do mar, Levada e agitada pelo vento* (Tiago 1,5-6 NRSV).

Você precisa de sabedoria? Bem, peça e você receberá! Deus anseia que façamos essa caminhada sinodal com sabedoria. Nosso Deus generoso se deleita em nos dar tudo o que precisamos à medida que crescemos num modo sinodal de ser e de servir. O convite não poderia ser mais claro: peça o que você precisa!

Somos lembradas de que devemos pedir com fé, nunca duvidando. Como podemos fazer isso? Talvez antes de pedirmos sabedoria para o caminho sinodal, devêssemos pedir a Deus que nos ajude a confiar, confiar que Deus está trabalhando, confiar que o Reino de Deus está se enraizando e crescendo mesmo nos lugares mais improváveis, e confiar que podemos ouvir o convite do Espírito nas experiências dos outros, particularmente nas margens.

Tiago enfatiza que a fé não é o que *dizemos* que cremos, mas o que fazemos. A fé é vista em ação (Tiago 2, 17, 26). Por implicação, duvidar é recusar-se a realizar a ação que a fé exige. Se pedirmos sabedoria e não dermos o primeiro passo, por mais vacilante que pareça, estaremos pedindo sem fé e nunca descobriremos a sabedoria que Deus nos oferece. Não caia na tentação de pensar que falar de sinodalidade é o mesmo que praticá-la. Não estude a sinodalidade sem experienciá-la.

Tornar-se uma igreja sinodal significa caminhar juntos, juntas. Significa abrir-se aos outros, escutar e falar, refletir e discernir e dar o próximo passo juntos, juntas. O caminho se faz caminhando. A sabedoria é encontrada em responder ao convite do Senhor para caminhar com o Espírito, uns com os outros, umas com as outras e, finalmente, com toda a criação, enquanto co-criamos um futuro que é o sonho de Deus para o mundo.

VULNERABILIDADE COMO LÍDER DURANTE O TEMPO DA PANDEMIA

Irmã Mª Carmen Mora Sena, hcsa



A Irmã Mª del Carmen Mora Sena, Superiora Geral das Irmãs da Caridade de Santa Ana, Vice-Presidente da Comissão de Saúde da USG-UISG, (nascida em Sevilha, Espanha), é graduada em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Sevilha (1988) e é Especialista em Medicina Famíliar e Comunitária. Obteve o grau de Mestre em Bioética pela Universidade Católica de Valência.

Quando recebi o convite para participar neste painel, senti que não podia dizer não, porque precisamente, a vulnerabilidade acompanhou-me ao longo da minha vida e acho que é a palavra que melhor define a minha experiência pessoal no desempenho do serviço, como Superiora Geral da Congregação da qual faço parte. Serviço que iniciei em julho de 2019, poucos meses antes do início da pandemia do covid-19.

A verdade é que, desde o início, antes mesmo da pandemia começar, me senti pequena e vulnerável e praticamente passei o primeiro ano deste serviço me perguntando por que disse sim no Capítulo, quando fui eleita. Lembrei-me de Samuel perguntando a Jesé: "São estes todos os filhos que você tem?" (1 Sam 16,11)

Eu tinha alguma experiência de Governo, mas nunca tinha sido uma "Superiora", nem mesmo de uma comunidade local... Sentia facilmente os meus limites na vida quotidiana: uma certa insegurança pessoal, apego à minha imagem, vontade de "fazer" bem feito, não sabia administrar bem minhas emoções, nem me expressar muito bem quando afetada por elas..., e sentia que havia outras Irmãs que poderiam prestar esse serviço melhor do que eu.

No entanto, nos Exercícios Espirituais que vivi, no tempo da Pandemia, a "escolha" foi "dizer sim" ao serviço que agora realizo, a partir da vulnerabilidade, convicta de que este é o tipo de liderança que a vida religiosa necessita. hoje.

Sou espanhola e, no meu país, o "estado de alarme" foi decretado devido à Pandemia em março de 2020. Eu havia retornado da Venezuela uma semana antes e não estava ciente da situação. A noticia, então, me pegou de surpresa, com um cansaço acumulado e questões atrasadas esperando para serem resolvidas.

Mas, para além das recomendações iniciais, protocolos e orientações de ação que, em conjunto com a Conselheira encarregada pela área da Saúde, enviamos às comunidades e centros, confesso que tive dificuldade em reagir:

- por um lado, sentia que "não conseguia", que me faltava tempo para olhar o todo, que os detalhes importantes me escapavam, e era difícil para mim não ser tão generosa, disponível ou criativa como as outras Irmãs... E eu simplesmente tive que aceitar minha realidade com humildade;
- por outro lado, precisei me organizar com minha família de sangue no cuidado de minha mãe que estava com Alzheimer e totalmente dependente... Custou-me de não poder estar mais próxima dela, porém compreendi que era melhor que ela fosse atendida por aqueles que estavam mais próximos e apreciei a ajuda de meus irmãos;
- ainda, sentia-me insegura porque não sabia qual era o meu papel, se devia me oferecer como médica para cuidar dos infectados, como sugeriam algumas, o que significaria colocar em risco as muitas Irmãs mais idosas na casa onde eu estava morando; Ou se seria melhor permanecer e manter a mão no leme do navio, sem saber o rumo a seguir... Sem muita clareza, optei pela segunda modalidade.

Depois de abordar o assunto com minhas Irmãs do Conselho, escrevi uma carta circular a todas as Irmãs na qual expliquei o que se sabia na época sobre a infecção do covid: pedi calma e responsabilidade, convidei a terem confiança em Deus e à intensa oração de intercessão, encorajei à solidariedade a partir da criatividade do amor - citando exemplos do que nossas Irmãs já estavam fazendo em diferentes lugares. Pedi àquelas que não eram especialmente vulneráveis ao vírus ou que viviam com pessoas que estavam contagiadas - que se oferecessem às suas Superioras Provinciais para atender as pessoas infectadas quando necessário, que realizassem tarefas de apoio a pessoas vulneráveis ou dessem uma resposta criativa a outras necessidades decorrentes da pandemia.

Nós, também, abrimos canais de comunicação para compartilhar, entre as Irmãs, informações relacionadas à pandemia e receber pedidos de oração de pessoas que gostariam de contar com nosso apoio orante. Ambos os meios foram amplamente utilizados.

Junto com as boas notícias da ação solidária realizada por nossas Irmãs, logo vieram notícias de situações complexas que estavam surgindo e difíceis de lidar:

- **Em nossas Comunidades e Centros o contágio se fez presente,** principalmente nas Casas das Irmãs Idosas, nos Asilos e nos Hospitais. Ficaram enfermas e faleceram de Covid, muitas Irmãs, pessoas que atendámos e alguns funcionários...
    - Em algumas grandes comunidades de idosas, quase todas foram infectadas, idosas e cuidadores, e foi necessário enviar reforços para cuidar delas, com Irmãs que também foram infectadas, uma delas da minha comunidade, membro do Conselho Geral. A maioria das que iam ao hospital não voltava com vida e isso fazia com que temessem de serem internadas... Também foi difícil não poder acompanhá-las na internação - porque não era permitido - e elas morreram sozinhas... Teve comunidades que perderam nove Irmãs para o covid num mês...

      Teve momentos em que tínhamos medo de ligar o computador e encontrar mais obituários de Irmãs falecidas.
    - A isso se somava os repetidos confinamentos dentro da própria casa que mantinha as Irmãs com deficiência cognitiva isoladas em seus quartos, porque outra pessoa havia testado positivo, e as tornava mais tristes e definhavam mais rapidamente.
    - Nos asilos doía muito perder algumas pessoas com quem convivemos há tanto tempo, seus parentes pediram que não fossem levados aos centros de covid, pois sentiam mais confiança nas Irmãs, embora os meios fossem escassos naquele momento. Houve Irmãs infectadas que continuaram a coordenar as Casas de Repouso a partir da sua situação de isolamento, outras que, ainda doentes, continuaram a trabalhar cuidando dos infectados...

- Nossos Hospitais foram colocados à disposição das autoridades para atender pacientes do Covid. Isso gerou uma grande perda econômica que nos levou a solicitar créditos daqueles que precisam de autorização de Roma para o valor (porque a atividade cirúrgica programada foi suspensa, o que poderia nos trazer receitas, e as despesas aumentaram, pois os pacientes eran enviados ao hospital, mas não recebíamos material ou equipamento de proteção, nem apoio para adquiri-los); mas, sobretudo, significou também o contágio e a morte de Irmãs jovens que cuidavam dos atingidos. A primeira delas, minha colega de trabalho.
- As Irmãs dos Centros Educacionais se adaptaram o melhor e o mais rápido possível à virtualidade para as aulas, mas, em muitos lugares, os estudantes não tinham meios para acompanhá-las dessa maneira, e precisavam ser criativas e arriscadas para fazer chegar os guias pedagógicos, e também oferecer apoio material e psicológico a eles e suas famílias... Devido à ausência de frequência, transferências familiares e perda de emprego dos pais, perdemos muitos alunos e, em alguns países, tivemos que adiar o pagamento de parte dos salários dos trabalhadores, por não ter capacidade de fazê-lo naquele momento...
- A nossa presença em lugares remotos com meios de comunicações limitados também nos fez perder Irmãs muito jovens, uma das quais - apenas um ano antes - havia feito a Profissão Perpétua.
- As Irmãs Provinciais, algumas das quais adoeceram com covid, transferiam a mim a situação e algumas recusavam-se de pasar as informações para as Irmãs de suas Províncias, pois não queriam alarmá-las mais do que já estavam; no entanto, elas exigiam essa informação e isso significava que eu precisava intervir e buscar um ponto de equilíbrio para oferecê-la às Irmãs.

- **Teve Irmãs que foram surpreendidas com o confinamento fora de suas comunidades** – com suas famílias, em outras comunidades ou em lugares onde não havia nenhuma comunidade próxima e levaram meses para poder retornar a elas; **algumas ficaram mais de um ano com sua comunidade a** milhares de quilômetros de outras Irmãs... Era árduo não ter meios e condições de resolver as situações.
- **Outras Irmãs perderam pais, mães, Irmãos** ou vários familiares próximos em poucos dias e não puderam marcar presença, despedir-se ou participar do enterro... Eu também perdi mina mãe, porém – em meio ao sofrimento - precisamente por sua situação de dependência que me facilitava viajar, tive a graça de acompanhá-la e cuidar dela como médica, em casa, uns dias antes de sua morte, mesmo que as restrições relacionadas aos enterros me afetassem, o que não permitia que parentes próximos nos acompanhassem, como os irmãos de minha mãe, nem minhas Irmãs da comunidade naquele transe...
- **O confinamento** impediu que as Irmãs ingressassem nas casas de **formação**, que as Provinciais pudessem viajar para receber os primeiros votos ou profissões perpétuas e que algumas Irmãs de Votos Temporários pudessem renovar seus votos, como de costume, em suas comunidades, perante a Superiora Provincial, e soluções criativas tiveram que ser buscadas.
  - **O Processo de Reconfiguração e Unificação das Províncias e Delegação da América Latina e os Capítulos Provinciais também foram afetados.** No primeiro, houve reuniões que desejávamos que fossem presenciais e foram adiadas em até cinco vezes por fechamento de fronteiras ou contágio. As que mais sofreram foram as que tinham menor número de Irmãs, até que finalmente encontramos a fórmula bimodal e lugares mais seguros para nos encontrarmos, o que nos permitiu desbloquear e concluir o processo.
  - O Capítulo da Delegação da África teve de ser adiado duas vezes: primeiro por um trimestre e depois por mais um ano. Seria o seu primeiro Capítulo de eleições e o

Conselho que cessou, pediu-nos para "nomear" uma nova Equipa de Governo... Entendi que era mais pedagógico que a Equipe fosse eleita em Capítulo, mas foi-me muito difícil transmitir-lhes a decisão de não lhes conceder o que elas solicitaram, e eu sabia que elas desejavam muito, principalmente a Superiora Delegada e sua Secretária. Quando peguei o telefone para comunicar-lhes a decisão, eu não sabia muito bem o que ia dizer ou como ia dizer... e o Senhor abriu meus ouvidos para escutar, entender e falar-lhes, oferecendo "espaços verdes" e apoio incondicional a partir de minha pobreza...

- Devido ao fechamento das fronteiras, várias visitas canônicas tiveram que ser adiadas nas quais era necessário abordar certos assuntos delicados com as Irmãs... E isso teve que ser feito via zoom ou por telefone quando não havia mais tempo.
- Quando as **vacinas finalmente chegaram,** embora a maioria as recebesse com esperança, **encontramos algumas Irmãs "recusantes",** que se negaram de receber,



mas queriam continuar trabalhando - algumas na área da saúde ou trabalhando com pessoas vulneráveis - e, além de tentar persuadi-las (fornecendo informações científicas contrastantes, esclarecendo dúvidas e oferecendo testemunhos autorizados, como o apelo do Papa, não apenas para nos vacinarmos, mas para gerar confiança nos mais pobres para que eles fizessem o mesmo), tivemos que arbitrar o caminho e combinar o respeito à liberdade de cada uma, com a proteção de terceiros vulneráveis e com a salvaguarda da responsabilidade da Congregação perante seus familiares.

É verdade que, em muitas dessas duras circunstâncias, experimentei facilmente sentimentos de dor, perplexidade, pequenez, fragilidade, insegurança, impotência, mas, ao mesmo tempo, descobri que, no fundo, partilhávamos o destino de muitos, e que, melhor ainda, tivemos mais sorte que eles, por contar com o apoio da Congregação.

Fui, aos poucos, preparando-me para viver com a incerteza, aprendendo a aceitar de não poder ter tudo "sob controle", de acolher e sustentar a realidade como ela se

apresentava, a colocar-me nas mãos de Deus e a buscar, contando com as luzes dos outros, principalmente das minhas Irmãs do Conselho, soluções ora prudentes, ora mais arriscadas, mas que era preciso explorar.

Ao mesmo tempo, a consciência de minhas limitações, fraquezas e deficiências me tornou mais humana e ampliou minha capacidade de compartilhar e compreender as dores, inseguranças, fraquezas e fragilidades de minhas Irmãs e de outras pessoas.

Em muitas situações de solidão, doença, morte, perda, eu só podia estar perto, chegar com uma mensagem ou um chamado, oferecer o ouvido e o coração para ouvir e acolher - mais frequentemente de forma virtual do que pessoalmente, acompanhar com carinho e oração... Mas o que parecia pequeno para mim foi um grande alívio para muitos.

Eu, também, pude acolher a ajuda e a solidariedade de outros e ser um canal para compartilhá-la com outros. Recordo com emoção os numerosos lotes de máscaras e luvas que nos foram enviados, em sucessivas remessas, por nossas Irmãs da China e Macau quando na Espanha e em muitos outros lugares era quase impossível conseguí-los.

Da mesma forma, senti a necessidade de reconhecer e agradecer o apoio e a ajuda de outros, o envolvimento no trabalho das Irmãs e dos leigos dos nossos Centros... E, mesmo sem dominar os meios de comunicação, contar com a ajuda das minhas Irmãs. No dia 1º de maio, enviei a todas, pelas redes sociais, uma mensagem de reconhecimento pelo esforço, dedicação, gratuidade, estímulo e encorajamento.

O que vivi me leva a descobrir que **a vulnerabilidade torna a sinodalidade possível** pois torna palpável que precisamos caminhar juntos, contando com a riqueza, o apoio, a iluminação e a contribuição dos outros; e reforça minha convicção de que este **é o caminho de liderança que a Vida Religiosa precisa hoje,** é o da liderança que nos aproxima e nos abre aos outros e deixa Deus tomar as rédeas de nossas Congregações e do Serviço que oferecemos ao mundo.

É o mesmo caminho que Ele escolheu em sua Encarnação e na Páscoa para se aproximar de nós, curar nossas feridas e nos enviar para continuar sua missão, contando com sua Presença e seu encorajamento.

VULNERABILIDADE COMO MISSIONÁRIA

Irmã Anne Falola, OLA



Ir. Anne Falola é Irmã missionária de Nossa Senhora dos Apóstolos (OLA). Ela tem Bacharelado Educação: Orientação/Aconselhamento e Mestrado em Espiritualidade Cristã pelo Heythrop College, University of London. Suas áreas de atuação missionária incluem: ensino, trabalho pastoral e social, diálogo inter-religioso e animação missionária. Ela trabalhou na Nigéria, seu país de origem, na Argentina e brevemente no Reino Unido. Atualmente é Conselheira Geral em sua Congregação e reside em Roma.

Introdução

A vulnerabilidade é uma qualidade fundamental de toda missão cristã autêntica, porque somos chamadas a seguir Cristo, *'que, sendo em forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus como algo a ser explorado, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo*... (Filipenses 2,6-8). A Kenosis de Cristo faz da *vulnerabilidade um modo de ser missionário* e um importante meio para a missão. O dicionário explica *vulnerabilidade como estar exposto à possibilidade de ataque ou dano, seja físico ou emocional*. A vulnerabilidade de Cristo não foi imposta; é uma condição que Ele assumiu voluntariamente, desde seu nascimento na manjedoura como um bebê indefeso até sua morte na Cruz como um criminoso comum. Convido-nos a ter em mente qualquer um dos numerosos ÍCONES do Cristo vulnerável enquanto compartilho esta reflexão.

Abordo esta reflexão considerando dois aspectos da vulnerabilidade vivida pelos missionários. A primeira é o que chamo de ***vulnerabilidade a partir de cima***, que defino como a decisão de esvaziar-se do poder e da honra que se possui legitimamente; contradiz nosso desejo inato de manter o poder, dominar e triunfar. A segunda, que chamo de ***vulnerabilidade a partir de baixo***, é um convite para abraçar nossa condição humana em suas feridas, fragilidades, limitações, pecaminosidade e imperfeições. Enquanto a experiência da pandemia trouxe a fragilidade da família humana para perto de todos, só podemos transformar a dor trazida pela pandemia quando juntos aprendemos a abraçar as duas formas de vulnerabilidade. A primeira é algo que devemos deixar de lado para seguir a Kenosis de Cristo, enquanto a segunda é uma realidade imposta a nós por nossa condição humana que aprendemos a ***abraçar para a transformação.***

Gostaria de compartilhar esses dois níveis de vulnerabilidade em minha própria vida de mulher, consagrada para a Missão *ad gentes ad extra.* Isso implica um movimento geográfico para terras e povos de outras culturas. Implica também um movimento para a periferia existencial, como enunciado pelo Papa Francisco na *Evangelium Gaudium*, convidando a Igreja a ir a todas as periferias humanas onde as pessoas sofrem exclusão e experimentam diferentes formas de privações desumanizantes como resultado da desigualdade econômica e do empobrecimento, injustiça social e degradação ambiental[1]. Esta missão *ad gentes* na perspectiva existencial é um apelo urgente para todos nós, consagrados no mundo de hoje.

O apelo do Papa Francisco ao Processo Sinodal é, em última análise, um apelo renovado à missão, mas não da posição de poder e autoridade até então mantida. É um convite a uma *Igreja sinodal em comunhão, participação e missão*. Isso não pode ser alcançado sem aceitar e abraçar nossa vulnerabilidade. Para nós como missionários, a vulnerabilidade é uma vantagem para a missão, e não um fardo; porque nos permite entrar mais profundamente na realidade humana através da nossa própria participação no que é fraco, oprimido e pobre.Quando abraçamos nossa própria vulnerabilidade, nos aproximamos das pessoas que precisam de luz e libertação. Talvez a caminhada mais exigente para nós como discípulos-missionários não seja a distância física que percorremos, mas a caminhada interior para deixar nossas seguranças e abraçar nossas próprias vulnerabilidades. Não somos mestres construtores como diz Oscar Romero, e somos curadores feridos de acordo com Henri Nouwen.

A Nova Primavera da Missão – Reciprocidade

O pedido que recebi foi para falar sobre **Vulnerabilidade como Missionária**, especificamente a partir de uma perspectiva africana. Agradeço às organizadoras da Plenária da UISG por incluir a África, continente que até pouco tempo atrás era considerado APENAS o receptor do impulso missionário da Igreja. Minha caminhada missionária foi muito enriquecida pela diversidade de culturas e realidades na Nigéria, meu país de origem, assim como na Argentina, meu país de missão, onde morei por onze anos. Também foi marcada pelo meu estudo e interação na Europa. Aproveito a oportunidade para agradecer à minha Congregação, as Irmãs de Nossa Senhora dos Apóstolos, por me darem a oportunidade de realizar meu sonho missionário além da minha imaginação!

A África é, às vezes, chamada de "jardim da Igreja no século 20", por causa do fascinante crescimento da Igreja no continente africano nos séculos 19 e 20. Esta era de ouro do cristianismo na África se manifesta de muitas maneiras, e a mais palpável é o aumento do número de cristãos e instituições da Igreja; por exemplo, de cerca de 4 milhões de cristãos professos em 1900, o cristianismo africano cresceu para mais de 300 milhões de adeptos no ano 2000[2].

Uma das implicações disso é que não há mais exclusivamente países que enviam para missões ou exclusivamente países que recebem missões; todos damos e recebemos, mutuamente. Essa mudança afeta a dinâmica do poder, pois todos somos vulneráveis em um aspecto ou em outro. A geografia da missão mudou! Graças a Deus, a missão cristã está agora divorciada de seu vínculo histórico com a colonização e a ocidentalização. As últimas três décadas foram particularmente agitadas a este respeito, especialmente com o documento missionário inovador, *Redemptoris Missio* por São Papa João Paulo II em 1990. Citando os bispos latino-americanos, em Puebla, João Paulo reforçou esta nova

visão de missão em que todos os povos e todas as Igrejas locais, mesmo das nações mais pobres, são chamadas e encorajadas a responder à vocação missionária específica ad gentes, ad extra – projetada para além das fronteiras. Os Bispos latino-americanos afirmaram: *embora nós mesmos tenhamos necessidade de missionários, devemos dar de nossa própria pobreza*[3].

Esta afirmação, repetida por João Paulo, definitivamente deu energia aos missionários da África e, imagino, de todo o hemisfério sul para responder com generosidade à vocação missionária. Muitas vezes me perguntaram por que os africanos se incomodariam em sair de seu continente como missionários com a miríade de problemas que temos. A isso respondo que o chamado à missão NÃO é uma rivalidade de auto-suficiência, à qual só podem responder aqueles que são fortes e não têm problemas. Essa tendência excludente é problemática porque associa missão com poder, influência política, riqueza



material, colonização e dominação. Como missionária africana me vejo chamada a mudar essa narrativa, trazer novidade, simplicidade e energia despojada de poderes econômicos e políticos.

Sei que muitos de nós discordariam de mim de que estamos vivendo uma *nova primavera de missão*, porque muitos de nós estão tendo cada vez menos entrada de membros jovens e cada vez mais membros que envelhecem. Mas lembre-se que estou escrevendo a partir de uma perspectiva africana! Estamos apenas começando a nascer!! Por exemplo, no ano passado, minha Congregação abriu duas novas missões, uma na Libéria e outra na República Centro-Africana; são comunidades internacionais e interculturais de Irmãs provenientes do Togo, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana e Nigéria. Para nós, a missão *inter-gentes*[4] está apenas começando, com suas belezas e desafios.

Tomar consciência da minha própria vulnerabilidade

Embora a vulnerabilidade seja vital para a missão, não é fácil. Os missionários que conheci na infância não eram considerados homens e mulheres vulneráveis. Minha vocação missionária foi inspirada pelas missionárias irlandesas que em minha terra natal, pioneiras em iniciativas de educação, saúde, pastoral e fronteiras sociais, eram amadas e muito respeitadas. No entanto, minha noção de ser aquela missionária heróica admirada por todos, de repente caiu! Quando saí da África em 1994, percebi que não fui recebida como missionária; em vez disso, eu era considerada uma trabalhadora migrante que tinha vindo em busca de uma vida melhor. Meu desejo de doação total foi abalado quando muitas vezes fui atingida pelo fato de que se acredita que uma pessoa africana tem pouco a oferecer. Percebi que para muitos fora da África, o continente só estava associado à pobreza, guerra, violência, desordem, vida primitiva, doenças,



guerras étnicas, agitação política e corrupção. Embora essas realidades não possam ser negadas, a África também é uma terra de promessas, por sua vida vibrante, resiliência, juventude, amor à comunidade, hospitalidade, generosidade e religiosidade. Como missionária da África, aprendi a abraçar essa vulnerabilidade que os preconceitos me impõem, enquanto humildemente assumo a dignidade de mudar a narrativa. Somos todos vítimas da ***síndrome da história única***, construída com base nos preconceitos dos outros sobre nós. Todos carregamos o fardo de nossas identidades e isso se torna mais evidente quando saímos de nosso próprio meio, somos afetados pelo julgamento dos outros. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie articulou lindamente: *Não é que a história única não seja verdadeira, mas não é a única história*[5].Como missionários, temos que aprender a abraçar nossa vulnerabilidade, não construindo sobre os preconceitos da imprensa popular e permanecendo à vontade tanto com as luzes quanto com as sombras de quem somos.

Hoje, com a proliferação da mídia, as pessoas são rápidas em nos lembrar do lado sombrio de nossa própria história como Igreja. Por exemplo, nossa conformidade com quatrocentos anos de tráfico de escravos, alguma aliança com a colonização, nosso silêncio sobre discriminação racial e apartheid, nossa tolerância a estruturas injustas e nosso próprio encobrimento de injustiças e abusos dentro de nosso sistema. Tudo isso enfraquece nosso poder de testemunho e nos torna vulneráveis quando nos propusemos a ser a voz moral no mundo.

Instâncias de Vulnerabilidade Missionária – Perspectiva Africana

Ser missionário hoje é a nossa abertura para trabalhar com os outros para construir uma nova humanidade; os missionários são homens e mulheres de comunhão. Nossas tendências como Igreja de manter nossas posições e desprezar as contribuições de outras pessoas tiveram que dar lugar ao reconhecimento das verdades dos outros. A missão hoje é *inter-gentes* – entre as pessoas de outras religiões e culturas, é um apelo renovado para escutar os outros com respeito e não com auto-engano arrogante. Estas são algumas das situações que nos tornam mais vulneráveis hoje:

- **O espaço do 'Nada' –** No esforço de adaptação às circunstâncias da missão, há um período de transição que envolve adaptação emocional, psicológica, social e, por vezes, física e linguística. No ponto de entrada para uma nova missão, é preciso deixar o passado (isso pode incluir status afetivo e profissional) e abraçar uma nova realidade. Um missionário é como uma criança que tem que aprender em um ambiente desconhecido com muitas incertezas. Esses movimentos da realidade conhecida onde estamos no controle para a desconhecida onde somos dependentes nos tornam vulneráveis e exigem muita humildade, mas que em última análise podem nos transformar como Jonas foi transformado após sua missão aos ninivitas.
- **Falta de antecedentes missionários:** Vindo da África, muitos de nós somos provavelmente a primeira geração de missionários de nossas comunidades. As expectativas não são claras e, em muitos casos, nossos modelos missionários vêm de outras culturas. Temos a difícil tarefa de estabelecer estruturas que possam sustentar e manter nossa vocação missionária – dar e receber. Encontramo-nos escrevendo um novo roteiro, percorrendo caminhos inexplorados e às vezes mal equipados para a tarefa. Por exemplo, são poucos os programas missionários preparatórios, de renovação e sabáticos que levam em consideração a realidade africana. Isso levou algumas Congregações internacionais a estabelecer alguns centros de renovação na África[6]. A missiologia africana não está totalmente desenvolvida para responder aos desafios emergentes. Usamos modelos ocidentais que colocam os não-europeus em desvantagem, porque atravessamos barreiras culturais duplas - a cultura ocidental e a cultura de acolhimento**.**
- **Os missionários hoje são uma minoria vulnerável**: Nas últimas décadas, religiosos e missionários em áreas de evangelização primária foram uma força importante na sociedade. Eles foram respeitados por suas contribuições para a educação, saúde e empoderamento de todas as formas. Em muitos casos, eles determinaram os padrões, estabeleceram as regras e estabeleceram normas aceitáveis, às vezes com pouca consideração pelas culturas locais. Hoje, em

quase todas as partes do mundo, os missionários são minorias, somos como remanescentes dentro da sociedade, sejam europeus na África, Ásia, Pacífico ou nas Américas, ou africanos em outros continentes. Hoje, existem tendências anticristãs e às vezes xenófobas, que visam parcialmente os missionários. Com números reduzidos, os missionários são uma espécie em extinção.

- **Insegurança e Violência**: A violência em curso e a segurança global aumentaram a vulnerabilidade dos missionários que muitas vezes são vítimas de sequestro, tortura e assassinatos horríveis; a experiência da querida Ir. Gloria, uma missionária franciscana colombiana que foi mantida refém no Mali por mais de 4 anos ainda está fresca em nossas mentes. Centenas de milhares de missionários de todas as raças vivem em áreas de alto risco, que muitas vezes apresentam a difícil decisão de deixar a missão ou permanecer em perigo. De acordo com a Agência de Notícias Católica do Vaticano, vinte e dois missionários católicos foram mortos em todo o mundo em 2021, metade deles na África[7] (os assassinados incluem missionários de outros continentes que trabalham na África). O mesmo relatório afirmou que de 2000 a 2020, 536 missionários foram mortos em todo o mundo. Missionários religiosos e leigos e agentes pastorais são muitas vezes mortos não apenas por ódio aos religiosos, mas por várias razões políticas e econômicas, por exemplo, criminosos em busca de tesouros inexistentes ou atraídos pela miragem de resgates fáceis ou para silenciar vozes desconfortáveis. É realmente desafiador discernir a resposta adequada às negociações com os criminosos. A difícil escolha de não nos submetermos passivamente ao regime maligno, enquanto defendemos os princípios da não violência, é um dilema moral que nos torna mais vulneráveis, e as pessoas violentas continuam a exercer seu poder maligno.
- **Desafios de financiamento:** A insustentabilidade financeira de muitos projetos missionários ficou mais evidente durante a pandemia devido à redução do financiamento estrangeiro e local. A preocupação com a sustentabilidade gera tensão entre o atendimento aos pobres e os projetos geradores de renda. Os carismas de muitas Congregações sofrem no altar de ter projetos auto-sustentáveis. Esta dependência financeira nega aos missionários a liberdade de discernir e escolher projetos que correspondam verdadeiramente ao seu carisma, pois "*aquele que paga o flautista... dita a melodia*".
- **Vulnerabilidade Profética**: Como profetas, às vezes devemos perturbar o status quo e questionar o abuso de poder por parte dos líderes políticos e às vezes religiosos. Os injustos sistemas sociopolíticos, culturais e econômicos da maioria dos países africanos podem estar enraizados em suas próprias práticas culturais, mas também houve aqueles instalados ou reforçados pelos sistemas coloniais cujo objetivo principal era subjugar as massas. Temos governos e às vezes Igrejas locais que não compartilham a dor de seu povo, carentes de compaixão e sensibilidade. Nós, como religiosos, muitas vezes somos culpados de abuso de poder e abuso espiritual da fé e confiança de nosso povo; nesta situação, exigimos o auto-esvaziamento de Cristo para abrir mão de nossos privilégios e abraçar a vulnerabilidade profética.
- **A interface entre a cultura Africana e o Cristianismo**: Existem muitas áreas de convergência entre as culturas africanas e o cristianismo, mas também existem áreas de tensão que requerem discernimento contínuo. Por exemplo, a cultura africana dá muita ênfase ao respeito pelos mais velhos e à submissão à autoridade.

Isso pode levar a um relacionamento abusivo quando os líderes podem se tornar ditatoriais e insensíveis. Como as crianças e os jovens não falam na frente dos anciãos, os líderes africanos podem ter mais dificuldade em ouvir e deixar-se desafiar por aqueles a quem são chamados a servir. Da mesma forma, isso pode reduzir a voz das mulheres e das pessoas menos influentes a um murmúrio silencioso e às vezes um gemido pela vida. Não estamos sozinhos nesta luta, é a forma como a nossa Igreja operou durante séculos e a cultura africana está muito à vontade nesta estrutura. Esta pode ser a razão pela qual o apelo por uma Igreja sinodal exigiria muitas camadas de reflexão na realidade africana.

Conclusão

Esta reflexão terminará com o ***ÍCONE de Jesus e da mulher samaritana***. De acordo com o estudioso do Antigo Testamentoe teólogo protestante americano, Walter Bruggerman, a história do encontro de Jesus com a mulher samaritana é um encontro entre duas pessoas vulneráveis. A história começa com as duas pessoas em uma situação de necessidade e vazio. ***Jesus estava em uma situação de vulnerabilidade***, com necessidades mais explícitas: estava com fome, com sede, sem jarra para tirar água, cansado da longa viagem e um estranho precisando de ajuda (Jo 4,6). A ***necessidade e o vazio da mulher estavam mais implícitos***, mas foram gradualmente descobertos em seu encontro com Jesus à medida que a história se desenrolava.

Ao abraçar sua própria vulnerabilidade, Jesus levou a mulher samaritana a uma caminhada de uma nova descoberta de seus desejos mais profundos e reais. Ela se tornou capaz de reconhecer o Messias tão esperado e foi energizada para compartilhar sua nova experiência com os outros. Na interpretação de Walter Bruggerman da missão de Cristo, este encontro destaca uma abordagem principal do ministério de Jesus, *'a crítica radical é sobre o vazio da auto-doação, sobre o domínio através da perda de domínio, e sobre a plenitude que vem apenas pelo esvaziamento de si mesmo'*[8]. A cena coincide com a imaginação profética de Jesus em sua solidariedade afirmativa caracterizada pelo desamparo e vulnerabilidade, especialmente com as pessoas à margem da sociedade.

Neste episódio, Jesus nos ensina mais uma vez a importância da vulnerabilidade não apenas como ideal para a vida espiritual, mas também como ferramenta para a missão. Como missionários, à medida que cruzamos as fronteiras de países, culturas e idiomas, nos tornamos mais conscientes da luz e das sombras de nossas próprias culturas e das dos outros. Somos todos vulneráveis diante de uma história humana que nos classifica como vítimas e vilões, oprimidos e opressores, ricos e pobres, civilizados e incivilizados, etc. Como missionários, somos chamados a construir a comunhão nesta diversidade abraçando sua beleza e fragilidade. Ao concluir esta reflexão, desafio a mim mesmo e a cada um de nós a abraçar nossa própria vulnerabilidade. Minha própria vulnerabilidade como mulher dentro de uma sociedade e Igreja patriarcais, uma africana em um mundo de disputas de poder global, uma religiosa em um mundo de crescente indiferença e intolerância religiosa, uma missionária em um mundo xenófobo e um apelo à periferia em um mundo onde apenas o centro importa. Isso para mim é abraçar a vulnerabilidade a partir de cima e a partir de baixo.

Referências

Adichie, Chimamanda Ngozi, The Danger of a Single Story: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=enAlejandro Bermudez, Denver Newsroom, Dec 30, 2021 - catholicnewsagency.com/news/249997/vatican-agency-reveals-number-of-missionaries-murdered-around-the-world-during-2021

- Baur, John, 2000 Years of Christianity in Africa: An African History, Nairobi [2]2009.
- Falola Anne; The New Springtime of Mission – Mission Today from an African Perspective, Abuja. 2010
- FRANCISCO, 2013: APOSTOLIC EXHORTATION, EVANGELII GAUDIUM
- Ioannes Paulus PP. II, Redemptoris Missio - On the permanent validity of the Church's missionary mandate,/Sobre a validade permanente do mandato missionário da Igreja,
- 1990.12.07, No 64.

Walter Brueggemann, The Prophetic Imagination (Second Edition), Fortress Press, 2001, 151 pages.

1 Dois documentos tratam amplamente dessa perspectiva de Missão: na Evangelium Gaudium (2013) e na Laudato Si (2015). Esses dois documentos dão o tom do pontificado de Francisco.

2 Baur, John, 2000 Anos de Cristianismo na África: Uma História Africana, Nairóbi 22009; De Gruchy, John, The Church Struggle in South Africa, Londres 2005; Gray, Richard, Cristãos Negros e Missionários Brancos, New Haven 1990; Groves, Charles P., The Planting of Christianity in Africa, Londres 1958; Hastings, Adrian, A Igreja na África, 1450–1950, Oxford 1994; Isichei, Elizabeth, A History of Christianity in Africa, Londres 1995; Sanneh, Lamin, Cristianismo da África Ocidental: O Impacto Religioso, Londres 1983; Shaw, Mark, The Kingdom of God in Africa: a short history of African Christianity, Grand Rapids 1996.
Ioannes Paulus PP. II, Redemptoris Missio - Sobre a validade permanente do mandato missionário da Igreja,07.12.1990, nº 64.

3 Ioannes Paulus PP. II, RedemptorisMissio - On the permanent validity of the Church's missionary mandate, 1990.12.07, No 64.

4 A "missio inter-gentes" que foi desenvolvida pela Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) é uma abordagem missionária, aplicável em todos os contextos, que vê a "gentes" não como objeto de nosso esforço de conversão, mas como " convidados" a quem podemos oferecer hospitalidade e "amigos" que podem, com o tempo, receber-nos e oferecer-nos amizade. 'inter' significa entre outras culturas e religiosos. É uma abordagem missionária que precisa ser mais explorada na missiologia africana

5 https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en

6 O Programa Intercongregacional de Formação Permanente (ICOF) é uma dessas iniciativas. Criado por 5 Congregações, osite é: http://icofprogram.org/wp-content/uploads/2018/09/Arusha-2019-registration-form.doc

7 Alejandro Bermudez, Denver Newsroom, Dez 30, 2021 - catholicnewsagency.com/news/249997/agência do Vaticano revela número de missionários assassinados no mundo em 2021

8 Walter Brueggemann, The Prophetic Imagination (Second Edition), Fortress Press, 2001, 151 pages.

TESTEMUNHO

Ir. Siham Zgheib, FMM

Meu nome é Siham Zgheib, religiosa de origem libanesa, responsável pela comunidade das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, FMM, em Aleppo. Sou diretora do centro « a fonte » para crianças autistas, em nível pastoral e acompanhamento Psico-Espiritual e, com as Irmãs da comunidade, estou envolvida com grupos de mulheres, famílias e jovens e ao serviço de grupos de acolhimento



Meu nome é Siham Zgheib, religiosa de origem libanesa, responsável pela comunidade das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, FMM, em Aleppo. Sou diretora do centro « a fonte » para crianças autistas, em nível pastoral e acompanhamento Psico-Espiritual e, com as Irmãs da comunidade, estou envolvida com grupos de mulheres, famílias e jovens e ao serviço de grupos de acolhimento. No dia 14 de setembro passado, celebrei o Jubileu de Prata da minha consagração como Franciscana Missionária de Maria. Em 2004, fiz meus votos perpétuos e fui enviada em missão à Síria, onde estou passando dois anos em Damasco, a capital; passei sete anos numa cidade no norte da Síria, Hassaké e depois em Aleppo, onde estou atualmente.

Nosso Instituto: Ao serviço da missão neste mundo

Fundado em 1877 por M. Marie de la Passion (Hélène de Chappotin), no grande impulso missionário do século XIX, o Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria (FMM), é hoje uma congregação católica internacional que atua em 73 países nos 5 continentes. Ele faz parte da família franciscana.

A Síria:

Localizada no Oriente Médio, a capital da Síria é a cidade mencionada na Bíblia e às portas da qual, Saulo (Shaol), recebeu o mandato do Senhor para retornar à cidade e se converter. (Atos 9, 1-20).
Em Antioquia (anteriormente localizada na Síria), até 1917 os crentes foram chamados pela primeira vez de cristãos. (Atos 11, 19-26).
Eu mesma estou em Aleppo, uma das cidades habitadas mais antigas do mundo. A tradição conta que Abraão, vindo de Ur, na Caldéia, passou por Aleppo.

A população síria é um mosaico de grupos étnicos e de religiões. É composto por mais de 17 comunidades: os sunitas (a maioria), os xiitas, os alauítas, os drusos, as 6 comunidades católicas e 3 ortodoxas e várias comunidades protestantes.
Os cristãos representavam, no início do século XX, 25% da população. Atualmente, nos tornamos uma minoria muito pequena, pouco representativa nas estatísticas.

Síria é a terra de grandes santos na história da Igreja como São Simeão, o Estilita, São Marron, São Efrém e tantos outros santos. Nos vários sítios arqueológicos, descobrimos toda uma tradição cristã romana, bizantina, siríaca e assíria.
Muitas horas não seriam suficientes para se falar sobre a Síria, este país que esteve em todos os meios de comunicação do mundo nos últimos anos, quando se falou sobre a guerra mais suja que o início do século XXI conheceu.
A população da Síria era de 24 milhões, metade dos quais eram jovens com menos de 15 anos.



A guerra atravessou este tecido humano e social para destruir, arrasar e aniquilar tudo o que se encontra no seu caminho: mudar não só o número de habitantes, mas também destruir os laços comunitários, desestabilizar as pessoas e, sobretudo, criar desafios muito grandes para o futuro.

O Convite:

O convite de vocês para testemunhar a minha vida durante a guerra na Síria coincide harmoniosamente com a celebração dos meus 25 anos de vida religiosa. É uma graça muito especial porque me permite reler minha vida durante esse período e descobrir sua presença revigorante no que vivi. Ao realizar essa releitura, descobri que sua força domina minha fraqueza e que seu poder se revela em minha fragilidade e sua vitória em meu fracasso.

Encontrei-me em duas comunidades onde fomos expostas a perigos em vários níveis: cerco, sequestro, deslocamento, bombardeio, corte de serviços públicos essenciais (água, óleo combustível, pão, gás, etc.)

Quero compartilhar com vocês duas experiências: a primeira de setembro de 2011 a maio de 2013, na cidade de Hassaké, que fica no nordeste da Síria por onde passa o rio Khabour e que fica na fronteira entre o Iraque e a Turquia. A segunda de 2014 a 2016, em Aleppo, localizada no norte da Síria e considerada a capital econômica deste país.

Hassaké: 2011- 2013

« É em meio às impossibilidades que fazemos a obra de Deus. »

(Maria da Paixão, nossa fundadora).

Nossa comunidade era composta por 4 Irmãs de diferentes nacionalidades (polonesas, paquistanesas, sírias e libanesas). Morávamos no centro da cidade.

Começamos a sentir que a situação estava ficando cada vez pior. Os primeiros grupos de terroristas (AlNosra, grupo dependente da Al-Qaeda) invadiram as aldeias cristãs que cercam a cidade. Também começou o deslocamento da população e os sequestros de cristãos: médicos, crianças, jovens, para os quais exigiam resgates muito altos.

Diante desses perigos, nossa fé começou a se questionar: Estamos prontas para morrer? Estamos prontas para dar nossa vida por Cristo? Como deveríamos reagir se tivéssemos que negar nossa fé?

Todas essas perguntas e tantas outras nos convidaram à oração pessoal e comunitária. Partilhamos estes momentos com os jovens e as famílias. Sentimos nosso desamparo e nossa incapacidade de responder. Mas o Evangelho nos respondeu: « Não tenham medo... O Espírito Santo vem em seu auxílio ».

Diante do perigo de ser sequestrada, estuprada, torturada, forçada usar os véus, minha única preocupação era não enfraquecer e negar minha fé. Minha oração diária e que continuo dizendo: « Senhor, não me submeta a uma tentação que está além de minhas capacidades». Na minha força interior, ficou claro que não estava pronta para morrer nem para ser um projeto de martírio, mas não tive coragem de pedir a ele que me protegesse.

Um dia, em meio à tempestade de sofrimentos dolorosos, diante do Santíssimo Sacramento, eu estava discutindo com o Senhor e questionando-o sobre o sentido de tudo o que estava acontecendo, quando recebi o anúncio da morte de meu irmão, morte sem aviso prévio. Tive que escolher entre viajar para o Líbano para acompanhar minha família em luto ou ficar com a comunidade nessa situação perigosa. Decidi ficar com a comunidade e a população enquanto ofereçia esse sacrifício como parte da minha família.

Nós sofremos um bloqueio de 3 meses: perda de contato com nosso povo, com a congregação, corte de energia. Para clarear, apenas uma vela. A escuridão que estávamos vivendo me invadiu, me fez afundar sem encontrar uma saída. Aqui também o que me ajudou, me deu suporte foi o fato de me apegar à cruz e tirar daí a força de sua vulnerabilidade. A adoração diante do Santíssimo Sacramento sustentou minha fé em um momento em que a violência me impedia de ver a luz da presença do Senhor.

Como líder, encontrei-me diante de uma responsabilidade muito grande para com minhas Irmãs, o povo e as crianças. Eu estava assustada. Mas eu não me rendi. Como

comunidade consagrada, devíamos ser testemunhas da Esperança perante os que nos rodeavam. Organizamos atividades para crianças, logo na entrada do prédio, manhãs de evangelização com as mulheres, culto em nossa comunidade. E foi ali que tiramos nossa força.

Aleppo 2014-2016

Chegando a Aleppo em 2014, a comunidade era composta por 14 Irmãs (3 francesas, 2 jordanianas, 2 italianas, 3 libanesas, 2 sírias, 1 paquistanesa e 1 polonesa).

Nossa casa em Aleppo estava equipada para acolher as Irmãs idosas da província. Naquela época, Aleppo estava sitiada e passava por um dos momentos mais difíceis porque ali faltava tudo (pão, óleo combustível, gás, água etc.). Nós não tivemos tempo para pensar. Estávamos com medo. Nossa única preocupação era ajudar, na medida do possível, as pessoas que viviam em estado de choque, preocupação e medo.

A minha presença no meio das minhas Irmãs ensinou-me a tirar força da sua fraqueza, da sua coragem, da sua fidelidade a Deus e ao povo a quem foram enviadas. Elas se recusaram a deixar Aleppo para ficar com as pessoas, testemunhas da Esperança. Envelhecidas, é verdade, mas ativas, apesar da saúde frágil e do perigo que as cercava.A presença de nossas Irmãs idosas era um sinal tangível da presença de Deus e isso através do silêncio e da oração. Elas estavam convencidas de que o Senhor protegeria a casa.

A obediência de nossas Irmãs se revelou em um abandono doloroso: elas concordaram em deixar Aleppo para não ser causa de perigo para a comunidade. Nossas Irmãs não fugiram do perigo por medo da guerra. Foi por decisão das superioras que quiseram garantir-lhes uma vida mais tranquila e cuidados mais adequados à sua idade. Essa decisão também permitiu às Irmãs que ficaram maior mobilidade para tomar iniciativas com a população e prever uma possível saída caso as pessoas armadas invadissem a cidade. Elas concordaram em deixar Aleppo para garantir as melhores condições de atendimento para a missão de Aleppo.

«Na hora da escuridaõ, não mudarei a decisão que tomei na hora da luz ». (Maria da Paixão)

O nosso hoje: Somos, como ontem, 3 Irmãs de diferentes nacionalidades (francesa, síria e libanesa). Decidimos ficar e continuar a missão apesar das condições difíceis, em solidariedade com a Igreja local e as pessoas a quem fomos enviadas. Assim como no passado, colocamos nossas habilidades a serviço de quem precisa sem qualquer discriminação. Vivemos em espírito de família com todos aqueles que colaboram conosco e aqueles que vêm até nós (cristãos e muçulmanos). Compartilhamos suas alegrias e tristezas. Em duas ocasiões, as Superioras Maiores nos pediram para deixar Aleppo se nos sentíssemos em perigo ou se estivéssemos com medo.

Cada vez e depois de um tempo de discernimento e oração, optamos por ficar e nossa resposta tem sido: «No tempo das trevas, nós não mudaremos uma decisão que temos tomado na luz ».

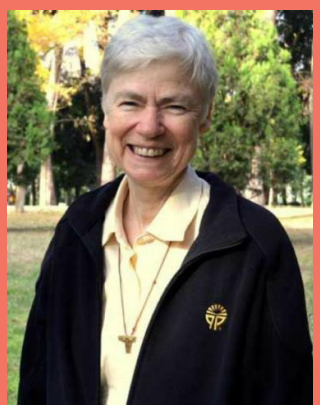
Nós oferecemos nossa vida a Cristo. Nós não a tomaremos de volta.

RELATÓRIO SOBRE A INICIATIVA DA UISG: SEMEAR ESPERANÇA PARA O PLANETA

MAIO DE 2019 – MAIO DE 2022

Ir. Sheila Kinsey, FCJM

Coordenadora do Semear Esperança para o Planeta



Declaração da Visão Semear Esperança para o Planeta

Nós nos comprometemos à conversão
Tanto pessoal como comunitariamente e
Desejamos caminhar juntas
Numa resposta orquestrada e coordenada
Escutando o grito da Terra
E o clamor dos pobres
Ao avançarmos como instrumentos de esperança
No coração do mundo.

(Aceita por Aclamação pelas Superioras Gerais da UISG, na Plenária de 2019)

Relatório sobre a Iniciativa da UISG: Semear Esperança para o Planeta – maio de 2019 a maio de 2022

Semear Esperança para o Planeta é um projeto no qual todas as Irmãs, cujas congregações são membros da UISG e suas conexões, têm a oportunidade de atualizar a Laudato Sì e de fazer a diferença nos cuidados com o planeta. Nosso objetivo é *"tornar-nos dolorosamente consciente, ousar transformar o que está acontecendo com o mundo em nosso próprio sofrimento e assim descobrir qual a contribuição que cada uma de nós pode oferecer a respeito disso"*. (LS 19)

O Conselho da UISG, em junho de 2018, endossou a iniciativa da UISG que seria coordenada pela Comissão JPIC da USG-UISG. Na Plenária da UISG de 2019, a declaração de visão foi aceita por aclamação pelas mais de 850 Superioras Gerais reunidas em Assembleia. As várias constelações, para levar esta visão adiante, se

reuniram em seus respectivos grupos para determinar suas ações em relação ao Grito da Terra e ao Grito dos Pobres.

Muitas delas foram coletadas e colocadas no site da Semear Esperança para o Planeta como testemunho público do trabalho das religiosas em suas respectivas áreas. O site, Semear Esperança para o Planeta, Sowing Hope for the Planet, é muito interativo e inclui um mapeamento das várias iniciativas de advocacia (defesa) que estão focalizadas nas sete Metas da Laudato Sì. Este interesse também serviu como base para o desenvolvimento de habilidades em advocacia (advocacy) patrocinado pelo outro Projeto da UISG 'Sisters Advocating Globally', 'Irmãs Advogando Globalmente'.

Vários seminários foram desenvolvidos ao longo desses anos para atualizar as participantes sobre novos desenvolvimentos, para se conscientizarem e serem incluídas em eventos como a Estação da Criação, o Sínodo Amazônico e o COP's, e para prover atualizações oportunas. Até hoje, 17 seminários têm sido apresentados desde 2019 e outros mais estão programados para este ano. Alguns dos tópicos têm sido sobre sustentabilidade, sinodalidade, realização da totalidade dos objetivos da Laudato Sì e resposta ao Grito da Terra e ao Grito dos Pobres. Os seminários foram planejados para dar informações sobre estes eventos e promover um espírito de trabalho em rede. Estas experiências foram desenvolvidas para serem práticas, informativas, desafiadoras, inspiradoras e encorajadoras.

Foram desenvolvidas ferramentas especiais para que as pessoas de contato possam utilizar em seu próprio desenvolvimento de planos e experiências de suas comunidades e congregações locais. A ênfase foi colocada em construir a partir dos carismas congregacionais, no planejamneto de transições para os Objetivos da Laudato Sì que são regularmente avaliados e tornados públicos os compromissos. Para manter as líderes religiosas informadas, foram enviadas correspondências regulares às Superioras Gerais para mantê-ls atualizadas sobre o que vem acontecendo com os novos desenvolvimentos do Semear Esperança para ao Futuro do Planeta (SEFP) e a Plataforma de Ação Laudato Sì (PALS).

A PALS (Plataforma de Ação Laudato Sì) foi desenvolvida através de muitas contribuições a partir da experiência dos/as religiosos/as. Participamos do painel quando o Papa Francisco lançou a PALS, em maio de 2021. Somos líderes do Setor Religioso, membros do Comitê Diretor da Laudato Sì e da Comissão Força, Tarefa, Ecologia da COVID-19. Todas estas oportunidades contribuíram para o desenvolvimento da PALS, patrocinada pelo Vaticano.

Os recursos desenvolvidos para o SEFP (Semear Esperança para o Futuro do Planeta) também estão sendo compartilhados com o site da PALS Sowing Hope for the Planet. O Semear Esperança para o Planeta continua a cuidar especialmente dos religiosos e das religiosas, mesmo quando apoiamos fortemente o envolvimento das congregações na PALS. Desenvolvemos para os religiosos/as o guia PALS, ferramentas para planejamento e o caderno de melhores práticas.

Estas atividades em conjuntos continuam porque a PALS inclui 7 setores com as diversas necessidades. Às vezes, no empenho de ser universal, ainda há áreas particulares que precisarão de atenção especial de vários setores individuais. Isto é mostrado à medida que os listamos: 1) Famílias, 2) Instituições Educacionais, 3) Economia, 4) Ordens Religiosas, 5) Paróquias e Dioceses, 6) Hospitais e Centros de Saúde, e 7) Organizações e Grupos.

Uma relação benéfica está crescendo entre o projeto "Irmãs Advogam Globalmente" e os esforços de Advocacia (Advocacy) dos/as participantes do Semear Esperança para o Planeta, relacionados com as Metas da Laudato Sì. O SEFP, com base nos dados da advocacia e seus recursos de pesquisas e mapeamento, tem realizado seminários sobre biodiversidade, mudança climática, mineração, migração e economia ecológica.

Os seminários proporcionaram um espaço para que os membros pudessem compartilhar informações sobre seu trabalho e criar redes. Em parceria com a ASG,

a SEFP está sediando atualmente uma série de Sessões de Capacitação em Advocacia focadas no desenvolvimento destes importantes tópicos. Os estudos de caso são fornecidos pelos/as participantes do curso. Esta é outra forma de aprimorar nosso trabalho com o PALS e compartilhar nossos esforços com um público mais amplo e preocupado em torno destas áreas.

Os objetivos do SEFP têm tido impacto e superaram em grande parte as expectativas. Temos ajudado a desenvolver a capacidade e a flexibilidade do PALS. Nossas Congregações e as Comunidades Locais juntas compreendem o maior número de inscrições. Uma pesquisa foi enviada aos representantes das constelações pedindo feedback específico sobre o que os membros têm feito em relação às suas ações específicas, bem como uma avaliação dos frutos do Semear Esperança para o Planeta e sua experiência da Plataforma de Ação Laudato Sì do Vaticano. A maioria, 32 constelações, respondeu e preencheu a pesquisa. As informações pertinentes foram resumidas em março de 2022 da seguinte forma:



As constelações responderam ao apelo da Laudato Sì de diversas maneiras. O maior número de respostas, onde as constelações aumentaram o foco, vieram das atividades educacionais (75%) e ações ambientais (72%). As congregações também tiveram muitas respostas com planejamento de congressos (66%) e serviços pastorais (56%). Outras ações incluem atividades de apoio a situações de calamidades, trabalho com Conferências Religiosas, capacitação de membros em ciências ecológicas que trabalham na recuperação de terras e agricultura regenerativa, cuidados com a saúde, desinvestimento em combustíveis fósseis, política de advocacia, ações ambientais sobre água, conservação e reciclagem. A ênfase na educação e no meio ambiente mostra que as constelações precisam de apoio nestas questões, que vão desde o trabalho em rede até o financiamento.

O maior desafio em relação à realização dos objetivos da Laudato Sì relatados pelas constelações tem sido o como lidar com a pandemia COVID-19 e suas ramificações (56%). A seguir estão a crise econômica (47%) que é parcialmente

resultante da pandemia e o peso de demasiadas responsabilidades (45%). De dentro das comunidades, os desastres ambientais são um problema sério junto com a falta de interesse. Outros fatores listados incluem recursos financeiros decrescentes, línguas estrangeiras limitadas e insegurança política em seu país. Estes fatores exigem mais apoio dos membros, assim como educação e construção da comunidade. O apoio poderia ser oferecido através da partilha de recursos, serviços de tradução, capacitação e apoio em advocacia política.

Muitas congregações (85%) ainda esperam continuar a desenvolver oportunidades para attender aos objetivos da Laudato Sì. Elas responderam que mais adiante, algumas das formas possíveis de cumprir o compromisso poderiam ser a colaboração intercongregacional, o desenvolvimento de programas educacionais sobre cuidados com a terra, cuidados e serviços pastorais, o desenvolvimento de programas de auto-sustentação financeira, desenvolvimento de energia verde, trabalho com refugiados e exilados, troca de informações em reuniões, defesa de



políticas em nível federal e restauração ecológica envolvendo apicultura e plantio de árvores.

Há uma enorme ajuda mútua entre as constelações sobre os compromissos assumidos, especialmente no que diz respeito ao meio ambiente. As constelações poderiam se beneficiar do acesso a mais recursos educacionais e materiais de apoio para promover seu trabalho nesta área.

A maioria das congregações (70%) respondeu que seus membros não estão trabalhando com outros setores da Plataforma de Ação da Laudato Sì. As constelações cujos membros estavam envolvidos relataram as formas como estão trabalhando com os setores da Plataforma de Ação da Laudato Sì. O maior índice de resposta foi referente ao trabalho com instituições educacionais, paróquias e dioceses, e comunidades religiosas intercongregacionais e locais.

Os outros setores de compromisso com a saúde, famílias, economia e organizações e grupos também mostraram alguma resposta. A resposta a este item da pesquisa pode não refletir, com precisão, o envolvimento da constelação, mas pode ser devido à falta de informações sobre os setores da PALS. Como o envolvimento dos setores é um objetivo da PALS, formas mais criativas e coordenadas precisam ser consideradas para ajudar neste processo entre todos os setores.

A maioria dos entrevistados da constelação (90%) acha que Semear Esperança para o Planeta e seus programas são úteis e devem continuar. Os comentários incluíram cuidar de nossa casa comum, aumentar a conscientização sobre nossa contribuição para cuidar do planeta e o que precisamos fazer para sustentá-lo, ajudando-nos a responder às mudanças dos tempos, aumentando o compromisso com as questões ecológicas e a proteção da vida, e ajudando na luta comum para proteger a vida e a criação.
Uma pequena porcentagem respondeu "não" à pergunta sobre Semear Esperança para o Planeta. Entretanto, ao ler seu feedback, é mais sugestivo da Plataforma de Ação da Laudato Sì e da necessidade de mais informação e clareza. Seus comentários disseram que já tinham outra plataforma em seu país, que não havia necessidade de duplicar a plataforma, e que participar de tudo era demais.

1. Continuar a oferecer assistência através de contato pessoal e ferramentas específicas, conforme necessário. O trabalho do Semear Esperança para o Planeta tem mostrado que há muitas vozes esperando para serem ouvidas, se houver um lugar para elas falarem. Ao oferecer reconhecimento, apoio e alcance em vários idiomas, uma comunidade maior continua a crescer.
2. Oferecer seminários que forneçam informações oportunas e relevantes. Os seminários oferecidos pela SEFP têm sido bem participados e a presença está aumentando. Os seminários são gravados e publicados em nosso site, no canal YouTube, e no site do Workshop JPIC hospedado na plataforma Thinkific. Os vídeos continuam a ser vistos.
3. Aumentar as oportunidades de trabalho em rede tanto local quanto internacional através do formato organizacional das Constelações e organizações religiosas nacionais. O trabalho em rede pode ser melhorado organizando-o em torno de questões como a mineração ou a biodiversidade, ou por meio de divulgação linguística, como para os países Francofones.
4. Promover a colaboração com os outros setores da PALS na realização das Metas da Laudato Sì.
5. Fortalecer a caminhada desenvolvendo programas e ferramentas baseados em solicitações e nas necessidades de desenvolvimento de habilidades.
6. Incentivar a inscrição anual de membros da PALS, pois este é o local onde os esforços de todos os sete setores são coordenados para ajudar a alcançar o ponto de partida para a mudança. (3,5% para a ação e 21% a 25% para a mudança sistêmica). Em nossos esforços para alcançar este ponto, todos os setores são desafiados a duplicar as inscrições a cada ano.

Obrigada por todas as maneiras que vocês têm feito do mundo um lugar melhor, através de suas atividades para atualizar a Laudato Sì. Seu trabalho está fazendo a diferença. Esta tem sido uma caminhada notável e frutífera no movimento do Espírito Santo. Que Deus abençoe seus empenhos à medida que vocês avançam para Semear Esperança para o Planeta.

RELATÓRIO
PARA A ASSEMBLEIA PLENARIA DE 2022



Ir. Yolanta Kafka, RMI
Presidente da UISG



Ir. Pat Murray, IBVM
Secretária Executiva da UISG

Olhar para o Contexto:

As palavras de Charles Dickens de um Conto de Duas Cidades parece descrever melhor estes últimos anos.

> *Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos, era a era da sabedoria, era a era da loucura, era a época da crença, era a época da incredulidade, era a época da luz, era a época das trevas, era a primavera da esperança, era o inverno do desespero, tínhamos tudo diante de nós, não tínhamos nada diante de nós, íamos todos diretos para o céu, íamos todos diretos para o outro lado..... ~ Um Conto de Duas Cidades (Charles Dickens)*

Primeiro o impacto da Covid-19 na saúde e bem-estar e agora a guerra mortal com a Ucrânia mudou nosso foco e criou novos horizontes de diferentes vulnerabilidades tanto no mundo quanto na vida religiosa.

Junto a esses horizontes difíceis, novas formas de proceder como "ajuda mutual", "colaboração" e "parceria" tornaram-se fundamentais dentro de nossas congregações e nossas instituições. Temos experimentado uma grande generosidade tanto dentro de nossas congregações quanto de organizações que acreditam no testemunho humano e evangélico das Irmãs. É por isso que hoje podemos celebrar os frutos de nossa interconectividade na vida religiosa. Combinar nossas riquezas e nossa fragilidade a serviço da Igreja tem sido uma experiência extraordinária de complementaridade inter-carismática. Ela nos levou a sentar e compartilhar em muitas mesas diferentes para plantar e cultivar várias sementes de esperança. Mas antes de tudo, vejamos nossas reuniões ao redor da mesa.

Primeira, A MESA do CONSELHO EXECUTIVO, onde nos reunimos mais do que de costume, tanto presencialmente, como virtualmente durante estes últimos três anos. Reunimo-nos para dialogar, para acompanhar umas às outras, para ter uma visão de diferentes perspectivas e para rezar pedindo a sabedoria necessária para enfrentar a realidade atual. Temos buscado maneiras de promover as orientações que emergiram da Assembleia de 2019 e de responder aos apelos da Igreja, especialmente com as Delegadas. Temos aprendido na mesa da plataforma Zoom que nos deu a possibilidade de nos reunirmos, apesar do desafio de diferentes fusos horários e diferentes línguas.

Segunda, A MESA das duas diretorias dos Conselhos Executivos da USG e da UISG, que se reuniram duas vezes por ano para discutir as questões urgentes enfrentadas tanto pela Igreja como pela vida religiosa. Foram incluídas as Delegadas da UISG em várias destas reflexões. Além disso, os/as Presidentes e Secretários/as Gerais, muitas vezes, se comunicavam a fim de compartilhar reflexões, opiniões, posições e propostas. Podemos dizer que a Assembleia de três dias da USG e UISG em conjunto, realizada em virtualmente, em maio de 2021, confirmou que o caminho de um maior intercâmbio é um caminho do qual não há retorno. Com a ajuda de Deus, continuaremos juntos, como religiosos e religiosas, esta caminhada sinodal, vendo-a como uma oportunidade alegre e esperançosa.

Temos experimentado uma grande generosidade tanto dentro de nossas congregações quanto de organizações que acreditam no testemunho humano e evangélico das Irmãs.

Terceira, há muitas outras MESAS incluindo aquelas das Comissões CONJUNTAS da UISG/USG, onde a colaboração conjunta levou ao crescimento em diferentes áreas da vida e da missão da USG e da UISG. Estas comissões são precisamente as do Cuidado e Salvaguarda, do Diálogo, da Educação, da Saúde e da Justiça, Paz e Integridade da Criação. A tarefa dessas comissões é a de apoiar as Lideranças Gerais em todo o mundo nestas áreas fundamentais da missão e atividades, oferecendo workshops, seminários e conferências.

Esta interconectividade e colaboração compartilhada em muitas mesas se estendeu a outras instituições e entidades dentro da Igreja, especialmente com Dicastérios do Vaticano e Comissões Pontifícias. Tivemos um diálogo formal com a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (CICLSAL), duas vezes, por ano sobre temas importantes relacionados à vida religiosa. Durante a Covid-19 foi constituída uma comissão de tarefas para estudar as modalidades virtuais para os Capítulos e Conselhos. Trabalhamos com a Seção de Migrantes e Refugiados sobre o combate ao tráfico e à migração, que aumenta em tempos de conflito. Com o Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral, houve uma ampla colaboração na criação da Plataforma de Ação Laudato Si. Tivemos reuniões com o Dicastério para a Evangelização dos Povos sobre assuntos de importância para as congregações missionárias e diocesanas. Colaboramos com o Conselho Pontifício para a Cultura na preparação da Conferência sobre Carisma e Criatividade, que infelizmente acontece esta semana, que se realizaria em 2021 e estará acontecendo agora.



Tivemos muitas parcerias e relações de colaboração com Embaixadas junto à Santa Sé, com organizações internacionais como CARITAS, JRS e Santo Egidio, com muitas Universidades Pontifícias em Roma e em outros lugares, e com o Programa de Liderança Discernente, estabelecido pelos Jesuítas a pedido do Papa Francisco.

Percebemos, cada vez mais, que através de nossos contatos com a realidade na base, através de nossa interdependência como congregações, podemos levar nossas preocupações sobre as necessidades das pessoas e do planeta a muitos encontros e contextos diferentes. A natureza profética da vida religiosa, nos chama como Superioras Gerais/Líderes Congregacionais a nos mobilizarmos como uma sororidade global. Nossa interdependência e crescente compreensão da importância de nosso testemunho profético intercultural nos convidam a desenvolver formas de construir comunhão na diversidade, no mundo de hoje.

Nossa experiência de interconexão está nos levando a aprofundar o relacionamento

entre os diversos carismas e a enfatizar o testemunho partilhado através de nosso compromisso como religiosas em nome do Reino de Deus. Por muitos anos já tivemos a experiência de juntas partilhar a missão de Deus, colocando em comum os dons do Espírito Santo, tecendo-os na vida da Igreja. Esta experiência de interdependência e interculturalidade está tendo um impacto portador de mais vitalidade na vida de nossas comunidades.

À luz de Fratelli Tutti, nos sentimos chamados a uma interpretação renovada de nosso relacionamento com a Igreja com base na vocação comum dos batizados e da igual dignidade como filhas e filhos de Deus. Com esta premissa, devemos continuar repensando nossa responsabilidade de construir relações que curem feridas, que promovam a segurança, que evitem abusos e que desenvolvam um clima de cooperação e uma cultura de cuidado.

Nossa Realidade durante estes Últimos Três Anos

Durante o período de dois anos, 2019-2021, por longos períodos, a maioria do pessoal da UISG trabalhou a partir de casa enquanto um pequeno grupo, em torno de 5 pessoas, ia diariamente ao escritório. Assim mesmo, conseguimos distribuir quase 2 milhões de dólares para congregações carentes em todos os continentes, graças à generosidade de muitas congregações religiosas aqui reunidas e presentes virtualmente, assim como à generosidade da Fundação Conrad N. Hilton e do Fundo Conrad N. Hilton para Irmãs. Gostaríamos de agradecer a todas vocês pelo apoio e generosidade que ajudaram tantas comunidades locais em todo o mundo. A gratidão expressa por tantas comunidades de Irmãs que experimentaram esta solidariedade e generosidade aqueceria o coração de vocês.

Agradecemos ao Serviço de Finanças e Subsídios que trabalhou incansavelmente para que o dinheiro fosse distribuído para onde fosse mais necessário. Esta não foi uma tarefa pequena e não fazia parte do trabalho habitual da UISG, mas quando tal necessidade estava sendo sentida, os membros do pessoal queriam garantir que as Irmãs tivessem dinheiro para adquirir materiais de proteção e limpeza, para equipamentos médicos básicos e para alimentos. Durante este mesmo período, a UISG sofreu a perda de quase setecentos mil dólares ($700.000), pela redução nas receitas das contribuições anuais devido às dificuldades de postagem, ao fechamento do restaurante e ao pedido de redução do aluguel dos outros dois locatários. A Fundação GHR ajudou a UISG a cobrir seus custos imediatos.

Todas vocês demonstraram grande confiança na UISG, para ajudar a atender às necessidades das congregações, mas também para ajudar a UISG a continuar cumprindo sua missão mundial. Mais uma vez, estamos indo ao encontro das necessidades do povo da Ucrânia, apoiando as Irmãs que trabalham lá e nos países vizinhos.

A missão da UISG foi adiante apesar dos muitos desafios colocados pela Covid-19. Vocês se lembrarão como respondemos bem, oferencendo um número incrível de webinars a cada ano, destinados a apoiar as líderes das congregações e seus membros, de forma prática, espiritual e inspiradora. Mais uma vez, devemos um agradecimento a duas congregações religiosas, nos EUA, que primeiro ofereceram o financiamento de suporte para a instalação da tecnologia, permitindo que a UISG alcançasse literalmente os confins da Terra. O adicional financiamento da Fundação Conrad N. Hilton e da GHR, permitindo que desenvolvêssemos o trabalho de estruturação tecnológica inicial para que agora possamos oferecer eventos virtuais em vários idiomas. As sessões online que fizeram parte dos primeiros passos desta Assembleia possibilitaram a tradução em muitas (XX) línguas.

Entre 2019-2021 tivemos em torno de 65.000 participantes online. Este número é um indicativo de que muitas vezes participaram comunidades inteiras. A tabela a seguir não inclui todos os eventos organizados.

	2019	2020	2021	Total
N° de Eventos	14	72	62	**148**
Nº de Dias	44	92	75	**211**
Nº de Participantes	5.615	43.563	15.670	**64.848**

* Por favor, note que esta é apenas uma visão geral que não inclui todos os eventos organizados.

Desde então, houve um grande número de participantes adicionais.

Os tópicos oferecidos foram ao mesmo tempo inspiradores e práticos, pois respondemos a muitas solicitações. Alguns dos webinars oferecidos foram os seguintes:

- Equipe de Serviços de Consulta Canônica - Poder, Autoridade e Bom Instituto
- Oficinas Interculturais e Liderança em Comunidades Interculturais
- Curso de Comunicação para Promotores de Justiça e Paz
- Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, na Europa e nos EUA
- Querida Amazônia e Ecologia Integral
- Assembleia Geral da Talitha Kum
- Construir Pontes e Reconciliação
- Proteção de Menores e Pessoas Vulneráveis
- Dia Mundial da Solidariedade e Oração em tempo de Covid-19
- Capacitação sobre o uso do Zoom e outras ferramentas tecnológicas
- Curso de Liderança Online
- CCCI "Transição do cuidado residencial para crianças para o cuidado nas famílias"
- Comunicação para Advocacia
- Sinodalidade - uma nova forma de ser Igreja
- Uma grande variedade de webinars oferecidos pelas Comissões Conjuntas da UISG-USG

A presença de participantes de todo o mundo e as diferentes perspectivas compartilhadas nos deram um novo sentido de quem somos e de quem podemos ser enquanto rezamos, agimos e advogamos em nome do mundo e de seu povo.

Nós nos lamentamos juntas, rezamos juntas, refletimos e planejamos juntas o futuro. Ouvimos a busca umas das outras e aprendemos da perspectiva das Conferências Continentais. Apesar deste momento difícil, houve muitos resultados positivos:

- Temos sido construtoras de novas relações virtuais através das congregações, através das culturas e através das fronteiras geográficas.

- Temos caminhado juntas, através de nossa experiência de vulnerabilidade, fragilidade e uma sensação de impotência.
- Estamos agora apoiando nossas Irmãs que estão na Ucrânia e nos países vizinhos que estão acolhendo refugiados que estão deixando sua pátria aos milhões. Decretamos esta e outras guerras sem sentido e rezamos ao Deus da Paz para intervir e suavizar os corações das pessoas que promovem a divisão e a destruição.
- Agora estamos refletindo juntas sobre como alimentar a sinodalidade em nós mesmas, em nossas congregações e na Igreja Universal.

Todos esses esforços não teriam sido possíveis, exceto pela experiência dos Departamentos Técnicos e de Comunicação da UISG. Não podemos agradecer o suficiente por sua generosidade e disponibilidade muitas vezes em horários mais indesejáveis, inoportunos. Junto com um grupo fiel de tradutores, expandiram a abrangência do



trabalho e a influência da UISG. Eles nos ajudaram a nos tornar verdadeiramente uma fraternidade/sororidade global.

Desde nossa última Assembleia em 2019 com o tema Semeadoras de Esperança Profética - temos semeado novas sementes, nutrindo o crescimento e colhendo frutos. Estas próximas seções explorarão o que é novo e o que está sendo cultivado.

A: Semear Novas Sementes:

Iniciativa Alzheimer:

Com a ajuda da Fundação Conrad N. Hilton, a UISG em parceria com a LCWR lançará em breve uma nova iniciativa mundial para apoiar as Irmãs que vivem com Alzheimer. O objetivo é ajudar as líderes, comunidades, famílias e cuidadores e identificar as necessidades específicas em diferentes partes do mundo. Estes passos iniciais começaram há alguns meses, quando foi formado um comitê internacional. A Iniciativa Alzheimer

será lançada, oficialmente, na próxima segunda-feira, dia 9 de maio, às 14h (horário de Roma) por Ir. Jane Wakahiu, LSOSF, durante o encontro das delegadas. Convidamos vocês a se registrarem e a unirem-se a nós nesse dia.

Irmãs Idosas

Mais recentemente, a UISG e a Fundação Conrad N. Hilton lançaram um processo consultivo para determinar as necessidades das Irmãs mais idosas. Com o título: Nossas Irmãs, Nosso Futuro: Saúde e Cuidado Espiritual para o Envelhecimento. O objetivo é identificar as necessidades das Irmãs mais idosas e buscar maneiras de responder, adequadamente, com sensibilidade cultural. A abordagem precisa ser diferente nas diferentes partes do mundo e por isso precisamos da mais ampla participação possível para ajudar a Fundação Conrad N. Hilton a planejar o melhor uso do futuro financiamento. Já tivemos dois webinars para começar a identificar como apoiar as congregações

Nós nos lamentamos juntas, rezamos juntas, refletimos e planejamos juntas o futuro.

e suas líderes. Em breve, com base no que já foi obtido dos webinars, uma pesquisa será distribuída. Precisamos de um bom e alto índice de resposta e incentivamos a sua participação.

Recentemente, o Papa Francisco criou o Dia Mundial dos Avós. Disse que cada um de nós deve "tomar parte ativa na renovação e no apoio às nossas sociedades conturbadas", ele disse que os idosos/as, melhor do que ninguém, podem ajudar a estabelecer três dos pilares que sustentam "esta nova construção", que incluem sonhos, memória e oração. Nós conhecemos o tesouro que as pessoas idosas da sociedade ainda têm a partilhar quando são ajudadas a viver uma vida vibrante e ativa. Infelizmente, para algumas, seus sonhos e sua memória desapareceram, mas é então que precisamos apoiá-las durante todos os seus dias, o melhor que podemos, acompanhá-las na vivência de sua vocação até o momento da Páscoa.

Irmãs Advogantes (defensoras):

Uma terceira iniciativa nova chamada foi a das "Irmãs Advogantes" (defensoras) que tem sido apoiada pelo Fundo Global para as Irmãs (Global Sisters' Fund - GSF), criado mais recentemente. O GSF tem como objetivo promover parcerias de colaboração entre diferentes setores da sociedade para promover um desenvolvimento humano holístico, inclusivo e sustentável. Esta iniciativa é inspirada pela liderança moral do Papa Francisco. Ela apóia os empreendimentos existentes da UISG - Talitha Kum e Semeando Esperança para o Planeta, oportunizando capacitação e suporte às Irmãs em relação à advocacia - defesa da vida - e comunicação. Ela também visa ajudar às Irmãs a desenvolver e fortalecer as redes que lidam com o cuidado com a saúde. Esta é obviamente uma área crítica na esteira da Covid-19 e as Irmãs, em muitas partes do mundo, viram como é crucial ser capaz de responder rapidamente e de forma colaborativa a crises dentro do espaço de cura. O objetivo da iniciativa é expresso simplesmente na seguinte declaração: Nós somos suas Irmãs. Estamos comprometidas com a advocacia, isto é, em defendê-las e, junto com vocês, compartilhamos uma caminhada de cuidado com as pessoas e com o meio ambiente. Acreditamos num mundo onde todos e todas experimentam o sentido da dignidade humana. Construímos nossa missão a partir de evidências de nosso trabalho na base, inspiradas pela reflexão sobre a mensagem do Evangelho, o ensinamento social da Igreja e a liderança do Papa Francisco.

Internacional Cuidado Católico para Crianças - Catholic Care for Children International - (CCCI)

Pouco antes da Assembleia de 2019, a Fundação GHR organizou um seminário de dois dias sobre o Cuidado Católico para Crianças - uma iniciativa africana liderada por uma Irmã, que visa ajudar as congregações a passar do cuidado institucional de crianças para o cuidado baseado na família ou cuidado familiar para crianças. A iniciativa começou na Zâmbia e depois se espalhou para Uganda e Quênia. O escritório internacional foi inaugurado logo no início da Covid e, portanto, o que aconteceu nestes anos intermediários foi nada menos que milagroso. Vocês ouvirão mais sobre esta iniciativa na sexta-feira, mas basta dizer que o movimento se espalhou pelo Sri Lanka, Índia, Malauí e África do Sul. A Sagrada Escritura, a Doutrina Social Católica e a pesquisa científica afirmam que as crianças crescem melhor nas famílias e, portanto, a CCCI está comprometida com a expansão global deste movimento. Temos que aprender com as lições do passado e sermos líderes que promovam a mudança sistêmica nesta área.

Escritório da UISG para o Cuidado e Salvaguarda e Comissões Conjuntas da UISG/USG para o Cuidado e Salvaguarda:

O Escritório de Cuidados e Salvaguarda da UISG foi criado após a Assembleia de 2019 e procura ajudar as congregações de religiosas a desenvolver políticas e diretrizes que sejam realmente operacionais. Foi alcançado muito num curto espaço de tempo. O Escritório também apóia a Comissão Conjunta UISC/USG, cujos membros incluem religiosas e religiosos que têm vasta experiência, representantes da Comissão do Vaticano para Cuidados e Salvaguarda e outros especialistas. O principal trabalho da Comissão tem sido estabelecer uma rede mundial de representantes de Congregações Religiosas (nomeados pelos/as Superiores/as Gerais/Líderes de Congregações) que se reúnem, regularmente, para atualização em relação a assuntos canônicos, melhores práticas e reflexão sobre vários aspectos de abuso e salvaguarda que continuam a surgir. Convidamos vocês a refletirem, a discernirem e a nomearem alguém para fazer parte desta rede mundial, que é um recurso importante para vocês e para sua equipe de liderança. Os vários webinars, apresentados nos últimos dois anos, foram recentemente publicados em italiano e em breve estarão disponíveis em inglês e espanhol. Os tópicos

apresentados são importantes para sua reflexão e consideração. A nova área emergente é a do abuso espiritual e, cada vez mais, o tema está emergindo em artigos, publicações e seminários. É um tema que a Comissão Conjunta tratará no próximo ano.

Teologia da Vida Religiosa e Formação Teológica

Durante esses dois últimos anos, um grupo de 29 Irmãs teólogas tem se reunido online, refletindo juntas sobre a vida religiosa e escrevendo artigos sobre a vida religiosa através da lente de suas disciplinas particulares. O objetivo da iniciativa tem sido identificar e alimentar novas vozes a partir de diferentes perspectivas e experiências culturais. A maioria do grupo se reunirá durante uma semana, em junho próximo, para aprofundar suas reflexões. Elas foram coordenadas neste processo por três teólogas que lideram instituições ou programas focados na vida consagrada. O objetivo é identificar um Segundo grupo e recomeçar o processo em 2023.



Refletindo sobre o que havia sido oferecido on-line durante o período da Covid-19, sentiu-se que precisávamos focalizar mais nossas apresentações na natureza da própria vida religiosa - vida consagrada, os votos, a vida comunitária - e assim os programas futuros se concentrarão nestas áreas.

Novo Website – Nova Marca

Esperamos que vocês gostem do novo logotipo e do novo website. Graças ao trabalho empenhado do Departamento de Comunicações, ao Conselho Executivo foi apresentado com uma gama de opções. Este logotipo particular foi escolhido por causa de sua vida, vitalidade e diversidade. Pareceu-nos expressar de forma criativa a paixão por Cristo e pela humanidade que as mulheres religiosas levam para sua missão e serviço. Pretendemos usar mais o lado restrito, privado do site na comunicação com os membros - portanto, vocês precisam conhecer seu código e sua senha - e preparamos estes cartões para ajudá-las a se lembrar. Aqui encontrará o Boletim UISG que estamos agora a publicar

online. Sabemos que os artigos são muito apreciados e que terá acesso a eles em todas as línguas. O departamento de comunicação chegou até si através do website, dos meios de comunicação social e dos boletins informativos. Estamos a tentar simplificar as comunicações para que haja um padrão regular que não seja avassalador.

B: Cultivar o Crescimento e Colher Frutos

Tanta coisa foi cultivada e nos alimentou durante estes últimos anos. No final da semana nos será apresentada uma visão geral sobre a iniciativa Semear Esperança para o Planeta e sobre a rede mundial Talitha Kum. Nesta fase, queremos reconhecer o extraordinário crescimento que tem sido cultivado em ambas. O site Semear Esperança para o Planeta é um caleidoscópio extraordinário de recursos, atividades e eventos compartilhados em vários idiomas. Os membros das Constelações realmente levaram a sério o compromisso que assumimos juntas na conclusão da Assembleia de 2019, quando prometemos "*à conversão pessoal e comunitária" e que "desejamos avançar juntos em uma resposta orquestrada e coordenada na escuta do grito da Terra e do grito dos Pobres enquanto avançamos como instrumentos de esperança no coração do mundo". As respostas de suas congregações têm sido extraordinárias - vamos continuar nesta caminhada, desempenhando nosso papel na Plataforma de Ação Laudato Si.*

Talitha Kum atingiu vários marcos importantes - celebrou seu 10º aniversário, aumentou o número de redes na África, ofereceu sessões de cpacitação a líderes e produziu o documento de Apelo à Ação que foi aprovado pelo Conselho Executivo da UISG. Vocês ouvirão mais sobre isso no final da semana. A rede Talitha Kum é agora amplamente reconhecida tanto pela Igreja como pelas ONGs internacionais e agências intergovernamentais. Muitos embaixadores junto à Santa Sé são muito ativos no apoio ao trabalho do Talitha Kum. Os 4 principais objetivos do Apelo à Ação contêm 4 palavras significativas: CUIDADO, CURA, EMPODERAMENTO E RESTAURAÇÃO. Estas resumem a identidade desta rede mundial que une 60 redes nacionais e regionais e suas irmãs e colaboradores. Em contextos de guerra e desastres ambientais, as pessoas estão cada vez mais em risco. É terrível ouvir falar de mulheres que fogem dos horrores da guerra na Ucrânia, sendo enganadas pelos traficantes com promessas de cuidado. Ter 60 redes nacionais e regionais em todo o mundo é um fenômeno, assim como as milhares de Irmãs e seus/suas colaboradores/as. A Talitha Kum expressa sua missão da seguinte forma: "Cuidamos das pessoas feridas pela exploração e agimos contra as desigualdades causadas pelos sistemas econômicos e culturais". Agradecemos aos membros da TK que fazem este trabalho em nome de todas nós.

Programa para Formadoras

A UISG tem oferecido um programa para o Pessoal da Formação durante os últimos 4 anos. O primeiro programa foi presencial, o segundo foi uma mistura de presencial e virtual devido à pandemia da Covid. O terceiro programa foi apenas online e, felizmente, o programa atual está sendo presencial. Há 46 participantes neste programa de 5 meses e, ao longo dos anos, os seguintes números de Irmãs têm participado do programa:

YEAR	PARTICIPANTS	CONGREGATIONS	PAÍSES
2019	33	23	25
2020	44	33	25
2021	37	23	22
2022	45	30	22
TOTAL	**159**	**109**	**94**

Houve uma boa apreciação expressa por este programa bem equilibrado com apresentadores/as vindos de Roma e do exterior e com participantes de mais de 20 países diferentes. É encantador ver que os três primeiros grupos ainda estão se conectando e se ajudando mutuamente, através de seus grupos WhatsApp.

Projecto Migrantes

A iniciativa na Sicília teve início em 2015 durante a primeira fase da crise dos refugiados na Europa, quando milhares de migrantes atravessaram o Mar Mediterrâneo em frágeis embarcações fugindo de guerras, conflitos e pobreza. Este projecto marcou o 50º aniversário da fundação da UISG a 8 de Dezembro de 1965, durante a sessão final do Conselho do Vaticano. Os migrantes estavam e continuam à procura de novas oportunidades para si próprios e para as suas famílias. Sob a competente liderança da Sr. Elisabetta Flick - que infelizmente morreu durante o período inicial da pandemia de Covid - foram estabelecidas comunidades em Ramacca, Agrigento e Caltanissetta e, mais recentemente, em Lampedusa. No total, 29 irmãs serviram na Sicília durante os últimos 7 anos e estamos muito gratas pelo seu serviço dedicado e generoso. No entanto, os migrantes, que atravessam o Mediterrâneo, já não são trazidos de Lampedusa e de outros lugares para a Sicília. Em vez disso, estão a ser transferidos para outros locais em Itália. Por conseguinte, uma a uma, as comunidades UISG na Sicília completaram a sua missão. A partir de Setembro, apenas a comunidade de Lampedusa permanecerá. O foco do Projecto Migrantes está agora em trabalhar a nível internacional, trabalhando em rede com irmãs e oferecendo formação contínua às irmãs que trabalham com migrantes em diferentes partes do mundo.

Solidariedade com o Sul do Sudão

A UISG, como um dos fundadores da USG desta importante iniciativa intercongregacional no Sul do Sudão, continua a oferecer apoio de diferentes formas. Desde o seu pequeno início em 2009, a Solidariedade com o Sul do Sudão tem continuado a expandir-se a fim de satisfazer as necessidades educacionais, pastorais e agrícolas do povo. O enfoque está no desenvolvimento de capacidades para que os próprios sudaneses do Sul possam tornar-se agentes de mudança dentro do seu próprio país, que em tão desesperada necessidade de construtores e reconciliadores da paz. Desde o início, muitas congregações femininas forneceram pessoal e recursos financeiros para o crescimento e desenvolvimento deste novo paradigma de vida religiosa.

Não mencionámos por nome todo o pessoal da UISG que apoia activamente as várias iniciativas acima mencionadas. Estendemos a eles a nossa gratidão pelo seu extraordinário serviço e apoio que o ajuda como líderes da vida religiosa feminina a responder em colaboração às necessidades dos dias de hoje.

Desafios pela Frente

A: Nossa Caminhada Sinodal. O Sínodo sobre a sinodalidade é o apelo para colaborar na renovação da Igreja e na renovação de nossos Institutos e de nossas vidas. Qual é a resposta das Igrejas locais das quais fazemos parte? Quais são as implicações concretas para a vida religiosa nos processos de discernimento e de tomada de decisões na Igreja?

O que significa sinodalidade para novas formas de exercer a autoridade para que possamos desenvolver a cultura do cuidado, do serviço, do respeito. Isto exigiria uma nova compreensão dos conselhos evangélicos. A obediência seria vista como uma prática de discernimento e um compromisso de colocar a vontade de Deus no centro de nossa vida pessoal, nossa liderança, a vida de nossas comunidades e de nossas congregações. A pobreza evangélica enfatizaria o apelo a compartilhar e a ser uma alternativa radical à

cultura do consumismo, da ganância e da exploração de recursos. A pobreza nos desafiaria a compartilhar a vida das pessoas que têm menos. A castidade consagrada apelaria para a capacidade de ser o fermento da fraternidade na formação de comunidades inclusivas e que criem novas redes de relacionamento dentro da Igreja e da vida religiosa. Devemos nos questionar novamente sobre estas diversas perspectivas.

Pode o processo da sinodalidade propor mudanças nas formas de conduzir as visitas "at limina"; este é um encontro importante entre a Igreja local e a Igreja universal.

Portanto, os/as religiosos/as devem participar da visita em si e da preparação dos relatórios diocesanos, e ao dar feedback depois das visitas aos diferentes Dicastérios e do encontro com o Santo Padre.

Nossa experiência de participação no Sínodo da Amazônia foi uma boa experiência. Houve várias experiências de diálogo e colaboração neste processo Sinodal atual.

- Estamos atuando juntos na consulta e participando das reuniões de escuta e contribuindo na igreja local.
- Estamos participando na elaboração de processos e na utilização da metodologia sugerida pelo Escritório do Sínodo.
- Estamos tomando o cuidado de tentar escutar a todos. Estamos frequentemente nas periferias da vida, na sociedade e na igreja e estaremos lá para ajudar e facilitar a participação de todas as vozes no processo sinodal.
- Estamos aproveitando esta oportunidade do apelo ao processo sinodal para renovar a vida de nossas congregações, porque a sinodalidade não é apenas uma metodologia, mas é também a prática do discernimento para responder ao apelo do Espírito Santo hoje.

Através da renovação de cada congregação, através da experiência de escuta e partilha sinodal, podemos enriquecer o caminho sinodal das comunidades locais da Igreja. Fomos chamadas a colocar nossos carismas e tradições particulares a serviço do processo sinodal, porque os caminhos sinodais estão impressos em nosso modo de vida como religiosas. Transições e transformações na luz e no processo das caminhadas sinodais inspiraram nossas congregações. Isto permitiu o surgimento de mais processos consultivos e proporcionou espaços e projetos de renovação.

Nesta caminhada sinodal, o principal protagonista é o Espírito Santo. Quando tomamos consciência disto, descobrimos que devemos escutar o Espírito e sintonizar-nos com as mais profundas aspirações do Espírito, deixando-nos iluminar pela simplicidade e pobreza de coração, pois só o Espírito opera maravilhas. O Papa Francisco repete, regularmente, que o Sínodo não é uma convenção, na qual compartilhamos nossos modos de pensar, mas um processo onde escutamos o Espírito Santo com uma atitude de profunda fé e discernimento.

A UISG já teve experiências concretas de participação nos processos de preparação e celebração dos recentes Sínodos dos Bispos. Temos uma experiência muito rica sobre a qual refletir e iluminar os novos desafios que nos são apresentados. Esperamos encontrar maneiras de fazer isso juntas, como líderes.

Em julho de 2021, o secretariado do Sínodo organizou um breve seminário onde várias tradições carismáticas estiveram presentes. Congregações de vida religiosa e vários movimentos eclesiais falaram de suas experiências históricas de sinodalidade. Eles descreveram as possíveis ferramentas ou instrumentos que poderiam ser úteis para os processos sinodais nas igrejas locais. Percebemos as riquezas que existem nas congregações religiosas. No final dessas sessões, algumas pessoas mencionaram o quanto seria seria prático e inspirador descobrir em cada igreja local qual é a contribuição de cada carisma específico e tradição congregacional para o caminho sinodal da igreja.

B: Lidar com a Vulnerabilidade e a fragilidade

Lederança e autoridade: Na UISG, temos trabalhado para acompanhar e formar líderes para a vida religiosa contemporânea. Ao mesmo tempo, percebemos que há muito a refletir e a mudar em nossas práticas. Entendemos que o apelo de Jesus é par exercer "uma liderança não dominante", porque Ele diz: há apenas um mestre. Este tempo de Covid nos deu a oportunidade de refletir sobre o cuidado e o acompanhamento necessários em nosso serviço de liderança.

Nós fomos chamadas a promover uma forma mais circular e inclusiva de exercer o serviço de autoridade. Esta mudança de paradigma exige um novo modelo de cuidado e comunhão

Ofereço duas imagens:

- Primeiro, o serviço de autoridade é semelhante ao papel dos "sherpas", nos Himalaias, que guiam os escaladores, dando apoio no caminho que já percorreram muitas vezes; eles são capazes de carregar o fardo dos outros; no entanto, não serão aclamados como heróis nos artigos dos jornais que aplaudem aqueles que alcançaram o cume.
- Em segundo lugar, pensemos num barco. Percebemos como é importante cuidar da equipe que dirige o barco. Mas não nos esqueçamos de cuidar das velas, assegurando que elas estejam abertas, prontas para se expandir para a direção em que o vento sopra... para o bem da missão.

Meu desejo mais profundo é que todas as religiosas vivam alegremente o amor e serviço à humanidade! Com relação às questões sobre nossa missão no mundo - tantas vezes nossa identidade e o carisma estão associados ao fazer, mais do que ao ser. Estamos sendo chamadas a restaurar a identidade carismática da vida religiosa como um dom para a vida da Igreja.

Vulnerabildade

Ao nos concentrarmos no tema da vulnerabilidade, estamos de fato cientes de suas diferentes formas. Por exemplo, tocamos a vulnerabilidade das congregações e províncias que estão chegando ao fim. A diminuição geral das vocações é preocupante para muitos, na Igreja. As experiências das congregações que enfrentam a fusão de carismas e institutos falam e refletem uma nova realidade. De todos estes fenômenos, há uma necessidade de interpretar ciclos de crescimento e diminuição à luz da graciosa história da vida religiosa e de ler a história da vida religiosa à luz do apelo do Espírito à Igreja... É importante refletir sobre essas novas experiências e compartilhá-las entre nós. A UISG proporciona um espaço onde juntas podemos trocar nossas experiências, sabedoria e inspiração.

Estas mudanças exigem sabedoria na gestão da transição e transformação - uma transição da cultura fundadora com abertura para novas culturas e novas configurações. Esta transformação requer imaginação na criação de novas formas de estabelecer comunidades, de prover apoio institucional e de buscar novas formas de compartilhar o serviço da autoridade. Precisamos buscar e criar um novo vocabulário, como somos convidadas a fazer no document Vinho Novo em Odres Novos.

Nossa vulnerabilidade está ligada ao papel da mulher na Igreja. Quantas vezes acontece que aqueles que deveriam fazê-lo, não se preocupam "com as necessidades de cada homem e mulher, jovem e velho, com o cuidado e a proximidade que marcaram o Bom Samaritano" (cf. Fratelli Tutti 79.) Devemos rever nossos sistemas e estruturas para ver se há algo dentro de nossas comunidades, onde podem ocorrer abusos? Quando falamos de vulnerabilidade, o que nos pede hoje a radicalidade da vida religiosa?

O tempo em que vivemos está nos levando a uma compreensão mais profunda de nossa vulnerabilidade; um sinal da condição humana que compartilhamos com todas. Como disse o filósofo espanhol J.M. Esquirol: a vulnerabilidade é parte de nossa condição humana. Paradoxalmente, experimentar a vulnerabilidade nos proporciona uma oportunidade de nos tornarmos mais humanos. Não se trata de exaltar a dor ou o sofrimento, mas de reconhecer uma forma de ser humano que se curva, que se inclina com respeito para o próximo, assim como a abóbada celeste se curva sobre a terra; uma forma de vida que sabe se abrigar e acompanhar, esperar e dar abrigo"[1]. Estas ideias ocuparão nossos corações e mentes nos próximos dias.

Mas existe uma vulnerabilidade mais radical para a qual somos chamadas. A pessoa humana feita à imagem e semelhança de Deus que é Trindade, tem três abismos infinitos, ou profundidades que na realidade são três capacidades insondáveis para o infinito. Estas três incluem uma disposição ativa para a plenitude, a consciência da pobreza radical e o isolamento do não conhecimento e, finalmente, a fome insaciável por seu amor. Somente o Pai, o Filho e o Espírito Santo podem preencher este triplo abismo completamente e para sempre. Ser e viver com o Pai, conhecer com o Filho e amar com o Espírito Santo. Somente na convivência, na união comum, podemos ser preenchidos com a plenitude de Deus.

Finalmente, lembremo-nos de que algo novo está acontecendo. O Congresso sobre Vida Religiosa de 2005 "Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade" reconheceu que a vida consagrada estava envolvida no processo de globalização quando disse "Nossos carismas estão enraizados em novos lugares e contextos religiosos e culturais". Estas diferenças convertem nossos institutos em comunidades transnacionais que gozam da mesma identidade global". A natureza globalizada da pandemia se tornou uma oportunidade que nos ajudou a reconhecer "a unidade na diversidade do mundo tão amado por Deus". Fomentou em nós uma sensibilidade global que nos abriu "para possibilidades reais de inculturação e contextualização de nossos carismas e para uma colaboração mais estreita com outras congregações e com outras formas de vida cristã e humana". Agora, mais do que nunca, reconhecemos o pluralismo e a diversidade que a vida consagrada agora abraça. Vemos que os carismas individuais são "reconhecidos, libertados e colocados a serviço dos outros". Nossa vida consagrada, que pode conter diferenças de gênero, idade, cultura, ritos e sensibilidades, pode ser um sinal profético para o mundo e nos ajudar a compreender melhor o pluralismo, iluminando-o com a sabedoria do Evangelho.

As palavras inspiradoras do documento são tão relevantes, hoje, como quando foram escritas em 2005. Mais uma vez, podemos reconhecer que enquanto nossas formas de vida consagrada estão em um momento de transição, sabemos que experimentamos um amor apaixonado por Cristo e uma compaixão por nossos irmãos e irmãs, que nos leva adiante juntas.

Expressamos nossa gratidão a Deus por todos os momentos em que pudemos nos acompanhar mutuamente durante esta caminhada de três anos... Nossa gratidão a cada uma de vocês que se sentem parte desta experiência de vocação e missão compartilhadas na UISG.

1 Humano mais humano. Uma antropologia da ferida infinita, Barcelona, Acantilado, 2021
2 Passion for Christ, Passion for Humanity, Scritto da Congresso 2004 Vita Consacrata Publica to: Gen 27, 2006 #20.
3 Ibid., # 21.
4 Ibid.
5 Ibid., #34

COM O CORAÇÃO NO OUVIDO

Esta é a mensagem escrita durante o Encontro da Assembleia Plenária pelas Irmãs Ouvintes:

Ir. Maria Cimperman, RSCJ

Ir. Lia Latela, RMI

Ir. Gemma Simmonds, CJ

Parafraseando a primeira carta de São João, dizemos: O que ouvimos, o que os nossos olhos viram e o que as nossas mãos tocaram, a palavra fez solidariedade global, esta é a nossa mensagem.

Sentimo-nos honradas e emocionadas por termos sido convidadas a participar nestes dias da assembleia da UISG que, em continuidade com o passado, está a marcar criativamente o presente e a motivar apaixonadamente a visão para o futuro da vida religiosa, partindo da sua vulnerabilidade em sinodalidade com a Igreja universal.

Um **gesto simples e significativo de braços abertos** fez-nos ouvir a música do desejo de nos encontrarmos, de nos conhecermos, de nos acolhermos uns aos outros para além das diferentes línguas e dos desafios da comunicação.

Os nossos ouvidos regozijaram-se ao ouvir a intensidade dos aplausos com que expressámos a nossa profunda gratidão pelo serviço da UISG; levantamo-nos como um sinal de reconhecimento. Pronunciámos a palavra OBRIGADA repetidamente. Obrigada: sentimo-nos acompanhadas, crescemos como pessoas e como líderes, alargando os nossos horizontes. **Sentimo-nos em casa.**

Ouvimos a **voz do silêncio** durante as apresentações, em reflexões pessoais e em oração. Ouvimos a intensidade e a paixão do que foi expresso e partilhado na dinâmica sinodal das nossas histórias, da nossa realidade, dos nossos pensamentos e sentimentos... Como disse o Papa Francisco: criámos uma cultura de encontro.

Ao longo destes dias, foi construído um mosaico de significados em torno das palavras sinodalidade, vulnerabilidade e vida religiosa, levando-nos a oferecer a seguinte reflexão:

- A nossa vulnerabilidade é profética. Precisamos de a abraçar como uma força para nos abrir ao Evangelho ousado e criativo, vivendo ao serviço da humanidade vulnerável, confiando na graça que encontramos no vazio. Isto é Parresia.
- Estamos num processo de transformação. Desejamos viver a comunhão em autenticidade e reciprocidade integral na nossa vida e missão, seguindo Cristo que se atreveu a ser vulnerável. Fomos escolhidas como líderes com a nossa fragilidade, bem como com a nossa competência e autoridade.
- Caminhando juntas em sinodalidade, apropriamo-nos da história, da qual não existe uma versão única, em processos de inclusão, com diversidade de perspetivas, contextos e culturas. Isto precisa de ser vivido ao nível da liderança e também ao nível das comunidades locais e da Igreja.
- Queremos caminhar como pessoas e comunidades de hospitalidade, dando tempo e espaço para ouvir, sabendo quando falar e quando calar, criando e vivendo na vida diária a espiritualidade da sabedoria.
- Como mulheres na Igreja, desejamos viver a nossa vocação como uma presença transformadora, dando testemunho de paciência, mas também de persistência e resistência. O Mistério Pascal lembra-nos que através da resposta não violenta de Jesus, Deus age de forma surpreendente para construir a paz no nosso mundo.

Estes dias convidaram-nos a:

- Um novo estilo e processo de liderança que exerce autoridade ouvindo, especialmente, os sem voz dentro e fora das nossas comunidades;
- Um reconhecimento da realidade do abuso de poder. Pedimos perdão e encorajamos o diálogo restaurativo entre as pessoas feridas. Reconhecemos a força e a vulnerabilidade encontradas na reconciliação;
- Um desejo de caminhar juntas como uma comunidade de pertença, com todo o povo de Deus, igual em dignidade e diverso em vocação, num mundo e num planeta sedento de justiça e paz na esperança de Cristo Ressuscitado;
- Ser testemunhas de uma vida religiosa fresca e alegre que se transforma e transforma.

Comprometo-me a viver uma sinodalidade vulnerável através do serviço como líder, animando-a dentro da comunidade juntamente com o povo de Deus.

CONSELHO DIRECTIVO DA UISG (2022-2025)

PRESIDENTA	**Sr. Nadia Coppa, ASC (Italia)** *Adorers of the Blood of Christ*
VICE-PRESIDENTA	**Sr. Mary Teresa Barron, OLA (Irlanda)** *Sisters of Our Lady of the Apostles*
	Sr. Roxanne Schares, SSND (USA) *School Sisters of Notre Dame*
	Sr. Theodosia Baki, TSSF (Cameroun) *Tertiary Sisters of St. Francis*
	Sr. Graciela Francovig, FI (Argentina) *Hijas de Jesus*
	Sr. Theresa Purayidathil, EF (India) *Daughters of the Church*
	Sr. M. Jose Gay Miguel, CMT (España) *Teresian Missionary Carmelites*
	Sr. Miriam Altenhofen, SSpS (Germany) *Missionary Servants of the Holy Spirit*
	Sr. María Rita Calvo Sang, ODN (España) *Order of the Company of Mary Our Lady*
	Sr. Antonietta Papa, FMM (Italia) *Missionaries Daughters of Mary*
SUBSTITUTAS	**Sr. Dolores Lahr, CSJ (USA)** *Sisters of St. Joseph of Chambéry*
	Sr. Patricia del Carmen Villaroel Garay, SSCC (Chile) *Sisters of the Sacred Hearts of Jesus and Mary*
	Sr. Anna Josephina D'Souza, SAC (India) *Missionary Sisters of the Catholic Apostolate (Pallottines)*
SECRETARIA EXECUTIVA	**Sr. Patricia Murray, IBVM (Irlanda)** *Institute of the Blessed Virgin Mary (Loreto Sisters)*

PESSOAL DA UISG

SECRETARIADO	**Sr. Patricia Murray, ibvm** Secretária Executiva	segretaria.esecutiva@uisg.org 0668.400.236
	Sr. Mary John Kudiyiruppil, SSpS Vice-Secretária Executiva	vice.segretaria@uisg.org
	Rosalia Armillotta Assistente da Secretária Executiva	ufficio.segreteria@uisg.org 0668.400.238
FINANÇAS	**Aileen Montojo** Administradora de Finanças	economato@uisg.org 0668.400.212
	Sr. Sunitha Luscious, zsc Assistente Administradora de Finanças	
	Patrizia Balzerani Secretária Membership	assistente.economato@uisg.org 0668.400.249
COMUNICAÇÃO	**Patrizia Morgante** Responsável de Comunicação	comunicazione@uisg.org 0668.400.234
	Sr. Thérèse Raad, sdc Assistente de Comunicação	assistente.comunicazione@uisg.org 0668.400.233
	Antonietta Rauti Coordinadora de Boletim UISG	bollettino@uisg.org 0668.400.230
SERVIÇOS	**Sr. Florence de la Villeon, rscj** Coordinadora Serviços técnicos	sicily@uisg.org 0668.400.231
	Svetlana Antonova Assistente Técnica Serviços Gerais	assis.tec@uisg.org 0668.400.250
	Riccardo Desai Assistente técnico para computadores	tecnico@uisg.org 0668.400.213
PROJECTOS	**Sr. Gabriella Bottani, smc** Coordinadora Talitha Kum International	coordinator@talithakum.info 0668.400.235
	Sr. Abby Avelino Talitha Kum International Coordination Team	
	Sr. Mayra Cuellar, mb Talitha Kum International Coordination Team	
	Sr. Mary Niluka Perera, sgs Catholic Care for Children International	ccc@uisg.org 0668.400.225
	Claudia Giampietro Office for Care and Protection	safeguarding@uisg.org 0668.400.225
	Sr. M. Cynthia Reyes, sra Coordinadora Programa Formação UISG	formators.programme@uisg.org 0668.400.227

PESSOAL DA UISG

	Sr. Paula Jordão, vdmf Formation Coordinator	formation@uisg.org 0668.400.245
	Giulia Oliveri Grant Manager	gm@uisg.org 0668.400.229
CONSULTORES EXTERNOS	**Miriam Coco** (Finanças)	
	Miriam Bartolo (Comunicação)	
	Nawoika Mocek Gallina (Comunicação)	
	Marion Lugagne Delpon (Talitha Kum)	
OUTROS CONTACTOS UTILES	**Sr. Carmen Elisa Bandeo, SSpS** International Migrants and Refugees Network	rete.migranti@uisg.org
	Ms. Giulia Cirillo Sisters Advocating	advocacy.comms.coordinator@uisg.org
	Consiglio Canoniste	canoniste@uisg.org 0668.400.223